

Princípios

Revista teórica, política e de informação

MAIO/1984 Cr\$ 2000,00



**O TROTSKISMO
CORRENTE POLÍTICA
CONTRA-
REVOLUCIONÁRIA**

**O FREUDISMO
E OS "FREUD-
MARXISTAS"**

**O MARXISMO,
DOCTRINA
VITORIOSA
E IMORTAL**

**O PAPEL SOCIAL
DA ARTE
PROGRESSISTA**

EDITORA ANITA GARIBALDI

8

ÍNDICE

DIREITA CONTRA AS DIRETAS 1

O TROTSQUISMO CORRENTE POLÍTICA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

João Amazonas 3

O MARXISMO, DOCTRINA VITORIOSA E IMORTAL

Foto Çami 15

EM DEFESA DA LIBERDADE-UM DISCURSO HISTÓRICO

Maurício Grabois 25

O FREUDISMO E OS "FREUD-MARXISTAS"

A. A. Zhdanov 31

A ATUALIDADE DE MATERIALISMO E EMPIRIOCRITICISMO, 75 ANOS DEPOIS DE SUA PUBLICAÇÃO

Olival Freire Jr. 39

O PAPEL SOCIAL DA ARTE PROGRESSISTA

A. Stoliarov 44

OS QUILOMBOS DE SALVADOR

Manoel Antonio dos Santos Neto 51

Capa: "Os Construtores"
Fernand Léger

O TROTSQUISMO CORRENTE POLÍTICA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

Artigo de fôlego em que o veterano dirigente comunista João Amazonas desenvolve o combate teórico às teses antimarxistas e antileninistas do trotsquismo e põe a nu o caráter contra-revolucionário dessa corrente política.

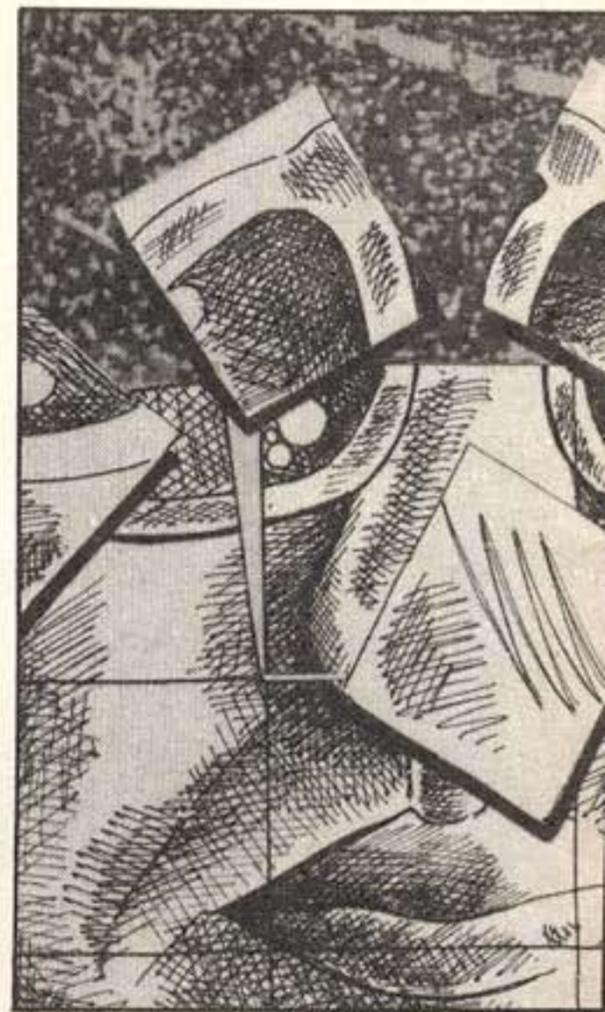
PÁGINA 3



O MARXISMO, DOCTRINA VITORIOSA E IMORTAL

Neste discurso, pronunciado por um dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, reafirma-se a atualidade das idéias de Marx, que representaram uma verdadeira revolução no pensamento social. O Marxismo, ideologia triunfante, inspira o proletariado e os povos em todo o mundo na luta por sua completa emancipação.

PÁGINA 15



O FREUDISMO E OS "FREUD-MARXISTAS"

Artigo editado em 1931 na União Soviética pela revista *Literatura Proletária*, em que se faz uma crítica marxista aos pontos de vista idealistas e anticientíficos de Freud e seus seguidores, os chamados neo-freudianos e "freud-marxista".

PÁGINA 31



O PAPEL SOCIAL DA ARTE PROGRESSISTA

Trechos de um informe feito por Andréi Zhdanov (1896-1948), destacado teórico e propagandista marxista-leninista, no curso de um grande debate desenvolvido na URSS em torno de questões ideológicas, filosóficas e culturais.

PÁGINA 44

A revista *Princípios* é uma publicação trimestral da Editora Anita Garibaldi Ltda. - Rua Major Quedinho, 300 - sala 3 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01050 - Telefone 37.7298 - Jornalista Responsável: João Amazonas - Reg. Profissional nº 1.258 - Fls. 196 - livro 4 - de Porto Alegre, em 27/08/1958 - Assinatura (4 números) Cr\$ 8.000,00 - Para o Exterior US\$ 20. Enviar cheque nominal para Editora Anita Garibaldi Ltda.

Diagramação, montagem e impressão PAUTA EDITORA LTDA.
Ruados Bororós, 51 - Bela Vista, SP - Tel. 279-3646

DIREITA CONTRA DIRETAS



Rogério Montenegro

Retratando um ambiente de caos, de pessimismo, de ausência de perspectiva, Machado de Assis num de seus famosos romances assinalava: "a confusão era geral..."

Diz-se com razão que as comparações nem sempre são adequadas. Nada melhor, porém, para definir o clima político atual no Palácio do Planalto que a

sentença do romancista fluminense. A confusão é geral entre os planaltinos.

O presidente da República anda perdido no labirinto da desorientação oficial, não encontra saídas. Tudo que planeja dá errado. Equacionou cinco ou seis vezes o problema sucessório, sem êxito. Já não sabe o que faça entre a cruz das exigências militares de

direita e a caldeirinha da repulsa popular.

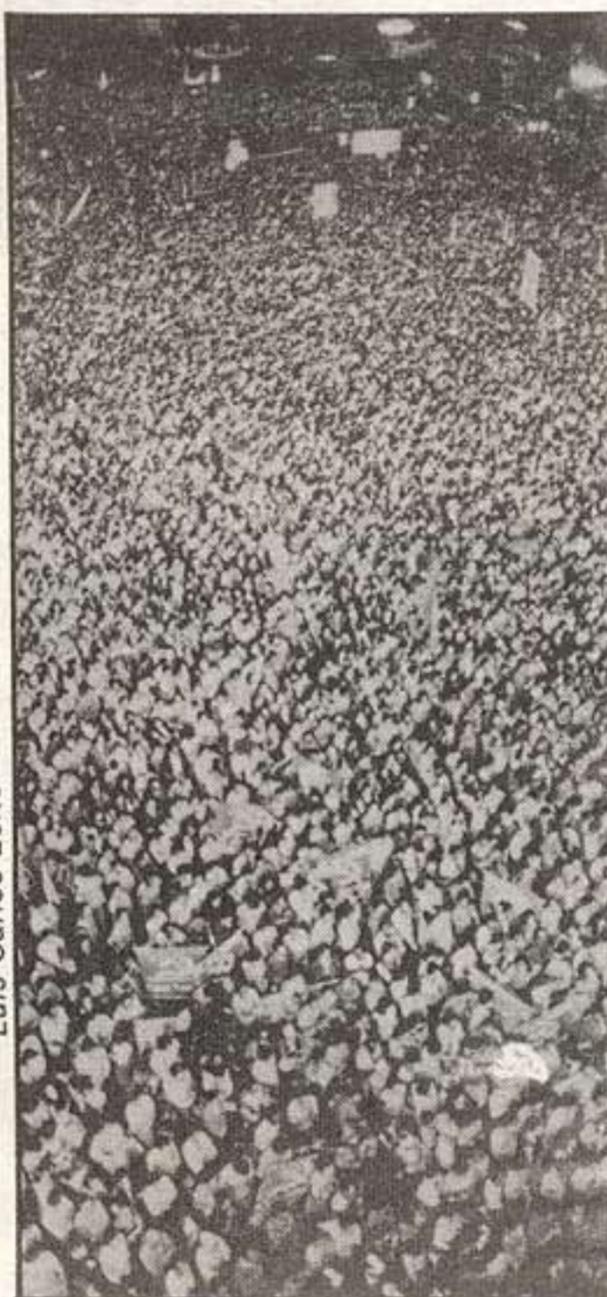
Seu ministério virou pandemônio — os titulares brigam uns com os outros, ninguém se entende. O ministro do Exército, enfatuado, convoca os seus pares da área militar e juntos redigem notas ameaçadoras. Logo depois o representante da Marinha é mandado embora porque abriu a boca

em descompasso com o figurino autoritário. E o terceiro homem do setor das finanças da União aconselha os mutuários do BNH, inconformados com as correções monetárias, a dar um tiro na cabeça: seria o meio de suas famílias receberem de graça a casa própria que não puderam pagar. As coisas não vão melhor no PDS, suporte parlamentar do governo. Boa parte dos seus membros já não obedece ao velho ritual de baixar a cabeça a tudo que venha de cima. O barco governamental está afundando no rebojo dos seus erros e da rebelia popular. Que o chefe pedesista, cacique e oligarca da província maranhense vá até o fim na subserviência ao sistema militar, compreende-se. Ele tem o destino político ligado à ausência das liberdades no país. Mas nem todos os do PDS são da mesma estirpe dos Sarney, dos Lobão, dos Andreazza, dos Maluf. O quadro se completa com os resmungos dos generais, "ouriçados" face à marcha espetacular da campanha em favor das diretas. Arrogantes como sempre, ainda imaginam impor sua vontade à nação por meio da força, que ninguém mais aceita.

A confusão é inevitável pois a margem de manobra tática dos tiranetes fardados reduziu-se consideravelmente. Estão isolados.

A grande maioria da nação reclama o fim do regime militar, da escolha do presidente da República nos círculos estreitos das Forças Armadas. Até agora foi aí que se fabricaram os governantes do país. E que governantes! Cinco generais de quatro estrelas sucedendo-se uns aos outros no curso de vinte anos, cada qual mais desastrado e arbitrário, mais incapaz e violento, mais entreguista. Sob sua direção, o rio lodacento da corrupção de antes de

64 transformou-se no imenso mar das ladroagens protegidas, dos enriquecimentos ilícitos à custa do dinheiro público, dos mil e um casos de negócios escusos que vão das contas secretas em bancos estrangeiros beneficiando os intermediários dos empréstimos leoninos até a sustentação de empresas fraudulentas ou fantasmas com recursos do erário nacional. Sob o seu comando, a inflação bateu todos os recordes, as dívidas externa e interna tor-



Luis Carlos Leite

naram-se fardos insuportáveis. E o pior: a soberania nacional esfrangalhou-se ao ponto de representantes de entidades estrangeiras instalarem-se nos altos escalões da Administração para examinar o comportamento dos setores financeiros do governo no cumprimento das ordens que vêm de fora.

O regime militar esgotou-se completamente, irremediavel-

mente. A nação exige novos rumos, democráticos. E esta exigência transbordou no gigantesco movimento das eleições diretas, já. O povo nas ruas, engrossando os comícios, manifestando elevada consciência cívica, reclamando o direito elementar de votar para presidente, fala mais alto do que todas as maquinações orquestradas nos recantos escondidos dos serviços de informação dos golpistas de 64, que recusam desesperadamente a saída do impasse político pela consulta às urnas.

Tudo indica que a resistência reacionária será batida pelo movimento popular em marcha. Que não tem prazos nem donos porque explosão do sentimento unânime de milhões de brasileiros amantes da liberdade, do progresso, da independência da pátria. Movimento que não admite a transação, o compromisso injustificável com o autoritarismo que tantos danos causou e continua causando ao país.

Certamente eleições diretas não constituem o objetivo final das jornadas democráticas que vive o Brasil. Nem significam a solução automática dos problemas brasileiros em constante agravamento. Na medida, porém, que representem um rompimento definitivo com o sistema arbitrário, abrem o caminho para as mudanças de profundidade que se precisa fazer: de imediato, a convocação de uma Assembléia Constituinte livre e soberana e a formulação de um plano de emergência a ser aplicado por um governo de conteúdo nacional, democrático e popular.

A direita se mobiliza contra as diretas. A luta do povo não será fácil. Mas o movimento em curso no país, cada vez mais amplo e combativo, levará de roldão as forças do atraso, da crise, do entreguismo.////

O Trotsquismo corrente política contra-revolucionária

João Amazonas



O trotsquismo continua a exalar miasmas no ambiente da luta social e política. Em toda a parte onde cresce o movimento revolucionário, aí aparecem os trotsquistas para confundir, diversionar, enganar as massas. Difundindo teses sectárias, intitulando-se falsamente de marxistas e até de leninistas, fazem o jogo da reação e do imperialismo. Seu alvo predileto de ataque é o partido do proletariado baseado na doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Embora divididos em diversos agrupamentos, sua tática pouco varia. Apóiam-se nas teorias fracassadas de Leon Trotsky.

Ainda que não representem grande coisa como organização, influenciam certos setores do movimento popular, notadamente os de origem pequeno-burguesa. No passado, tinham sido amplamente desmascarados, mas as novas gerações de combatentes da causa socialista desconhecem a trajetória e os verdadeiros objetivos do trotsquismo. Vale a pena recordá-los e atualizá-los a fim de ajudar as massas na luta por sua completa libertação.

TEÓRICO MALGRADO

O trotsquismo desenvolveu-se no seio do movimento operário russo nas três primeiras décadas do nosso século. Está intimamente ligado com a atuação de Leon Trotsky, intelectual pretensioso que jamais conseguiu assimilar os ensinamentos científicos do marxismo. Desde a criação dos primeiros círculos revolucionários na Rússia para combater o czarismo e organizar o partido da classe operária, Trotsky manifestou suas tendências individualistas, pequeno-burguesas, procurando ocupar de qualquer maneira as posições de chefia do movimento proletário. Na história do bolchevismo, fundado e orientado por Vladimir Ilich Lênin, que levou a revolução à vitória em 1917, Trotsky aparece meteoricamente, em fuga constante do esforço comum para forjar aquele partido. Suas teorias, se se pode assim denominar esse amontoado de incoerências, são ecléticas e metafísicas. O conteúdo de

classe é pequeno-burguês.

Uma das principais teses de Trotsky é a da chamada revolução permanente, elaborada em 1906 e retocada várias vezes. Aí ele nega as etapas da revolução e a construção do socialismo num só país, introduz o aventurismo no plano da revolução mundial. Os marxistas-leninistas consideram a revolução em todo o mundo como um processo de lutas radicalizadas que se desenvolvem em níveis diversos e em distintos países, nos cinco continentes.

Antes da fase monopolista do capitalismo, Marx e Engels afirmavam que a transformação revolucionária da sociedade somente seria possível se realizada simultaneamente nos centros mais avançados. Essa opinião, entretanto, tornou-se antiquada na vigência do sistema imperialista, época em que o desenvolvimento desigual do capitalismo, as contradições geradas por esse sistema, possibilitavam que a revolução proletária pudesse surgir em alguns ou mesmo num único país, criando condições favoráveis ao seu desdobramento onde fosse mais débil o elo da cadeia imperialista. Foi Lênin, em 1915, quem chegou a essa genial conclusão de enorme significação para o movimento operário internacional. Trotsky sustentava ponto de vista contrário.

"Sem um apoio estatal direto do proletariado europeu (o grifo é nosso), a classe operária da Rússia não poderá manter-se no poder e transformar sua dominação temporária numa ditadura socialista duradoura. Disto não se pode duvidar um só instante."

(Leon Trotsky, "Nossa Revolução", 1906)

Mesmo depois da vitória da Revolução de Outubro na Rússia, ele escrevia:

"Enquanto nos demais estados europeus se mantenha no poder a burguesia, nos veremos obrigados, na luta contra o isolamento econômico, a buscar acordos com o mundo capitalista; ao mesmo tempo pode-se afirmar com toda certeza que esses acordos podem, no melhor dos casos, ajudar-nos a cicatrizar uma ou outra ferida econômica, a dar um ou outro passo adiante, porém o verdadeiro auge da economia socialista na Rússia não será possível senão depois da vitória do proletariado nos países mais importantes da Europa".

(*"Epílogo da nova edição do folheto O Programa da Paz"*, Leon Trotsky, 1922)

Semeava desta forma o pessimismo, a falta de fé na obra da revolução que, afinal, sem o apoio estatal do proletariado europeu e sem o concurso do mundo capitalista, foi capaz de desenvolver largamente a economia socialista, criar uma nova vida, e alcançar na guerra contra o hitlerismo o triunfo mundial

dos povos sobre o fascismo.

A tese trotsquista da revolução permanente desconhecia o papel do campesinato como força aliada do proletariado para construir o socialismo. Julgava que a revolução

"entraria em choques hostis, não só com todos os grupos burgueses que apoiaram o proletariado nos primeiros momentos de sua luta revolucionária, mas também com as vastas massas camponesas com a ajuda das quais chegou ao poder. As contradições na situação do governo operário num país atrasado, no qual a maioria esmagadora da população é composta de camponeses, só poderão ser solucionadas no plano internacional, no terreno da revolução mundial do proletariado (os grifos são nossos).

(*Prefácio do livro "1905"*, Leon Trotsky, escrito em 1922)

Trotsky não compreendia a ditadura do proletariado como

"uma forma especial de aliança de classe entre o proletariado, vanguarda dos trabalhadores, e as numerosas camadas de trabalhadores não-proletários, aliança dirigida contra o capital, cujo objetivo é a derrubada completa do capital, o esmagamento completo da resistência da burguesia e de suas tentativas de restauração, aliança que objetiva a instauração e a consolidação definitiva do socialismo".

(V. I. Lênin, "Obras Completas")

Tomada em seu aspecto mais geral, a questão camponesa inclui a união com o conjunto do campesinato numa primeira etapa da revolução (na Rússia como no Brasil), e a liquidação dos kulaks (camponeses ricos) na segunda etapa. O socialismo se constrói, como demonstra a experiência histórica, em aliança com as massas camponesas pobres que se convertem, após a coletivização da agricultura, num sólido ponto de apoio à construção da economia socialista.

Mas não apenas na subestimação do campo Trotsky comete erros. O mesmo raciocínio mecânico desenvolve em relação ao problema da libertação nacional dos povos oprimidos. Propagou a opinião de que estes somente poderiam libertar-se completamente com a vitória da revolução nas metrópoles imperialistas às quais estivessem subordinadas. Diz ele:

"Se se examina a Grã-Bretanha e a Índia como duas variedades extremas do tipo capitalista, chega-se à conclusão de que o internacionalismo dos proletários ingleses e hindus baseia-se sobre a interdependência das condições, dos fins e dos métodos, e não sobre a sua identidade. Os sucessos do movimento de libertação da Índia impulsionam o movimento revolucionário na In-

glaterra, e vice-versa. Uma sociedade socialista autônoma não pode ser construída nem na Índia nem na Inglaterra. Os dois países deverão fazer parte duma unidade mais elevada. É nisto, e somente nisto, que reside a base inquebrantável do internacionalismo marxista”.

(Leon Trotsky, in “A Revolução Permanente”)

Essa “unidade mais elevada” traz implícita a idéia de que a revolução nos países coloniais ou semicoloniais é inseparável da vitória do movimento revolucionário nas metrópoles. Ou seja, o proletariado dos países oprimidos somente poderá alcançar sua verdadeira emancipação quando a revolução for também possível no país opressor, o que é um absurdo completo.

Sua concepção da luta revolucionária com relação aos países atrasados leva ao comprometimento destes com o capital financeiro internacional. Analisando o Plano de Seis Anos do governo de Cárdenas, no México, Trotsky proclamava a necessidade de que se abrissem as portas ao capital imperialista:

“Os autores do programa — dizia Trotsky — querem construir completamente o capitalismo de Estado, num período de seis anos. Mas uma coisa é nacionalizar as empresas existentes e, outra, criar novas empresas com meios limitados e num terreno virgem. A história conheceu um exemplo de indústria criada sob a supervisão do Estado: a URSS. Mas foi preciso uma revolução socialista. (...) No México não temos uma revolução socialista, o país é pobre. Nestas circunstâncias, seria quase um suicídio fechar as portas ao capital estrangeiro. Para construir o capitalismo de Estado, é preciso o capital”.

(Leon Trotsky, “Análise do Plano de Seis Anos”, 1939).

Quer dizer, como não havia uma revolução socialista no México, o jeito era construir o capitalismo de Estado com recursos do capital alienígena que, afinal, acabou submetendo o México, vizinho dos Estados Unidos, aos banqueiros norte-americanos.

É óbvio que a “teoria” da revolução permanente de Trotsky conduz, na realidade, à não-revolução em geral. Mesmo onde a revolução viesse a ocorrer, tenderia ao fracasso. Os explorados e oprimidos teriam de marcar passo à espera da revolução no mundo inteiro, pois só assim poderiam construir com êxito o socialismo. Tal a contextura teórica do trotsquismo, uma simples amostra da fragilidade das idéias em que se apóia. No terreno teórico, Trotsky foi um fracasso total. E o pior: seu pensamento é mistificador, anti-revolucionário.

CONCEPÇÃO ESPONTANEÍSTA DE PARTIDO

Leon Trotsky jamais compreendeu a importância do partido do proletariado armado de uma teoria de vanguarda como o instrumento fundamental da revolução. Subestimou o fator consciente na dinâmica revolucionária. Polemizando com Lênin, afirmou:

“Ele (Lênin) ignora deliberadamente o fato de que nós temos necessidade imperativa, não de raízes ‘filosóficas’ (que besteira! como se a invocação de não importa que seita não tivesse, de um ponto de vista ‘filosófico’, tais ou quais raízes profundas!) mas de raízes políticas reais, de um contato vivo com as massas, que nos permita a cada momento decisivo mobilizar essa massa em torno duma bandeira por ela reconhecida como sua”.

(Leon Trotsky in “Nossas Tarefas Políticas”)

Que besteira! exclama ele, aludindo a uma questão primordial, qual seja o papel do elemento consciente. No texto citado, este elemento ocupa o segundo plano, não tem maior significado. Tal idéia, aliás, vem sendo repetida no Brasil por dirigentes do Partido dos Trabalhadores, o PT (aqui, sim, se poderia dizer: que besteira!). A ideologia (as raízes filosóficas) não é devidamente considerada. O principal seria a ligação com as massas, empunhar as bandeiras por elas aceitas (note-se que, sem consciência socialista as bandeiras reconhecidas pelas massas nunca chegarão a ser as da revolução proletária, mas as do reformismo, do economismo). Já no início do século, Lênin advertia que “sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário”. As raízes filosóficas não são tolices, ranço desprezível, mas o substrato mesmo da luta libertadora. Tais raízes não emanam do movimento espontâneo, advêm da ciência. Daí por que a característica essencial de um partido revolucionário não é propriamente a sua ligação com as massas, ainda que essa ligação seja indispensável, mas o conteúdo filosófico da doutrina que sustenta, no caso, o marxismo-leninismo. Qualquer partido populista será capaz de manter extensos vínculos com as massas e nem por isso pode ser considerado instrumento da revolução social.

Desdenhando a teoria na formação e no desenvolvimento do partido, Trotsky perde de vista a importância do fator subjetivo no processo revolucionário. Não é acidental que os trotsquistas vejam em cada movimento mais combativo das massas, ou nas crises políticas, o imediato e automático surgimento da revolução. Para eles, a greve geral (que greve? em que circunstância?) põe em pauta a derrocada do poder político. . . a guerra por si mes-

ma traz espontaneamente a revolução... O trotsquismo toma de maneira esquemática um único aspecto da situação sem levar em conta o problema fundamental da direção consciente, o nível em que esta se encontra e o papel que desempenha no quadro político.

As concepções de Trotsky sobre o partido são liberais, social-democratas. Lênin enfatizou que o partido do proletariado, para cumprir sua missão, tem de ser monolítico, disciplinado, vanguarda organizada da classe operária. A experiência da Revolução Russa e da de outros países mostrou toda a justeza da teoria leninista de partido que é, por sua própria natureza, contrário à existência em seu seio de grupos e frações. Trotsky, desde o início de sua atividade, sempre atuou contrariando o princípio da unidade partidária. Ele mesmo confessa em "A Revolução Permanente" que sua posição no interior do partido tinha sido conciliadora. Admitia, entretanto, que isso fosse apenas um equívoco no terreno organizacional, quando na verdade era a linha da unidade sem princípios. Aliou-se todo o tempo com os mencheviques russos, com os liberais e os liquidacionistas, com os chamados otsovistas (oportunistas de esquerda) para lutar contra o Partido dos bolchevistas. No início da segunda década deste século, Lênin assim se manifestou sobre o papel de Trotsky:

"É claro que Trotsky e seus iguais, os 'trotsquistas e conciliadores' são mais nocivos que qualquer liquidacionista, pois os liquidacionistas declarados expõem abertamente suas concepções sendo fácil aos operários constatar o seu caráter errôneo, enquanto que os senhores Trotsky e companhia enganam os operários, encobrem o mal e tornam impossível desmascará-lo e remediá-lo. Quem quer que apóie o grupelho de Trotsky sustenta uma política de mentira e de engodo dos operários, uma política de proteção da corrente liquidacionista".

(V. I. Lênin, setembro de 1911)

Trotsky foi ferrenho adversário do autêntico partido proletário, da organização de vanguarda, marxista-leninista, um defensor do pluralismo ideológico no seio do partido. Nunca se integrou plenamente em suas fileiras. Somente em agosto de 1917, no VI Congresso dos bolcheviques, retornou ao Partido, dois meses antes da Revolução de Outubro. Então fazia parte de um grupo que incluía trotsquistas, mencheviques e alguns bolcheviques transviados. No Partido, voltou à sua antiga prática fracionista.

TROTSKY NUNCA FOI LENINISTA

Os adeptos do trotsquismo tentam cinicamente apresentar Leon Trotsky como companheiro de Lênin, como leninista; suas discordâncias teriam sido unicamente com Stálin. Não têm pudor de falar em Partido de Lênin e Trotsky, de se dizerem propagadores e continuadores do bolchevismo. Procedem desse modo para confundir os operários e as massas populares que admiram Lênin, para esconder sua real catadura contra-revolucionária.

O trotsquismo sempre foi uma corrente hostil ao bolchevismo. Trotsky não só se manteve em constante oposição a Lênin como o atacou inúmeras vezes. Numa carta dirigida a Chjeidze, em 1913, logo depois da Conferência de Praga que reestruturou o Partido duramente golpeado pelos liquidacionistas, ele escrevia:

"Todo o edifício do leninismo baseia-se hoje em dia na mentira e na falsificação e leva em si o princípio venenoso de sua própria decomposição".

Assim Trotsky considerava todo o imenso cabedal teórico da obra gigantesca do continuador de Marx e Engels. Em decomposição, na verdade, estava o trotsquismo, esse fruto podre do movimento operário.

V. I. Lênin, em diversas oportunidades, traçou o perfil político-ideológico de Leon Trotsky, velho conciliador, falso materialista dialético.

"Em 1903 — escreveu Lênin sobre Trotsky — foi menchevique; abandonou o menchevismo em 1904; voltou ao menchevismo em 1905, fazendo alarde de uma fraseologia ultra-revolucionária; em 1906 se separou de novo; em fins de 1906 defendeu os acordos eleitorais com os kadetes (isto é, esteve outra vez com os mencheviques); na primavera de 1907 disse que divergia de Rosa Luxemburgo em matizes individuais. Trotsky plagia hoje a bagagem ideológica de uma fração, amanhã de outra e, como consequência, se proclama situado por cima de ambas as frações. Em teoria, Trotsky não está de acordo em nenhum ponto com os liquidacionistas e os otsovistas, mas na prática está totalmente com os Golos (liquidacionistas) e os de Vperiodo (otsovistas).

(V. I. Lênin "Obras Completas", vol. XVI, pág. 392, Ed. Akal)

E, em dezembro de 1911, Lênin assinalava que:

"Com Trotsky não se pode discutir a fundo, porque não tem opinião alguma. Pode-se e deve-se discutir com os liquidacionistas e os otsovistas convictos, porém com um homem cujo jogo é encobrir os erros de ambas as tendências não se discute: se desmascara como... a um di-

plomata do mais baixo jaez"

("A Diplomacia de Trotsky e Certa Plataforma" – V.I.Lênin)

Não somente antes, mas após a Revolução de Outubro, Trotsky hostilizou o leninismo. Na questão crucial da paz de Brest-Litovski, defendida energicamente por Lênin, e da qual dependia a própria sorte da revolução, Trotsky fez todos os esforços para derrotar a proposta do chefe do bolchevismo. Chegou a renunciar o posto de Comissário do Povo para os Negócios Exteriores a fim de pressionar outros camaradas a votar contra Lênin. Negou-se peremptoriamente a participar da delegação de paz. Mais tarde, em momento difícil da revolução, forçou um debate geral sobre os sindicatos. Intentava, nessa ocasião, 1920, implantar nas entidades de massas normas rígidas de direção. Não percebia que, terminada a guerra, entrava-se num período de construção pacífica da economia. Os métodos militares e a política do comunismo de guerra estavam ultrapassados. Ele exigia que se "sacudissem" os sindicatos e os estatizassem sem ver que os sindicatos, como indicava Lênin, são organizações autônomas das massas, correias de transmissão entre a ditadura do proletariado e os trabalhadores. Para dirigir corretamente tais organizações, nessa nova fase, impunha-se a adoção de outros métodos – os da persuasão, em primeiro lugar, e não os da coerção, como queria Trotsky. Este transplantava para as entidades sindicais os métodos próprios das organizações militares. Nessa ocasião, Lênin afirmou:

"Quando comparo o folheto de Trotsky com as teses que ele apresentou ao Comitê Central e o reviso cuidadosamente, assombra-me a quantidade de erros teóricos e de evidentes inexatidões que contém."

E mais adiante:

"Trotsky incorreu numa série de erros relacionados com a essência da ditadura do proletariado."

(V.I.Lênin – "Os Sindicatos, a Situação Atual e os Erros do Camarada Trotsky")

Enfim, o trotsquismo não é nem nunca foi leninista, mas uma corrente pequeno-burguesa, incapaz de entender o marxismo e a dialética marxista, oscilando ora para a direita, ora para a esquerda, mas principalmente para o ultra-esquerdismo. Com o passar do tempo, e ante os repetidos fracassos que sofria, Trotsky evoluiu no sentido de posições abertamente contra-revolucionárias, transformou-se num instrumento da burguesia destinado a desviar as massas da verdadeira luta emancipadora, da sua integração no partido. Esforçou-se por fazer malo-

grar a construção do socialismo na URSS.

AS TÁTICAS DO TROTSQUISMO

Os métodos de atuação e os procedimentos táticos do trotsquismo refletem o caráter da sua orientação e linha de conduta anti-revolucionária.

A tática preferida tem como elemento constante a utilização da fraseologia ultra-esquerdista com a qual procura explorar o sentimento de revolta das massas, buscando atraí-las e instigá-las a posições extremadas que não levam em conta a situação real, os compromissos obrigatórios, a aliança com certas forças não-proletárias. É uma tática de isolamento da classe operária que, se adotada, conduziria o movimento revolucionário ao total insucesso.

O centro do ataque dos trotsquistas orienta-se contra o partido do proletariado, marxista-leninista. Tudo que possa servir para enfraquecê-lo ou desacreditá-lo é por eles usado sem nenhum escrúpulo. Sabem que o partido marxista-leninista é a força impulsionadora, organizadora e conscientizadora das massas visando à revolução. Tratam por isso de



João Amazonas

difamar, deturpar a atividade dos autênticos comunistas, incompatibilizá-los com os trabalhadores por meio da mentira. Intencionalmente, confundem os marxistas-leninistas com os revisionistas, traidores da causa operária. Espalham boatos, atribuem ao partido propósitos inconfessáveis eivados de falsidade. Nesse particular, seus ataques coincidem com os da burguesia e do seu aparelho de repressão. Têm o mesmo conteúdo. Em toda a parte, desde a década de 20, pregam a construção do "verdadeiro partido" em oposição aos partidos marxistas-leninistas existentes no mundo, que seriam aparelhos burocráticos. Nunca construíram nada. O que fizeram e fazem é intrometer-se em partidos falsamente operários para tentar afastar os proletários da sua autêntica vanguarda de classe.

A arremetida furiosa contra Stálin e o stalinismo é um dos principais chavões da tática dos trotsquistas. São ridículos e, ao mesmo tempo, cínicos nessa investida. Fazem coro com a campanha desencadeada pelo imperialismo e por todas as forças reacionárias objetivando denegrir a figura e a obra do grande revolucionário proletário que foi J. V. Stálin, continuador de Lênin, construtor do socialismo na URSS à frente do povo soviético. A essa infame campanha juntaram-se Kruschov e seus seguidores, renegados da revolução e da causa suprema da classe operária. O stalinismo, se se pode empregar este termo, outra coisa não é senão a aplicação e o desenvolvimento da teoria marxista, a sistematização da rica experiência da edificação da nova sociedade na antiga Rússia. Atacando o stalinismo, por eles deturpado e apresentado como burocracia e reformismo, o que os trotsquistas visam é desorientar os trabalhadores, procurar distanciá-los dos verdadeiros revolucionários, os marxistas-leninistas, dificultar o trabalho de frente-única nas organizações de massas.

Os trotsquistas adotam como método de atuação o entrismo, recomendado nos anos 30 por Trotsky aos seus correligionários. Entrismo que significa introduzir-se sornateiramente em partidos e organizações de esquerda com o fito de aí realizar o seu trabalho sectário, divisionista, contra-revolucionário. Isolados das massas, desmoralizados, sem condições de aparecer com a própria fisionomia diante dos trabalhadores, recorrem ao bifrontismo como meio de camuflar suas ações escusas e fazer proselitismo. A par do entrismo, organizam distintos grupos com posições aparentemente diferenciadas. Esse comportamento contraditório explica-se pela incoerência da sua "doutrina". Usam esses grupos portadores de opiniões diferentes para, como

diz o velho ditado, vender gato por lebre. E ter sempre argumentos de reserva a fim de justificar sua traição aos interesses fundamentais do proletariado e do povo.

A IV INTERNACIONAL

Rejeitado pelo povo soviético, Trotsky iniciou no exterior sua atividade tendenciosa. Em contraposição à III Internacional leninista, fundou um arremedo de organização mundial por ele denominada de IV Internacional que no período da II Grande Guerra se dispersou por falta de apoio. Os trotsquistas tentaram reconstruí-la em 1943. No começo da década de 50, sumiu novamente. Voltaram à liça em 1963, sem resultados positivos. Reuniram-se novamente em 1982, e a crise continua.

A atividade geral dos trotsquistas, bastante escassa, reanimou-se após as infâmias de Kruschov acerca da atuação de Stálin. Ao difundir calúnias e inverdades sobre a construção do socialismo na URSS, os renegados revisionistas prestaram relevantes serviços à burguesia e ao imperialismo. Na onda que levantaram contra o comunismo, ergueram-se também os trotsquistas. A expansão do revisionismo, atingindo os partidos comunistas que se converteram em organizações social-democratas, abriu igualmente caminho aos trotsquistas. Conseguiram assim avançar um pouco mais em alguns países, notadamente na França, nos Estados Unidos, na Argentina.

Atualmente, estão divididos em duas alas internacionais, ambas reivindicando a paternidade da IV Internacional. Uma, intitula-se Centro Internacional de Reconstrução; a outra, Liga Internacional dos Trabalhadores. A primeira edita o jornal "Tribuna Internacional", a segunda, o "Correio Internacional". As duas baseiam-se no "Programa de Transição" escrito por Trotsky em 1938. Estas alas subdividem-se em vários grupelhos em distintos países. Mas todos defendem linha idêntica, diferente apenas em nuances, linha anti-revolucionária, antiunitária, de ataque aos movimentos marxistas-leninistas. Não obstante, a luta entre elas toma em determinados momentos formas agudas. Em seu número de março/abril de 1983, o "Correio" investe contra o SU (Secretariado Unificado) que teria utilizado um "entrismo sui generis", votando resolução favorável ao ingresso dos trotsquistas (disfarçadamente) nos partidos comunistas (revisionistas) e chamando Fidel Castro de "revolucionário formidável". Por sua vez, a "Tribuna" (outubro/82) agride o Partido Trotsquista dos Estados Unidos, o

SWP, que se teria afastado das linhas mestras do trotsquismo, inclinando-se para o apoio a Fidel e fazendo o elogio da direção vietnamita. A contenda chega às vezes a lances vergonhosos revelando a trantada que se passa nos bastidores trotsquistas. Lambert e Villaran, figuras de proa do trotsquismo, acusam Ricardo Napuri, senador peruano de tendência trotsquista, "de ter roubado dinheiro do partido". . .

O principal dirigente da Liga Internacional, Nahuel Moreno, afirma sem rodeios, referindo-se à luta do Solidarnosc, na Polônia, que:

"os trotsquistas não deviam ter medo de fazer o jogo do imperialismo, deviam lutar pela ditadura revolucionária do proletariado, dirigida por Walesa, sem temer que essa ditadura fosse de fato a representação direta de Reagan, do Papa, de Mitterrand no seio do Estado Operário"

(In "Tribuna Internacional" (set /82) sobre a Conferência Mundial Aberta)

Verdade é que, na prática, o trotsquismo sempre fez o jogo do imperialismo e da reação, continuamente se opôs aos interesses da classe operária e do povo.

As duas alas da pretensa IV Internacional tratam o Estado Cubano de Estado Operário:

"Não é por acaso — escreve The Militant, semanário do SWP trotsquista dos Estados Unidos — que o Estado Operário mais democrático do mundo, seja também o país em que os operários e os camponeses desenvolvem o mais firme e mais profundo internacionalismo revolucionário. Este internacionalismo fez de Cuba uma inquebrantável defensora da URSS contra o imperialismo" (o grifo é nosso).

Aqui, junto com o apoio aberto à União Soviética revisionista, social-imperialista, aparece uma estranha caracterização do Estado. Certamente, Cuba fez uma revolução democrática e antiimperialista. Mas a não ser em palavras, nos discursos bombásticos de Castro, não alcançou a etapa socialista. Presentemente, é um país dependente da URSS. Quem dirige o Estado cubano não é a classe operária, mas a pequena-burguesia.

Também no que se refere à Nicarágua, onde foi iniciada uma revolução nacional e democrática que enfrenta sérias dificuldades, os trotsquistas asseveram que ali começou a ditadura do proletariado:

"A constituição de milícias e de comitês pela classe operária e o campesinato, e o combate militar dirigido pela FSLN, que tinha como eixo acabar com a ditadura somozista(!) tiveram

como resultado a abertura da revolução proletária. Havíamos assinalado na época que esta revolução proletária começando na Nicarágua, desmantelando o Estado burguês, havia abalado o conjunto dos países da região"

(In "Tribuna Internacional" (set/82) — "A Conferência Mundial Aberta Trotsquista"

Como se vê, na Nicarágua, onde a classe operária não conseguiu até agora a hegemonia no processo revolucionário complexo que ali se desenrola, já se deu, segundo os trotsquistas, a abertura da revolução proletária, socialista! Repete-se, tanto no caso cubano como no nicaraguense, o erro de Trotsky de confundir as etapas da revolução, de suprimí-las arbitrariamente. Em última instância, é o esforço por contrapor-se à verdadeira marcha revolucionária que exige para o seu êxito clareza na definição das etapas inevitáveis.

Com relação à União Soviética, inteiramente falsa é a caracterização que fazem do atual sistema social vigente nesse país. Dizem eles:

"São idênticas as relações de produção na União Soviética de 1917 e de 1982, só as formas políticas são diferentes (. . .) No plano das relações de produção devemos considerar que não há mudança qualitativa".

(In "Tribuna Internacional" (set/82), Resolução da IV Internacional).

Insistem ser indispensável "identificar, sob o ângulo das relações de produção, a URSS de 1917 à URSS de 1982" (Fonte citada).

Erro evidente. Começa que as relações de produção na URSS de 1917, só parcialmente eram socialistas, isto é, no setor das empresas nacionalizadas. No campo e em outros setores, as relações de produção não tinham ainda cunho socialista. Nessa época, na opinião de Lênin, havia cinco diferentes tipos de economia na Rússia: a patriarcal, a pequena produção mercantil, o capitalismo privado, o capitalismo de Estado e a formação socialista. De qualquer modo, é mecânica e destituída de fundamento a separação que os trotsquistas fazem entre relações de produção e formas políticas. As relações de produção dependem do sistema de propriedade. Se a propriedade é socialista também o é o regime político. (Pode haver, no período inicial do poder proletário, diversos tipos de relações de produção, como de 1917 até 1921 ou um pouco mais, na Rússia, mas tendem a desaparecer porque a propriedade vai-se transformando em bem geral da coletividade.) Ao contrário, se o regime político deixa de ser socialista, igualmente a forma de propriedade se modifica, já não será mais socialista. Ora, na União Soviética, desde que os revisionistas

se apoderaram da direção do Partido e do Estado, deixou de existir o socialismo; eles mudaram não apenas as formas políticas, mas a natureza mesma do Estado que, de ditadura do proletariado, passou a ser, conforme decisão tomada no Congresso do partido revisionista, um pretense Estado de todo o povo. Sem ditadura do proletariado não há socialismo, mas uma forma disfarçada de dominação da burocracia erigida em classe burguesa dominante. Com as modificações operadas no regime político soviético, o sistema econômico converteu-se em capitalismo de Estado, mudando na essência as relações de produção. É bastante observar o que ocorre no setor de distribuição, parte integrante do conceito de relações de produção. Atualmente, como se dá na URSS a distribuição daquilo que foi produzido? Uma pequena parcela da população, ligada ao poder político, usufrui proventos e vantagens que lhe asseguram um modo de vida burguês, enquanto a maioria dos trabalhadores ganha salários insuficientes. Os recursos que beneficiam a diminuta camada privilegiada, burguesa, são retirados daquela parte que, na distribuição, deveria acelerar o crescimento da produção e a elevação do nível do bem-estar material e cultural do povo trabalhador. É um embuste dizer que na União Soviética dos nossos dias as relações de produção são socialistas, e as formas políticas não.

Trotsky já havia assinalado falsamente que:

“Para nós, o critério político essencial não é a transformação das relações de propriedade nesta ou naquela região, mas a mudança a ser operada na consciência e na organização do proletariado mundial, a sua capacidade de defender suas conquistas anteriores e realizar outras (. . .) O conteúdo fundamental da ditadura do proletariado, a expropriação, é válido sempre”.

Indubitavelmente, o conteúdo fundamental da ditadura do proletariado não é a expropriação por si mesma, o que também se faz em certos casos numa revolução democrática, mas a dominação de classe do proletariado, sua luta para construir a nova sociedade. A principal conquista é o Estado de ditadura do proletariado, a liquidação de todas as formas de domínio burguês e o surgimento de novas relações de propriedade que devem ser aprofundadas e consolidadas. A União Soviética de hoje não é socialista, nem no aspecto político, nem no das relações de produção, apesar de manter a antiga expropriação, que agora serve a outros fins.

Convém destacar a desfaçatez dos trotsquistas que, no período anterior a Kruschov, não faziam

outra coisa senão agredir a União Soviética e o seu regime socialista, e, depois que o revisionismo ali se implantou, passaram a elogiá-la, a considerar não ter havido mudanças significativas no campo das relações de propriedade.

Esforçando-se por criar um centro internacional de coordenação dos diversos grupos em que se dividem e subdividem, os trotsquistas apregoam a tese de que “o internacionalismo proletário é abstrato quando não está ligado a uma Internacional”. Evidentemente, o internacionalismo militante, ativo, não se relaciona, invariavelmente, com a fundação de um centro mundial, o que depende de certas condições históricas. De 1873 a 1889 não existia nenhuma internacional e nem por isso desapareceu o internacionalismo. Tampouco o havia de 1917 a 1919. Mas todos reconhecem que, neste período, realizaram-se vigorosas manifestações internacionalistas proletárias cerrando fileiras em torno do novo poder surgido na Rússia. E depois da extinção da III Internacional, em 1943, o internacionalismo não se evaporou, nem perdeu a força. Expressou-se decididamente no apoio à União Soviética em guerra contra a Alemanha hitlerista, na condenação à agressão norte-americana à Coreia, na ajuda generalizada à luta dos povos do mundo inteiro. O que realmente o define é a conduta revolucionária dos proletários frente aos combates de classe em sua própria pátria que contribuam para abalar e liquidar o sistema capitalista mundial, é a defesa das nações socialistas, bem como a sustentação consequente dos movimentos emancipadores que têm lugar nos diferentes países. O apelo de Marx e Engels — “Proletários de todos os países, uní-vos!” — não se traduz automática e esquematicamente pela criação de internacionais. (Os fundadores do marxismo participaram da dissolução da I Internacional). O exato sentido desse chamamento histórico é o de que os proletários devem unir-se na luta revolucionária para derrubar o capitalismo e construir em todo o Globo a nova vida socialista, comunista. O argumento perrenque dos trotsquistas, nesta questão, destina-se unicamente a justificar a recomposição, sempre falida, da IV Internacional desagregadora, anticomunista.

O TROTSQUISMO NO BRASIL

Também no Brasil atuam os trotsquistas. No passado, formavam um grupelho inexpressivo que se limitava, como os seus parceiros de outras regiões, ao ataque permanente à URSS socialista e ao

Isoladamente, os trotsquistas representam pouca coisa, sua desmoralização é grande. Mas acobertados com o manto do PT conseguem penetrar entre as massas usando linguagem ultra-radical como meio de atrair os trabalhadores. Seu radicalismo nada tem de revolucionário; no fundo, são reformistas, economicistas. No que respeita à política, circunscrevem-se a palavras de ordem gerais, abstratas, sem relação com o curso real da situação.

São useiros em lançar campanhas e jornadas irrealistas, estreitas, que se esvaziam num palavreado vazio e terminam em acusações aos que não lhes seguem as pegadas. As organizações que caem sob a sua influência imobilizam-se, tornam-se arena de disputas intestinas entre grupos trotsquistas. Falam muito em organização independente da classe operária no terreno sindical. Mas a orientação que preconizam é a da divisão, da fundação de múltiplas centrais sindicais que servem para isolar os trabalhadores em agrupamentos ligados a correntes políticas diversas. Por sinal, tal orientação coincide com as do imperialismo, do Vaticano e da social-democracia. O proletariado precisa de liberdade sindical, da independência de seus sindicatos frente ao Estado e aos patrões. Mas ao lutar pela liberdade e autonomia sindical, em defesa dos seus interesses vitais, os trabalhadores almejam a unidade da classe, opõem-se ao fracionamento, à divisão de suas fileiras o que favorece unicamente ao capital, à exploração burguesa.

Entre a juventude, os trotsquistas promovem atividades dissolventes, desagregadoras, desmoralizantes. Tratam de explorar o sentimento de renovação e rebeldia sempre presente nos jovens, ansiosos de liquidar os tabus, os preconceitos, os empecilhos levantados pelo mundo burguês ao progresso social e cultural. Introduzem idéias malsãs, propagam, como se fossem progressistas, deformações e vícios da sociedade capitalista em decomposição.

Minoria insignificante nos movimentos de massa, procuram impor opiniões e projetos recorrendo a métodos fascistas. Por meio do tumulto, da balbúrdia, das vaias dirigidas criam um ambiente de confusão nos atos massivos, buscando impedir dessa forma o pronunciamento e a argumentação dos que não comungam de seus pontos de vista. Com isso comprometem a própria imagem do Partido dos Trabalhadores que aparece como organização adversa à democracia.

TENTATIVA DE TRANSFORMAÇÃO DO PT EM ORGANIZAÇÃO TROTSQUISTA

O Partido dos Trabalhadores é uma organização ainda indefinida sob o aspecto político-ideológico. Tende para a social-democracia, embora criticando certas posições dessa corrente. Nega ser um partido burguês, mas não se pode caracterizar como partido operário. Ideologicamente situa-se no campo da pequena-burguesia, e, no quadro político, aspira a se tornar trade-unionista.

Desse modo, é terreno propício à atividade em suas fileiras de variadas correntes, sobretudo das que se opõem ao socialismo científico. Aí atuam setores anticomunistas da Igreja, alguns renegados do verdadeiro partido da classe operária, os trotsquistas de diferentes matizes e, sem dúvida, também os carreiristas políticos.

Mas no PT há setores sadios, sindicalistas sinceros, democratas consequentes, trabalhadores combativos. Formam, aliás, a parte principal dos que fundaram e sustentam o Partido dos Trabalhadores.

Penetrando nesse Partido, os trotsquistas tinham em vista preparar as condições para mudar o caráter da organização e dela se apossar. Seus intentos dentro do PT nunca foram honestos. Em 1982, declararam abertamente que seu objetivo atuando nas hostes petistas era transformá-las num partido trotsquista, ligado à IV Internacional.

"Aos trotsquistas, que batalham no interior do PT, como fração consciente, cabe trabalhar lealmente(!) procurando vincular o PT ao combate pela Internacional Operária, que para nós, trotsquistas, não é outra coisa senão a IV Internacional" (o grifo é nosso)

(A "Resolução do VI Congresso da Organização Socialista Internacionalista", trotsquista).

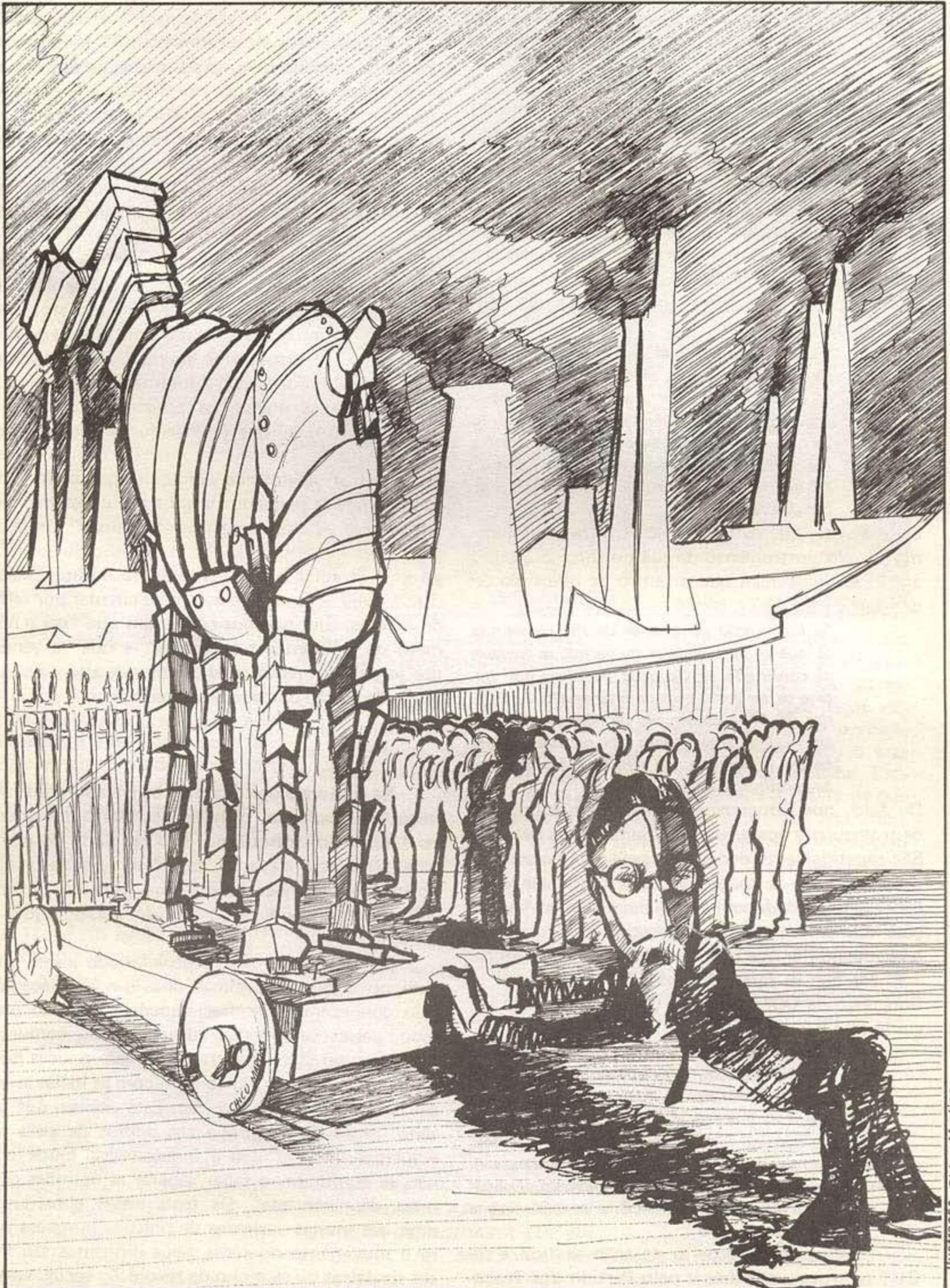
As publicações trotsquistas em diversos países apresentam-no como se fora um partido na senda do trotsquismo.

Ao mesmo tempo que buscam dominar o Partido dos Trabalhadores, abrem luta com o que chamam de sua "ala direita", ou seja, os que não rezam pela cartilha dos partidários de Trotsky.

"O comportamento dos trotsquistas deve ser claro: combater decididamente a ala direita (...) representada por uma parte da cúpula do partido".

("Resolução do VI Congresso da OSI", trotsquista)

Airton Soares, um dos fundadores do PT e líder da bancada petista na Câmara Federal, é considerado pelos trotsquistas como



"o porta-voz da ala direita (...) que assumiu nitidamente uma posição de porta-voz da burguesia no interior do partido".

("Resolução da OSI", já citada)

Os trotsquistas tomam resoluções sobre os movimentos sindical, do funcionalismo público, dos estudantes etc. para serem aplicadas pelo PT. Ditam, na prática, a orientação e a linha de conduta desse partido em tais movimentos. Eles se opõem acintosamente à unidade dos estudantes dentro de suas organizações tradicionais, a UNE e a UBES. Querem transformá-las em instrumento de sua manipulação sectária. Numa resolução da OSI, de maio de 1983, se lê:

"Para desenvolver esta batalha (varrer a direção unitária da UNE), os trotsquistas se lançam na organização dos estudantes do PT, impulsionando a construção de núcleos, a realização de encontros por universidade, cidade, estado e nacional" (...) "Constatam que é em torno do PT que se agrupa o núcleo da oposição à direção da UNE."

Salta à vista, que os trotsquistas utilizam o PT como simples instrumento da sua política. E quanto à UBES, proclamam que o centro de preocupação dos partidários de Trotsky é:

"a intervenção no interior do PT, no sentido de que os secundaristas do partido se engajem na construção da Oposição (...) Para nós, trata-se de ter como eixo de intervenção, no interior do PT, a construção de núcleos por escolas (...) O engajamento dos petistas na luta contra a diretoria (da UBES) é fundamental na constituição da Oposição".

De fato, nos Congressos e Encontros estudantis, os trotsquistas aparecem arrebanhando os petistas. São repetidamente derrotados pela união crescente dos estudantes de todo o país que lutam pela liberdade, pela unidade, em defesa das justas reivindicações dos universitários e dos secundaristas, contra o regime militar que oprime o Brasil há vinte anos.

No que se refere à atividade internacional, o Congresso da OSI (maio/83) traça a linha a ser seguida pelo PT.

"No interior do PT — diz a resolução aprovada pelos trotsquistas — as atividades de defesa da Revolução Política na Polônia adquirem importância na luta pela afirmação do PT como partido operário independente contra o stalinismo. Isso significa que o PT deve prolongar a sua solidariedade aos trabalhadores poloneses, ligando-se ao movimento internacional de solidariedade que se desenvolve".

Igualmente, a respeito da ação sindical e da CUT os trotsquistas falam pelo Partido dos Traba-

lhadores.

Alguns êxitos alcançados pelo PT são atribuídos única e exclusivamente aos trotsquistas em suas publicações. "O decisivo no CONCLAT — escrevem eles — foi a bancada de 200 trotsquistas... A campanha pela libertação dos líderes sindicais respondendo a processos na Justiça Militar, também foi obra dos trotsquistas... A CUT seria o resultado do trabalho dos trotsquistas aliados à ANAMP-POS" e assim por diante. A pretensão é grande. Mas não ficam nisso. Consideram que palavras de ordem fundamentais do PT são fruto da elaboração trotsquista (o que não é de todo inexato). Enfim, o PT já seria, nesta altura, uma mescla de sindicalismo e de trotsquismo em marcha para se converter numa entidade da IV Internacional.

Que se acautelem os petistas: o cavalo de Tróia dos trotsquistas já invadiu seus domínios, lealmente!...

Os trotsquistas não são aquilo que blasonam. Resumem-se a pequenos grupos em constante desagregação. A "Convergência Socialista" praticamente desapareceu, hoje vive em função de uma ala jovem denominada "Alicerce da Juventude Socialista". Alguns jornais deixaram de circular por falta de leitores. Eles mesmos confessam que "caiu o número de militantes trotsquistas" e que "a venda dos jornais" se reduz. Mas continuam ativos na sua pregação e ação contra-revolucionária.

o o o

Na luta ideológica contra os encapuzados inimigos da revolução, torna-se necessário desmascarar também o trotsquismo. Isto faz parte do combate geral pela elevação do nível de consciência política das grandes massas que precisam distinguir, na complexidade da luta de classes, o joio e o trigo.

Em nosso país há um proletariado jovem surgido no curso das últimas duas ou três décadas. Não conhecem o desmascaramento, feito no passado, desses camuflados adversários do comunismo. Vivendo sob ditadura feroz, teve poucas possibilidades de entrar em contato com as idéias avançadas que lhe dizem respeito. Está ansioso por fazê-lo, mostra-se receptivo aos pontos de vista revolucionários. Por isso é indispensável ajudá-lo a não se confundir, a saber separar as opiniões corretas das incorretas. Os trotsquistas constituem uma das muitas variantes da política burguesa para o movimento operário. Seus dirigentes são falsos sinaleiros do caminho da revolução social.////



O MARXISMO, DOUTRINA VITORIOSA E IMORTAL*

Foto Çami**

* Discurso pronunciado durante a Sessão Solene celebrada em homenagem a Karl Marx no centenário de sua morte em 14/03/83, na capital albanesa Tirana. O título e os inter-títulos são da redação de PRINCÍPIOS.

** Foto Çami é candidato ao Birô Político do CC do PTA e 1º Secretário do Comitê do Partido na Região de Tirana.

MARX OPEROU UMA VIRAGEM RADICAL NO PENSAMENTO SOCIAL.

Karl Marx é um dos gênios mais destacados e um dos maiores pensadores da história da humanidade. Com a ciência que leva seu nome, abriu ao saber humano novos caminhos, desconhecidos até então. Sua doutrina não nasceu no vazio nem foi um produto da casualidade. Foi, pelo contrário, produto da necessidade objetiva da nova força social que estava surgindo e desenvolvendo-se junto com o capitalismo, a classe operária, de contar com sua própria ideologia. No momento de formular sua doutrina, Marx soube apreciar e absorver criticamente as mais valiosas conquistas do pensamento científico de sua época e de todos os tempos. Como sublinhou o camarada Enver Hoxha, o marxismo "é a essência da ciência materialista e do desenvolvimento da sociedade humana, é a síntese do desenvolvimento anterior da filosofia e em geral do pensamento criador da humanidade, a síntese de tudo o que é racional e progressista..."

UMA REVOLUÇÃO NO PENSAMENTO SOCIAL

O nome de Marx entrou e ficará na história devido a três grandes descobertas que, consideradas em sua unidade dialética, constituem a viragem radical que ele operou no pensamento social.

Assimilando de maneira crítica a herança filosófica do passado, Marx criou com sua concepção materialista da história, a nova filosofia materialista dialética, proporcionando com isso ao proletariado e a seu partido comunista a poderosa arma do conhe-

cimento e da transformação revolucionária da sociedade, e à ciência a teoria e o método mais apropriado de estudo e interpretação do mundo.

Com sua monumental obra *O Capital*, Marx criou desde o início a economia política científica com sua pedra angular, a teoria da mais-valia, e com isto descobriu todo o segredo da exploração capitalista, esmiuçou o mecanismo interno de funcionamento da sociedade capitalista e argumentou que esta sociedade se dirige inevitavelmente rumo ao precipício e à criação de uma sociedade nova sem opressão nem exploração, rumo à sociedade socialista.

Considerando com olho crítico as doutrinas socialistas anteriores, Marx assentou o socialismo sobre bases científicas, transformou-o de utopia em ciência e deste modo abriu novas perspectivas à luta de libertação do proletariado e das demais massas oprimidas, indicou-lhes o luminoso porvir socialista e comunista.

MARX ASSENTOU O SOCIALISMO SOBRE BASES CIENTÍFICAS, TRANSFORMOU-O DE UTOPIA EM CIÊNCIA.

MARXISMO — UMA IDEOLOGIA TRIUNFANTE

A época histórica que nos separa da morte de Marx é a época do triunfo de suas idéias. Nenhum ideólogo, nenhum teórico, nenhum filósofo colheu esta sorte. A justeza do marxismo, como ciência universal, válida para todos os países, foi confirmada pela vida. Tanto a vitória da revolução e a construção do socialismo numa série de países, como o retrocesso que ocorreu neles, embora constituam processos opostos, confirmam de fato a mesma

coisa: a força e a vitalidade do marxismo. Em vão a propaganda burguesa se esforça por apresentar a traição revisionista como um fracasso do marxismo. Pelo contrário, a restauração do capitalismo numa série de países anteriormente socialistas, mostrou aonde conduz o afastamento dos princípios fundamentais do marxismo. Todo o desenvolvimento da sociedade, das ciências e da prática revolucionária aportaram novos argumentos que provam a veracidade da doutrina de Marx, a justeza de suas conclusões e prognósticos.

TODA A OBRA TEÓRICA E PRÁTICA DE MARX LEVA O SELO DA LUTA INCONCILIÁVEL CONTRA OS INIMIGOS ABERTOS E CAMUFLADOS DO PROLETARIADO.

A história conheceu e conhece Marx não só como pensador genial, mas também como grande revolucionário, como uma pessoa que combateu durante toda a sua vida à frente do movimento operário pelos elevados ideais da liberdade e da libertação social da classe operária e dos trabalhadores de todos os países. Jamais foi um simples estudioso, um pensador de gabinete, mas se lançou por inteiro ao fogo da luta revolucionária, se entregou de corpo e alma à tarefa de materializar suas idéias e conclusões teóricas acerca da missão histórica do proletariado e da revolução socialista. Como assinalou Engels, "A luta era a paixão de Marx. E lutava com tanto ardor, com tanta perseverança, com tanto êxito, que são poucos os que lutaram como ele." O movimento revolucionário da classe operária, a luta por seu êxito político, estavam para Marx acima de tudo. Era precisamente do movimento re-

volucionário das massas que ele extraía suas conclusões teóricas. Como declarava o próprio Marx, cada passo adiante no movimento operário real é mais importante do que dezenas de programas.

POR SER INCAPAZ DE OPOR-SE DIRETAMENTE AO MARXISMO COM SUAS IDÉIAS ABORTADAS, A BURGUESIA PROCURA COMBATÊ-LO DE DENTRO, CONTANDO COM A AJUDA DOS REVISIONISTAS E OPORTUNISTAS DE TODAS AS COLORAÇÕES.

Marx via a força da classe em sua organização e sua solidariedade internacionalista. Por isto ele e seu estreito camarada e companheiro de luta Engels, fundaram inicialmente a *Liga dos Comunistas* e mais tarde a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, conhecida na história com o glorioso nome de *Primeira Internacional Comunista*.

Marx foi participante ativo, inspirador e dirigente de todo o movimento revolucionário da classe operária, de seus levantes e revoluções. Apoiou com todas as suas energias os *comunardos* de Paris e os saudou como heróis que tomavam o céu de assalto.

Ao longo de toda a sua vida, Marx deu exemplo de verdadeiro revolucionário que, quando se trata dos interesses da classe operária, sabe impulsionar e inspirar a ação revolucionária, está disposto a assumir todas as responsabilidades e aceitar todos os perigos, fazendo frente com audácia a qualquer ataque do inimigo, sem retroceder nem desfalecer diante de qualquer fracasso do movimento, considerando-os como zigue-zagues no grande e amplo caminho da vitória da revolução.

O marxismo nasceu e se desenvolveu como ideologia revolu-

cionária da classe operária em luta contra numerosos inimigos abertos e camuflados, que se esforçaram por afastar a classe operária do caminho revolucionário que conduz à derrocada do velho sistema capitalista e à construção do mundo novo. Toda a obra teórica e prática de Marx leva o selo desta luta inconciliável, é exemplo de rigor científico, de espírito de princípios, de audácia combativa de quem, para defender os princípios não se dobra diante de nada, não tolera nenhum compromisso e está disposto a enfrentar qualquer adversário.

O MARXISMO É UMA DOCTRINA SEMPRE VIVA, INVENCÍVEL E EM CONTÍNUO DESENVOLVIMENTO.

Trata-se de um grande exemplo para todos os verdadeiros comunistas e revolucionários, aos quais inspira e ensina que posição devem adotar e como devem lutar nas grandes batalhas que se desenvolvem entre o marxismo-leninismo e a ideologia burguesa e revisionista. A burguesia e os revisionistas empreenderam uma furibunda campanha contra o marxismo-leninismo, utilizando todos os meios, com o fim de negá-lo e despojá-lo de seus valores. O anticomunismo descarado e as tergiversações revisionistas são as duas orientações fundamentais da luta contra o marxismo. Porém, ganha realce o fato de que a burguesia prefere e incentiva por todos os meios a luta contra o marxismo a partir de dentro, contando com a luta dos revisionistas e oportunistas de todas as colorações. Prefere este caminho não só porque considere que é o mais eficaz, mas também porque é incapaz de opor-se diretamente ao marxismo com suas idéias abortadas. Inclusive numerosos e conhecidos ideólogos bur-

gueses, políticos, filósofos, sociólogos e estetas, diante da impossibilidade de rechaçar categoricamente o marxismo, esforçaram-se por assumir poses marxistas, por reconhecer-lhe certos valores, mas deturpando-o e deformando-o, despojando-o de seu espírito crítico revolucionário, para convertê-lo em algo inofensivo à burguesia e seu sistema capitalista explorador.

O MARXISMO HARMONIZA O REFLEXO CIENTÍFICO DA REALIDADE COM O ESPÍRITO DE PARTIDO PROLETÁRIO.

Contudo, todas as vezes que, ao longo da história, os inimigos declararam o marxismo superado, vencido e fracassado, ele saiu cada vez mais forte, se elevou a um nível superior. Assim sucedeu no passado, depois de cada grande polêmica com as teorias pseudo-socialistas, burguesas e pequeno-burguesas dos proudhonistas, lassaleanos e bakuninistas na época de Marx; com as correntes oportunistas dos chefes da II Internacional, Bernstein e Kautsky, na época de Lênin; com as de Trotsky e Bukharin na época de Stálin. Assim ocorre também no presente na luta contra a maior traição ao comunismo, a dos revisionistas contemporâneos krushovistas, titistas, chineses e eurocomunistas. A força inquebrantável do marxismo-leninismo, sua vitalidade, radica no fato de que expressa a verdade histórica, reflete as leis objetivas, defende os interesses do proletariado a quem pertence o futuro.

O marxismo, como teoria das amplas massas trabalhadoras a quem ensina não só como entender e explicar o mundo, mas também como transformá-lo, como teoria que possui como base

a prática da vida, à qual considera como único critério da verdade, é uma doutrina sempre viva, invencível e em contínuo desenvolvimento. Isto confere ao marxismo um caráter criador, não permite que murche jamais, mas se mantenha sempre viçoso e vigoroso, capaz de servir à ação em todas as épocas e em todos os países onde vive e luta a classe operária e seu partido marxista-leninista. O desenvolvimento criador do marxismo só pode ser realizado sobre a base de seus princípios e de seus ensinamentos fundamentais e não negando-os como fazem os oportunistas e revisionistas atuais, que especulam com as novas condições e fenômenos, com as mudanças que se operaram no mundo, para de-

clarar o marxismo caduco e superado, ou para negar seu desenvolvimento criador por parte de Lênin e Stálin, contrapondo Stálin a Lênin e Lênin a Marx.

MARX ADVERTIU GENIALMENTE PARA O ADVENTO DE UMA NOVA ÉPOCA, A DAS REVOLUÇÕES DIRIGIDAS PELA CLASSE OPERÁRIA.

O marxismo-leninismo é uma doutrina una e indivisível, completa e coerente, em condições de tratar corretamente qualquer problema, de refletir de maneira exata e científica cada processo do desenvolvimento social, econômico, político e técnico. O espírito de partido proletário não só não fere como pressupõe legitimamente a objetividade científ-

fica. Os que pretendem acusar o marxismo de "unilateralidade", de "tergiversação da verdade" em nome dos interesses da classe e se arvoram "juízes imparciais", de fato não se situam acima das classes e de seus interesses, mas são representantes das classes reacionárias. O objetivismo que os ideólogos burgueses apregoam não é senão uma expressão da parcialidade burguesa. "Esperar que exista uma ciência imparcial na sociedade do trabalho assalariado — escreveu Lênin — é uma ingenuidade tão insensata como esperar que os fabricantes sejam imparciais na hora de decidir se se deve aumentar os salários dos operários reduzindo os benefícios do capital". Na doutrina marxista se harmonizam de ma-



neira orgânica o reflexo sempre científico, objetivo, da realidade, com o espírito de partido proletário, porque os interesses da classe operária, a classe mais progressista e revolucionária da sociedade atual, correspondem plenamente às tendências objetivas do desenvolvimento rumo ao socialismo e ao comunismo. Esta é a razão por que hoje, depois de 100 anos, o marxismo continua sendo a única doutrina político-filosófica capaz de dar justa resposta aos grandes problemas que a época coloca e servir de guia para as massas trabalhadoras em sua luta pela libertação da opressão capitalista e do jugo imperialista-revisionista.

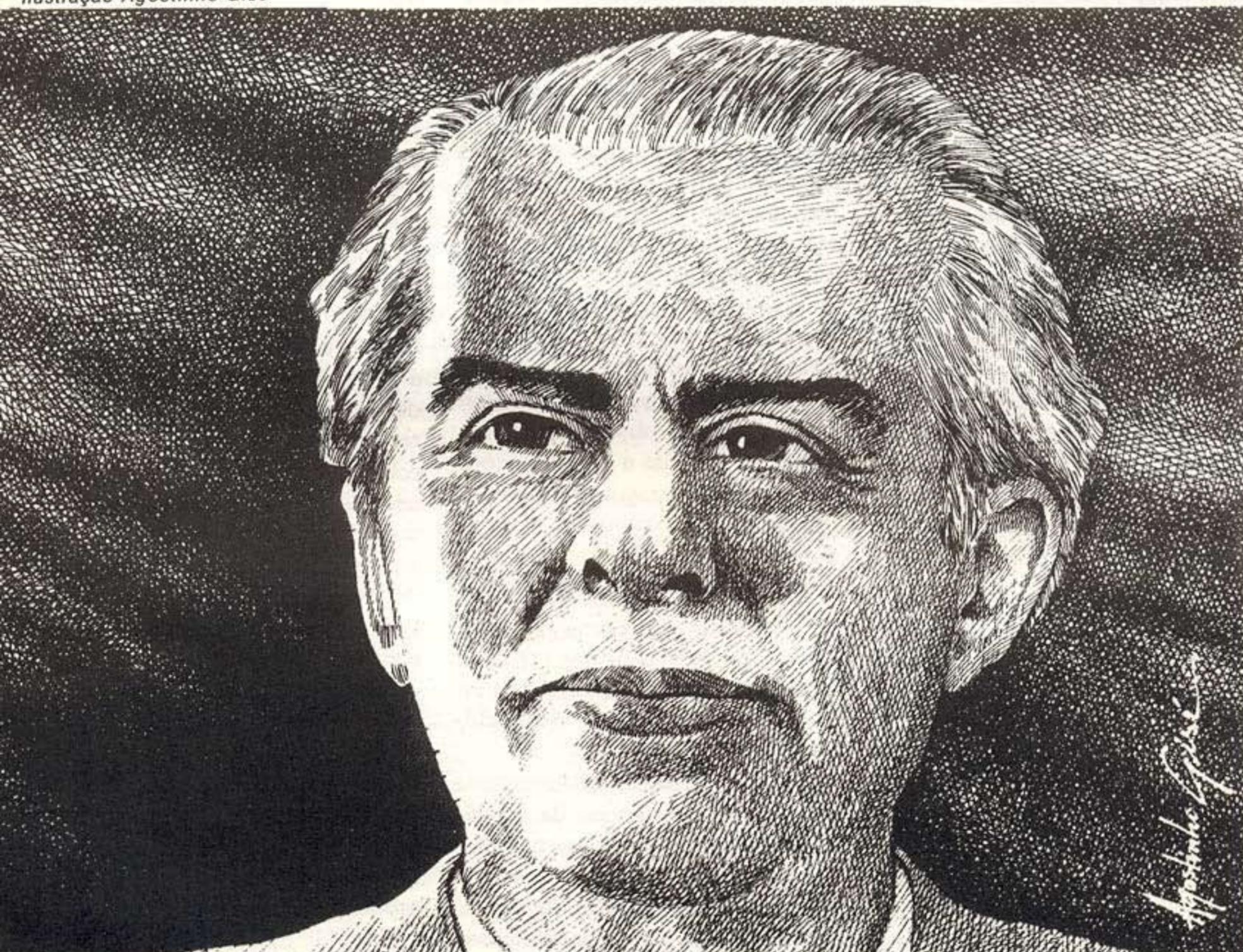
Ilustração Agostinho Gisé

////////////////////////////////////
TODOS OS GRANDES FATOS HISTÓRICOS DESDE 1848 ATÉ OS NOSSOS DIAS COMPROVAM A TESE DE MARX DE QUE SEM A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA NÃO SE PODE DERROCAR O VELHO MUNDO.
////////////////////////////////////

A REVOLUÇÃO – FORÇA MOTRIZ DE NOSSA ÉPOCA

A teoria científica de Marx lançou luz sobre todo o processo histórico mundial de seu século e continua iluminando hoje as perspectivas do desenvolvimento humano. A explicação materialista da vida social, a anatomia da economia capitalista, das condições e chagas do sistema bur-

guês que Marx fez, permitiram, já em meados do século XIX, quando a burguesia acabava de chegar ao poder e as bases do regime capitalista pareciam incoerentes, advertir de antemão genialmente para o advento de uma nova época, a das revoluções dirigidas pela classe operária. Esta convicção histórica foi proclamada energeticamente por Marx no *Manifesto do Partido Comunista* que concluía com o chamado: *“Os comunistas consideram indigno ocultar suas idéias e propósitos. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados derrocando pela violência toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam ante uma Revolução Comunista. Os prole-*



tários não têm nada a perder com ela além dos seus grilhões. Têm, ao contrário, um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uní-vos!"

Esta advertência, que soava como uma profecia em meados do século XIX, constituía uma grande verdade que foi provada pelo desenvolvimento posterior da história mundial. Desde então e até nossos dias, o movimento revolucionário do proletariado pelo socialismo constituiu o fator dominante que determinou o caráter de toda esta época. Os levantes dos operários da Silésia e de Lyon, a insurreição operária de junho de 1848 em Paris, a revolução que conduziu à Comuna de Paris e à Revolução de Outubro, as revoluções socialistas durante e depois da Segunda Guerra Mundial, os atuais movimentos revolucionários e libertadores da classe operária e das amplas massas trabalhadoras em todos os continentes, se apresentam como vagas sucessivas do processo revolucionário de importância histórica mundial, que estão fazendo tremor as próprias bases do velho sistema de escravidão capitalista. Todas elas são provas históricas do que havia previsto e argumentado Marx, isto é, que sem a revolução proletária não se pode derrocar o velho mundo, que as revoluções são poderosas forças motrizes de nossa época, são as "locomotivas da história".

Os ensinamentos de Marx sobre a necessidade da revolução, da derrocada do regime burguês mediante a violência e da instauração da ditadura do proletariado, são mais atuais do que nunca. São uma insubstituível bússola orientadora nas atuais condições, quando o mundo burguês-revisionista mergulhou na sua mais profunda e multilateral crise, quando suas estruturas e superestrutu-

ras estão em completa putrefação, quando o descontentamento das massas irrompe em inúmeras greves econômicas e políticas, em revoltas e lutas armadas. Hoje não há um só continente, nenhuma região e nenhum país do mundo burguês-revisionista onde não ferva o caldeirão da luta de classes, onde não se produzam choques revolucionários. Disto o Partido do Trabalho da Albânia extraiu a conclusão de que o mundo se encontra numa fase em que a revolução não é só uma aspiração e uma perspectiva, mas um problema candente que espera solução.

O traço mais peculiar de nosso mundo é a ampliação e o aprofundamento do processo revolucionário mundial geral. Esta característica não está em absoluto empanada nem pelo processo regressivo ocorrido nos países ex-socialistas onde foi restaurado o sistema capitalista explorador, nem pelos golpes que as forças revolucionárias sofreram em outros países. Uma situação especial deste tipo havia sido prevista em seu tempo por Marx o qual assinalou que a vitória da revolução e a construção do socialismo não é uma marcha triunfal em linha reta, mas que se choca com dificuldades e obstáculos colossais, com vitórias e derrotas, com viragens e ziguezagues através dos quais se abre caminho para o avanço.

A VITÓRIA DO SOCIALISMO É UMA NECESSIDADE HISTÓRICA QUE EMANA DO DESENVOLVIMENTO OBJETIVO DA SOCIEDADE HUMANA.

Vivemos a época da transição do capitalismo para o socialismo e nenhuma força pode modificar esta tendência. A vitória do socialismo não é simplesmente

te um bom desejo dos comunistas, mas uma necessidade histórica que emana do desenvolvimento objetivo da sociedade humana. Isto é inevitável. As contra-revoluções ou os fracassos do movimento revolucionário de libertação nestes ou naqueles países podem prolongar durante certo tempo a vida do apodrecido sistema capitalista, mas não podem evitar sua derrota, não podem impedir a marcha da sociedade humana rumo ao seu futuro socialista.

*////////////////////////////////////
A REALIDADE ATUAL DO SISTEMA CAPITALISTA, COM SUAS CRISES CONTÍNUAS, JOGA POR TERRA TODA A PROPAGANDA BURGUESA E REVISIONISTA SOBRE O "CAPITALISMO POPULAR" E SOBRE A "SOCIEDADE DE CONSUMO".
////////////////////////////////////*

Frente à revolução que cresce e ameaça por todas as partes, a burguesia, o revisionismo, a reação não permanecem de braços cruzados nem esperam passivamente sua própria morte. Para defender seu regime burguês-revisionista valem-se dos mais diversos meios: do terror e da mais brutal repressão, da demagogia e das calúnias, do anarquismo e do oportunismo. Especulam intensamente de maneira especial com as mudanças que se operaram na sociedade capitalista atual, com o aumento do peso específico do capitalismo de estado, com o progresso técnico-científico, com o desenvolvimento das empresas multinacionais e de outros organismos internacionais e, baseando-se nisto, proclamam "caducos" os ensinamentos de Marx concernentes à luta de classes, à revolução violenta, à ditadura do proletariado etc., substituindo-os por todo tipo de receitas reformistas de conciliação de classes. ►

As mudanças que se operaram no capitalismo atual não alteram em absoluto suas características fundamentais enquanto regime opressor e explorador baseado na propriedade privada capitalista sobre os meios de produção e onde domina a grande burguesia monopolista. A análise profunda e científica que Marx fez do regime capitalista em sua genial obra *O Capital*, assim como as conclusões revolucionárias que dela extraiu têm plena vigência e conservam toda a sua atualidade. V. I. Lênin, defendendo e desenvolvendo ainda mais a teoria econômica de Marx, mostrou que a outra fase do capitalismo, o imperialismo, não é em absoluto um novo regime, como seus apologistas pretendem apresentá-lo, mas o regime capitalista que alcançou sua fase superior e última, que se transformou em um capitalismo parasitário e em decomposição, na ante-sala da revolução proletária. As idéias de Marx e Lênin sobre o capitalismo e o imperialismo são cotidianamente confirmadas por toda a prática da sociedade capitalista atual. Em sua obra fundamental *O Imperialismo e a Revolução*, o camarada Enver Hoxha explicou e argumentou, generalizando um grande número de fatos e fenômenos novos, que as características do imperialismo descobertas por Lênin se mantiveram e se tornaram ainda mais essenciais, que se agravaram e recrudesceram as contradições entre o trabalho e o capital, as metrópoles e os povos oprimidos, entre os próprios estados imperialistas e social-imperialistas, o que conduz ao debilitamento do imperialismo e cria as condições para a aproximação e a vitória das revoluções proletárias.

A realidade atual do sistema

capitalista, com suas crises contínuas, com o estancamento e a queda da produção, com o desemprego crônico e a enorme inflação, com a alta dos preços, com os déficits sem precedentes na balança comercial e de pagamentos, com a crise de divisas e a crise energética, com as dívidas internas e externas e outros fenômenos similares, joga por terra toda a propaganda burguesa e revisionista sobre o "capitalismo popular", sobre a "sociedade de consumo" etc., e confirma o que Marx havia previsto, isto é, que as chagas do capitalismo são incuráveis, que só podem ser evitadas com a desapareição da ordem capitalista.

////////////////////////////////////
 A REVOLUÇÃO AVANÇA COMO UM PROCESSO MUNDIAL QUE UNE NUMA SÓ CORRENTE AS REVOLUÇÕES PROLETÁRIAS, AS REVOLUÇÕES DEMOCRÁTICAS, AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E OS MOVIMENTOS DEMOCRÁTICOS ANTIIMPERIALISTAS PELA PAZ, A INDEPENDÊNCIA E O PROGRESSO SOCIAL.
 //////////////////////////////////////

Certamente, a derrocada do regime capitalista não pode produzir-se por si só. As leis do desenvolvimento social que converteram numa necessidade objetiva a substituição do capitalismo pelo socialismo, abrem caminho mediante a atividade revolucionária da classe operária e das massas trabalhadoras, dirigidas e inspiradas pelo partido marxista-leninista. A burguesia jamais renuncia voluntariamente à dominação, à riqueza e aos privilégios, por isto sua derrocada violenta é uma lei geral da revolução proletária.

As prédicas revisionistas e oportunistas acerca da denominada "via pacífica", do "compromisso histórico" ou da "alternativa democrática"; acerca das "reformas estruturais", da

"ampliação da democracia burguesa", da "participação nos governos burgueses" etc. não são caminhos para a transformação do regime capitalista e a transição ao socialismo, mas receitas e pregações antimarxistas dos lacaios da burguesia a serviço desta, a fim de enganar a classe operária e as demais massas trabalhadoras, afastá-las da revolução e conservar intato o regime capitalista.

É certo que em nossa época a ideologia reformista de conciliação de classes que os partidos revisionistas e social-democratas difundem deixou marcas em diversas camadas da classe operária dos países capitalistas, burgueses e revisionistas. Mas, o amadurecimento das condições objetivas para a revolução trará consigo, sem dúvida nenhuma, o rápido desengano da classe operária destes países em relação às ilusões reformistas e a aproximará ainda mais das idéias revolucionárias do marxismo-leninismo. Como ressaltou o próprio Marx: "Não se trata de onde este ou aquele proletário ou o conjunto do proletariado vê seu principal objetivo neste momento. Trata-se de *que é o proletariado na realidade* e que está obrigado historicamente a agir de acordo com seu próprio ser".

Em que pese a traição revisionista, as perspectivas da revolução são cada vez mais claras e mais amplas. A revolução avança como um processo mundial que une numa só corrente as revoluções proletárias, as revoluções democráticas, as lutas de libertação nacional e os movimentos democráticos antiimperialistas pela paz, a independência e o progresso social. À frente deste movimento se coloca cada vez mais a força mais viva, mais ativa e mais revolucionária da sociedade a-

tual, a classe operária com seu partido marxista-leninista.

Nesta questão os revisionistas deformam a idéia genial de Marx sobre a missão histórica do proletariado e seu papel hegemônico na revolução socialista, pregando que este papel pode ser igualmente desempenhado por outras classes, forças e partidos da sociedade burguesa. Por sua parte, os ideólogos burgueses pretendem provar que o proletariado deixou de ser uma classe revolucionária, que se integrou no sistema capitalista, que a atual sociedade burguesa se desproletariizou etc.

A história de nossos dias, assim como a do passado, evidencia que nenhuma classe ou camada social pode substituir o proletariado enquanto a força dirigente principal dos processos revolucionários voltados para a transformação progressista da sociedade. Apesar das mudanças ocorridas no desenvolvimento da economia e na estrutura social da sociedade capitalista, as condições gerais de existência, de vida e trabalho do proletariado, que fazem dele a classe mais revolucionária da sociedade, continuam sendo hoje as mesmas que Marx analisou.

Marx concebia a revolução proletária como o único caminho para fazer desaparecer não só a exploração do homem pelo homem, como também qualquer outra opressão social e nacional. Acentuava que unicamente a revolução proletária e a construção do socialismo podem solucionar justamente a questão nacional, enquanto qualificava os movimentos de libertação como aliados naturais do proletariado. Manifestava-se energicamente contra toda forma de opressão nacional e de chauvinismo burguês. Uma nação que oprime outra, assinala-

va Marx, não pode ser livre.

Os ensinamentos de Marx sobre a questão nacional e os movimentos de libertação adquirem uma grande atualidade em nossos dias, quando o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético, em sua desenfreada corrida por esferas e zonas de influência, pela hegemonia e a dominação mundial, aplicam a política da expansão e das agressões, do colonialismo e do neocolonialismo, violam a liberdade e a independência dos povos, tratam de submetê-los e escravizá-los em favor de seus interesses. Estas duas superpotências se converteram hoje nos maiores e mais perigosos inimigos dos povos de todo o mundo. São elas que provocam e incitam a guerra, que preparam em todos os aspectos uma nova carnificina mundial.

////////////////////
NO SOCIALISMO DESAPARECERÃO GRADUALMENTE TODAS AS ILUSÕES E OS PRECONCEITOS IDEALISTAS E RELIGIOSOS, BURGUESES E PEQUENO-BURGUESES.
 //////////////////////

O FUTURO DA HUMANIDADE É O SOCIALISMO CIENTÍFICO

O objetivo final de Marx era a nova sociedade sem opressão nem exploração, a sociedade socialista. Em nome deste objetivo conclamava a classe operária a lançar-se à revolução e instaurar a ditadura do proletariado. Marx rechaçou todas as formas anteriores do socialismo utópico e, baseando-se em sua doutrina econômica e filosófica, descobriu as leis objetivas que torna indispensável a sociedade socialista, mostrou as vias reais e concretas que conduzem a ela, definiu sua fisionomia e seus traços característicos.

Marx concebia a futura so-

ciiedade socialista em toda a sua complexidade, em todos os seus aspectos e elementos constitutivos, econômicos e políticos, materiais e espirituais. No plano político via a sociedade socialista sob a direção da classe operária e de seu Partido Comunista; no plano econômico como uma sociedade baseada, tanto na cidade como no campo, na propriedade social sobre os instrumentos e os meios de produção, assim como no controle social sobre a distribuição e a produção; no plano das idéias, como uma sociedade em que desaparecerão gradualmente todas as ilusões e os preconceitos idealistas e religiosos, burgueses e pequeno-burgueses, e dominarão a concepção do mundo e a moral comunistas.

Marx advertia o proletariado para que a construção da nova sociedade socialista não seria um processo tranqüilo e espontâneo, mas resultado de uma acerbada luta de classes, da luta do proletariado vitorioso contra a burguesia derrocada, mas não vencida, contra todos os remanescentes e resquícios da velha sociedade, que não podem desaparecer imediatamente. Marx tinha presente essa luta de classes quando defendia e argumentava teoricamente que todo o largo período de transição do capitalismo ao comunismo será o período de dominação da ditadura revolucionária do proletariado.

////////////////////
PARA MARX, TODO O LARGO PERÍODO DE TRANSIÇÃO DO CAPITALISMO AO COMUNISMO SERÁ O PERÍODO DA DITADURA REVOLUCIONÁRIA DO PROLETARIADO.
 //////////////////////

Marx não pensava que a construção da nova sociedade socialista seria resultado de um só golpe e viria em breve tempo. Ele via a criação da sociedade comunista como um processo relativa-

mente prolongado, composto de uma série de etapas nas quais distinguia duas grandes e principais fases: a primeira, o socialismo, em que todos trabalharão segundo suas possibilidades e serão remunerados de acordo com o trabalho realizado; e a segunda, uma fase superior, o comunismo, em que todos trabalharão consoante sua capacidade e serão remunerados conforme suas necessidades. Estes ideais da futura sociedade socialista e comunista se transformaram para gerações inteiras de revolucionários proletários de todo o mundo numa inesgotável fonte de inspiração e abnegação na heróica luta pelo derrocamento do regime de escravidão capitalista e pela construção da nova sociedade da justiça social, da igualdade e do trabalho criador livre, sem opressores nem exploradores.

////////////////////////////////////
MARX FORMULOU AS LEIS GERAIS QUE REGEM O TRABALHO E A LUTA PELA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE SOCIALISTA, LEIS QUE TÊM O VALOR DE VERDADES UNIVERSAIS.
 //////////////////////////////////////

Na concepção de Marx acerca da sociedade socialista não há nenhuma fantasia ou utopia. Ainda que a prática social daquele período lhe proporcionasse muito pouco material para penetrar nos detalhes e para falar dos caminhos e dos ritmos concretos do desenvolvimento socialista em cada país, Marx, com seu rigor científico e revolucionário, formulou e argumentou as leis gerais que regem o trabalho e a luta pela construção da sociedade socialista, leis que têm o valor de verdades universais, que são indispensáveis para todo país que penetre no caminho do socialismo. Estas leis foram confirmadas e materializadas mais adiante na prática revolucionária da cons-

trução socialista na União Soviética nos tempos de Lênin e Stálin e na dos demais países que ingressaram no caminho do socialismo após a Segunda Guerra Mundial. Os que negaram e abandonaram estas leis retrocederam ao capitalismo, enquanto que ali onde elas foram defendidas e aplicadas com fidelidade, como na Albânia, o socialismo marcha adiante vitorioso.

A Albânia socialista, com seus êxitos, sua estabilidade e suas luminosas perspectivas de futuro é um majestoso monumento da doutrina de Marx, um brilhante exemplo da força e da vitalidade de suas idéias. A atual

realidade socialista de nosso país adquire o valor de exemplo concreto de uma verdadeira sociedade socialista, o valor de um desmascaramento implacável dos pseudo-socialismos dos revisionistas contemporâneos, independentemente das etiquetas que lhes ponham, como "socialismo desenvolvido", "socialismo de autogestão", "socialismo democrático e pluralista" ou "socialismo maoísta".

Como têm ressaltado nosso Partido e o camarada Enver Hoxha: *"Hoje não é necessário inventar novos 'socialismos'. A questão de saber o que é o socialismo, o que representa e o que realiza,*



como se alcança e se edifica a sociedade socialista, há muito que foi esclarecida. Existe uma teoria e uma prática do socialismo científico. A teoria é a que nos ensinam Marx, Engels, Lênin e Stálin. Quanto à prática do socialismo, encontramos-na na rica experiência da edificação do socialismo na União Soviética, na época de Lênin e Stálin, e encontramos-la hoje também na Albânia, onde a sociedade nova é edificada de acordo com os ensinamentos do marxismo-leninismo."

Iluminados pelos ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, nosso Partido e o camarada Enver Hoxha vêm fazendo frente vitoriosamente há várias décadas, à maré revisionista, rasgando uma após outra as máscaras dos traidores do marxismo e inflingindo-lhes sucessivas derrotas políticas e também no campo das idéias. O camarada Enver Hoxha, em suas numerosas obras político-filosóficas de grande valor teórico e prático, de transcendental importância para nosso povo e para todo o movimento comunista e operário internacional com uma férrea lógica marxista-leninista e trazendo à tona numerosos dados e fatos, pôs a nu toda a demagogia dos revisionistas, desmascarou todas as suas concepções e práticas antimarxistas e antisocialistas e defendeu com ardor os princípios e os ensinamentos fundamentais de Marx, Engels, Lênin e Stálin. O Partido e o camarada Enver Hoxha defenderam a teoria da luta de classes e da revolução violenta contra a conciliação de classes, contra a via pacífica, parlamentar e reformista dos revisionistas contemporâneos. Refutaram suas teorias sobre o partido e o Estado de todo o povo e defenderam os ensinamentos do marxismo-leninismo sobre o partido revolucionário

da classe operária, sobre a ditadura do proletariado e a democracia proletária. Desmascararam as teorias e as práticas revisionistas sobre o pluralismo econômico, político e ideológico no socialismo e defenderam os ensinamentos de Marx e Lênin sobre a economia socialista baseada na propriedade social dos meios de produção, no papel dirigente e indivisível do partido comunista e a concepção marxista do mundo como a única ideologia dominante no socialismo. O Partido e o camarada Enver defenderam também o princípio da planificação socialista da economia e da remuneração segundo o trabalho, o princípio do centralismo democrático e do apoio nas próprias forças, contra as leis do mercado, contra a exploração e a criação de camadas burguesas privilegiadas, contra o centralismo burocrático e o liberalismo anárquico, contra a dependência das ajudas e dos créditos estrangeiros escravizantes. Defenderam o internacionalismo proletário contra o chauvinismo de grande Estado, a paz e a segurança dos povos contra a política imperialista de agressão e de guerra.

////////////////////////////////////

O PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA E O CAMARADA ENVER HOXHA SOUBERAM FAZER NOVAS E IMPORTANTES GENERALIZAÇÕES, ENRIQUECER E DESENVOLVER A DOUTRINA DE MARX.

////////////////////////////////////

Na grande luta de princípios contra os inimigos e os renegados do marxismo e no verdadeiro espírito do marxismo-leninismo, nosso Partido e o camarada Enver Hoxha souberam fazer novas e importantes generalizações, enriquecer e desenvolver ainda mais a doutrina de Marx em todos os seus aspectos e suas partes constitutivas.

Em aberta e inconciliável luta com a política agressiva e hegemônica do imperialismo norte-americano e do social-imperialismo soviético, o camarada Enver Hoxha defendeu e desenvolveu ulteriormente a estratégia e a tática revolucionárias marxistas-leninistas, elaborou uma justa linha de defesa da liberdade e pelo desenvolvimento da luta de libertação e revolucionária dos povos.

Nosso Partido e o camarada Enver Hoxha vêm dando uma valiosíssima contribuição à doutrina marxista-leninista sobre a construção da sociedade socialista, sobre sua organização e transformação econômica e política, administrativa e militar, educativa e cultural, para evitar o surgimento do revisionismo e a restauração do capitalismo, garantir e defender as vitórias da revolução frente a qualquer inimigo ou traidor interno e externo, levar sempre adiante a imortal obra de Marx, a grande causa do socialismo e do comunismo.

Este é o grande mérito histórico de nosso Partido e do camarada Enver Hoxha, que têm sabido manifestar sua fidelidade ao marxismo-leninismo não com palavras e prédicas, mas com fatos, defendendo-o ardentemente, desenvolvendo-o de maneira criadora e aplicando-o às condições concretas de nosso país e do atual desenvolvimento mundial. Este é o marxismo vivo, criador e operante. Assim nós, os comunistas albaneses, temos concebido o marxismo, não como um dogma, mas como um guia para a ação, não como uma teoria abstrata, mas como uma arma de combate, não como uma doutrina iluminista, mas como uma grande força que transforma o mundo.

Porque é assim o marxismo é invencível.////////////////////////////////////

EM DEFESA DA LIBERDADE — UM DISCURSO HISTÓRICO

*Maurício Grabois**



Os comunistas foram os primeiros parlamentares cassados no período que se inicia com o fim da II Grande Guerra. A bancada do Partido Comunista do Brasil, que participara ativamente da Constituinte de 1946 e dos trabalhos legislativos subsequentes, teve seus membros afastados do Congresso por um ato arbitrário e antidemocrático imposto pelos círculos reacionários à frente dos quais se achava o general Eurico Gaspar Dutra.

Publicamos a seguir o discurso (resumo) pronunciado no momento que antecedeu a vota-

////////////////////

* Dirigente do PC do Brasil assassinado em dezembro de 1973 nas selvas do Araguaia.

ção do projeto cassatório (8 de janeiro de 1948) pelo deputado MAURÍCIO GRABOIS, líder daquela bancada. É um documento histórico no qual se faz um exame do pensamento político das classes dominantes em contraste com a conduta e a perspectiva do proletariado, representado por sua vanguarda de classe, o PC do Brasil. Grabois faz, ao mesmo tempo, uma apreciação da atividade parlamentar dos comunistas que souberam, em todo o momento, honrar o mandato que receberam do povo no pleito de dezembro de 1945. Ele assinala, com otimismo revolucionário, pertencer o futuro aos trabalhadores e às massas populares que

se batem pela liberdade, pela terra, pela independência nacional, pelo socialismo, quaisquer que sejam as vicissitudes que a luta de classes venha a enfrentar num processo duro e complexo, cujo desfecho só poderá ser a vitória das forças avançadas da sociedade brasileira. "Somos a juventude do mundo, os homens que lutam pelo progresso do Brasil. Sabemos que a luta, para muitos, será difícil, muitos serão sacrificados; mas outros ocuparão nossos lugares, e o triunfo será certo e decisivo" — assim encerrou o seu brilhante discurso e a sua atividade parlamentar o grande combatente da causa do povo, o deputado Maurício Grabois. ►

Utilizando a tribuna parlamentar, quero deixar bem claro que minha voz aqui, não se dirige hoje aos Srs. Representantes do povo, pelo menos à maioria, mas sim, diretamente ao povo brasileiro, à imensa massa dos trabalhadores do Brasil, porque estou certo de que minhas palavras neste recinto não terão a virtude de convencer aqueles homens que já traçaram seu roteiro, sua posição em face do projeto de cassação dos mandatos.

Não tenho ilusões sobre o caráter tremendamente reacionário que orienta a maioria parlamentar, nem espero que a minha palavra possa convencer a esses homens que se esqueceram da dignidade do Parlamento Nacional, da soberania desta Casa do Congresso Nacional permitindo a sua automutilação e com seu voto favorecendo a liquidação do próprio regime democrático em nossa Pátria.

Nunca, no cenário político do Brasil, um Parlamento tomou uma atitude como esta, que, sem dúvida, passará à nossa História, como sendo de conivência com os traidores da Pátria. Não tenhamos ilusões: o historiador saberá julgar essa maioria parlamentar que não ouve os reclamos da população, não é o intérprete da vontade popular, e não faz outra coisa senão se submeter, de maneira subserviente, aos imperativos do grupo fascista que infelicitiza nossa Pátria, levando o País para o caos e a catástrofe.

Sim, usando esta tribuna, não me dirijo à maioria parlamentar incapaz de defender o regime democrático, porque sei que não é a capitulação desta Câmara, a que se pode aplicar o qualificativo que Silveira Martins deu a determinada Câmara, que há de servir para a salvação do regime democrático: nesta hora em

que se debate o projeto de cassação de mandatos minha voz se volta para o povo brasileiro, para esse povo que a 2 de dezembro de 1945 ocorreu às urnas cheio de esperanças, cheio de entusiasmo, certo de que as eleições iriam trazer para nossa Pátria uma nova época de progresso e de liberdade. Logo após o pleito, empossado o candidato eleito através de acordos eleitorais porque não tinha nenhum prestígio popular, que vimos? A marcha do Brasil no sentido da ditadura, no sentido da reação, a fim de liquidar com todas as conquistas obtidas pelo nosso povo na gloriosa jornada de 1945.

Gaspar Silveira Martins, ao se dirigir à Câmara de sua época, considerava-a uma assembléia de servis. E, neste instante, não há outras palavras senão aquelas por ele pronunciadas para dirigir-me a uma assembléia que se dobra aos imperativos e à vontade do grupo que se encontra encastelado no Catete, levando o país para a catástrofe e para o caos.

É com esse espírito que ocupo a tribuna, compreendendo que já não falo para um Parlamento soberano capaz de defender a democracia, capaz de defender sua dignidade. Nesta hora, em que o regime democrático está em completa derrocada, somente o povo — e somente ele, organizado — é capaz de assegurar a democracia em nossa Pátria.

Nessa discussão do projeto de cassação de mandatos, quero render minhas homenagens àqueles homens do povo, homens anônimos que deram seus votos aos representantes no Parlamento para que defendessem o regime democrático e que hoje, nas ruas, clamam contra esse crime monstruoso que é o Projeto nº 900-A, o qual irá golpear, temporaria-

mente, a democracia em nossa Pátria, mas só temporariamente porque a democracia é invencível; quero render minhas homenagens àqueles homens que estão vertendo seu sangue para que a democracia não pereça, olhos voltados para o operário Anísio Dário, morto pela Polícia de Aracaju, o qual perdeu a vida clamando contra o crime que se pretende perpetrar com a cassação dos mandatos de representantes legitimamente eleitos.

Não assomamos à tribuna para nos defender, nem fazer a defesa de nossa posição dentro do Parlamento. Aqui estamos para acusar, pois somos o alvo desse grupo fascista, dessa maioria subserviente.

Se sairmos desta Casa, será com nossa consciência tranqüila, com a cabeça erguida, porque temos a certeza de haver cumprido o nosso dever, fiéis ao nosso eleitorado e ao povo brasileiro, defendendo, palmo a palmo, suas reivindicações e a própria Constituição.

Sairemos desta Casa em consequência de um golpe de violência, anticonstitucional, por parte dos maiores inimigos da democracia. Estou certo, porém, de que, amanhã, em outra eleição, quando a democracia ressurgir em nossa Pátria — não essa democracia de fachada, que serve a meia dúzia de politiquinhos e generais fascistas que estão entregando o Brasil ao imperialismo norte-americano; quando ressurgir a verdadeira democracia, a democracia do povo, quando for respeitada sua vontade, podem estar certos os Srs. Representantes que neste instante cassam nossos mandatos de que voltaremos, não apenas com uma bancada de dezesseis Deputados, mas, com número bem maior, capaz de derrotar todos os reacio-

nários que infelicitam o povo brasileiro e impedem o progresso nacional.

Inoperante, sem nenhum resultado, seria desenvolver, nesta altura dos debates, argumentos jurídicos para atacar o projeto de cassação de mandatos.

As maiores figuras da cultura jurídica nacional já se manifestaram mostrando a inconstitucionalidade do projeto — homens como o Ministro Eduardo Spínola, João Mangabeira, o Desembargador Vieira Ferreira, o Professor Homero Pires, o Desembargador Blanco Filho, o Professor Luís Carpenter, o Dr. Sobral Pinto, o Professor Jorge Americano e inúmeros constitucionalistas de reconhecido valor.

Não há, na consciência de qualquer homem a convicção de que esse projeto seja constitucional e venha beneficiar a democracia. Aqui mesmo, neste Parlamento, poucos são os representantes do povo, mesmo aqueles que opinam pela cassação de mandatos, que estejam convencidos da constitucionalidade do projeto.

Votam por motivos políticos, por interesses próprios e pessoais, e, com os seus votos, estão demonstrando que são verdadeiros inimigos da democracia.

É uma verdadeira farsa querer fazer debate jurídico em torno dessa monstruosa proposição porque tem a sua origem, não na vingança de um homem como o Sr. Barreto Pinto, mas nos círculos reacionários encastelados no Catete e diretamente inspirados nos trustes e monopólios norte-americanos. Essa a origem do projeto, deste golpe contra a democracia em nosso país. Há outros homens que estão defendendo seus interesses e procuram manter suas posições sob as máscaras da constitucionalidade. Sa-

bemos mesmo que não há nenhuma convicção nesse argumento. Participei dos debates da Comissão de Constituição e Justiça e assisti à defesa dessa proposição por homens como, por exemplo — sem nenhuma ofensa pessoal a S. Exa. — o Sr. Eduardo Duvivier que, naquele instante, com todo o ardor que lhe é peculiar, pugnava pela constitucionalidade do projeto Ivo d'Aquino; mas, naquele dia, 19 de dezembro, o Forum desta Capital anotava que, entre 17 requerimentos de despejo, seis eram do Sr. Eduardo Duvivier.

Este o objetivo central do voto do Sr. Duvivier que, embora aqui desta tribuna venha falar em elevação e motivos jurídicos, o que faz é defender seus interesses de classe e grupo e ajudar a liquidar a democracia, porque num regime democrático não é possível explorar o povo e manter o monopólio em detrimento da própria saúde da população do Distrito Federal.

A cassação de mandatos, que ora se discute, não é mero debate parlamentar levado a efeito aqui nesta Casa; é uma etapa de todo um plano traçado tendo em vista liquidar a democracia no Brasil. E, por isso, a votação que se irá proceder neste recinto é o segundo período de um processo cuja primeira fase foi o cancelamento do registro eleitoral do Partido Comunista do Brasil.

Naquele instante, um juiz, um homem íntegro, um homem que não se corrompe e que não se deixa dobrar à vontade dos senhores que dominam o poder, um homem que é verdadeiramente um juiz, e não um réprobo que vota contra sua consciência para servir aos poderosos que aí estão: o Sr. Sá Filho, naquela época tinha a oportunidade de pronunciar, como que pressagian-

do para onde caminhávamos, ao afirmar em seu voto magistral: "o desaparecimento do Partido Comunista dos quadros legais coincide com o eclipse da democracia". Naquele instante em que, por um resultado precário de 3 x 2, era colocado na ilegalidade o Partido Comunista do Brasil, se estava decidindo dos próprios destinos da democracia brasileira.

Não é admissível, usurpar as cadeiras que ocupam legítimos representantes de mais de meio milhão de brasileiros que se manifestaram nas eleições de 2 de dezembro de 1945.

Também o povo não ficará indiferente, não silenciará diante de um outro crime como o cometido pelo Tribunal Eleitoral cassando, por meios escusos, os mandatos de 190 vereadores e 1 prefeito legitimamente eleitos pelos trabalhadores.

É de destacar o fato de que, à frente do grupo fascista que dirige a luta pela cassação dos mandatos dos comunistas está o general Dutra que foi condecorado por Hitler e recebeu a espada dos samurais das mãos dos militaristas do Japão, e que só no último instante, sob a pressão das massas, foi capaz de concordar com o envio das forças expedicionárias para combater o nazismo no solo da Itália.

O Sr. Eurico Gaspar Dutra transformado, por obra do acaso, em Presidente da República, em virtude da instabilidade política em que vivia a nossa Pátria, esse homem de tendências fascistas elevado à Presidência da República, uma vez neste posto, não tem feito outra coisa senão aplicar diretrizes políticas que favorecem o imperialismo e o fascismo.

Todo o povo se levanta contra o infame projeto de cassação dos mandatos dos comunistas. Assembléias Legislativas esta-

duais se têm manifestado contra o projeto Ivo d'Aquino. Isso significa que os representantes que nesta Casa votam pela cassação de mandatos estão traindo o mesmo eleitorado cujos representantes estaduais e municipais se pronunciam contra o ignominioso projeto. Assim, as Assembléias dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Goiás, Pernambuco, Paraná, Bahia, Sergipe, Espírito Santo e Minas Gerais, dez Assembléias Legislativas dos mais importantes estados da Federação são contra a cassação de mandatos.

São contrárias, igualmente, à cassação de mandatos inúmeras Câmaras Municipais, dentre as quais posso citar a do Distrito Federal, que se tem colocado, de maneira decisiva, na luta em defesa da população carioca. Além dela, votaram moções contra a cassação de mandatos, a Câmara Municipal de São João Do Meriti, a de Jaboação, a de Nova Iguaçu, o Prefeito e Vereadores de Marília, os vereadores santistas, ainda não empossados, a Câmara Municipal de Paulista, de Campos e de Macaé e vereadores de Friburgo. Também se manifestaram no mesmo sentido, as Câmaras Municipais de Recife, Araguari, Goiânia e Nova Lima.

São inúmeras, pois, as Assembléias do povo, compostas de homens provindos do seio da massa popular, que patenteiam a sua repulsa ao projeto de cassação de mandatos.

Podem todos estar certos de que esse projeto será o divisor de águas; amanhã o povo indicará os políticos brasileiros que foram pela cassação ou contra a cassação, porque na votação desse projeto definem-se as convicções democráticas de cada representante do povo.

Mais ainda: inúmeras organi-

zações profissionais e populares votaram moções contra a cassação de mandatos. É preciso ficar constatado que assim resolveu o Congresso Jurídico Nacional, expressivo do que há de melhor na ciência jurídica do país.

Também poderia citar a juventude que se coloca contra os cassadores de mandatos, através das manifestações da União Nacional dos Estudantes.

Poderia ainda, demonstrar que a intelectualidade brasileira se opõe à cassação de mandatos, através da declaração de princípios do II Congresso de Escritores e da diretoria da Seção Central da Associação Brasileira de Escritores.

São assim, inúmeras as organizações que se pronunciaram contra a cassação de mandatos, o que demonstra que nosso povo, de maneira alguma, aceita essa medida iníqua e odiosa que significa uma traição à democracia em nosso país.

Desejo lembrar que o Parlamento está assumindo grandes responsabilidades. Em 1937, ele não foi capaz de defender sua dignidade, curvando-se à vontade dos senhores que dominavam no Catete. Foi ele que votou as leis de segurança, o estado de sítio e o de guerra, permitindo a prisão e o processo de membros seus. Esse Parlamento, portanto, sucumbiu, apodrecido, sem o protesto popular, porque quando a polícia cercou este mesmo Palácio do Congresso, nenhuma voz do povo se levantou para proteger um Parlamento incapaz de defender suas próprias prerrogativas! Os fatos se repetem de maneira muito mais trágica e mais séria, porque esta Casa se mostra muito abaixo daquela de 37. Aquela cedeu ao futuro ditador, votando leis de arrocho e exceção; a atual corta na própria

carne, expulsando de seu seio homens legitimamente eleitos pelo voto popular, sem contestação alguma.

Atrás de todo esse projeto de cassação, entretanto, esconde-se toda uma política contrária aos interesses do povo. Quando encerramos a última sessão legislativa, tive a oportunidade de dizer que este Parlamento não votou nenhum projeto de caráter social. Durante quase um ano de funcionamento só se votaram as mensagens enviadas pelo Executivo, solicitando abertura de créditos para o governo, ou isenção de direitos alfandegários e de impostos para empresas imperialistas. É um Parlamento que serve aos poderosos; não se viu aqui aprovado nenhum projeto que viesse beneficiar o povo brasileiro. Esta a realidade palpável.

Quando se discutiu o projeto do descanso semanal remunerado, o que vimos foi a sabotagem sistemática, culminando com o sr. Souza Costa pedindo a audiência da Comissão de Finanças e até hoje o aludido projeto não foi aprovado.

Quando se trata de aprovar um crédito de Cr\$ 30 milhões para satisfazer a determinados fazendeiros de café do estado do Rio e do Espírito Santo, o projeto corre em pouco tempo e em menos de uma sessão foi aprovado, tendo sido a própria redação final, se não me engano, também aprovada.

Este Parlamento, votando a cassação de mandatos, mostra que está coerente com a sua atitude reacionária. Incomoda aos representantes da classe dominante ouvir a voz da classe operária e do povo brasileiro que têm assento neste Parlamento. Dói aos reacionários, aos negociantes, aos exploradores, ouvir a voz rude, às vezes mal formulada dos operários.



Ilustração Chico Martins

Aqui também está a origem do projeto de cassação de mandatos: se votam por subserviência, também o fazem por interesses pessoais para afastar a voz do povo, do proletariado, do recinto desta Assembléia. Mas podem estar certos de que este Parlamento, sem os representantes da classe operária, sem os representantes que vêm do povo, não merecerá mais o respeito e a devida consideração, não será mais o terceiro poder, mas um apêndice

podre da ditadura do Sr. Eurico Gaspar Dutra.

Atrás desse projeto de cassação de mandatos está toda uma ofensiva contra os trabalhadores e contra o povo em geral, está a luta pela rebaixa dos salários. São os patrões reacionários que pretendem diminuir os salários e já vemos como se fecham as fábricas para que operários sejam demitidos e depois readmitidos com salários inferiores. É a política do congelamento e da rebaixa

dos salários; é a política de defender a carestia de vida.

Podem perseguir os comunistas, podem liquidar com as liberdades, mas não acabarão com a fome, não resolverão o problema do povo; poderão enriquecer, mas a vontade do povo prevalecerá um dia, porque contra as forças da democracia não há obstáculo capaz de impedir a sua marcha vitoriosa.

Desejo invocar, agora, declaração do ilustre Deputado Afon-

so Arinos, com a devida permissão, e S. Exa. poderá ou não confirmá-la. Disse-me outro dia S. Exa., em conversa, que o projeto de cassação de mandatos marchava rapidamente, nesta plenária, não pela atividade da maioria, mas pela inércia dos que lhe são contrários.

É verdade que fora a bancada comunista, a resistência levada a efeito nesta Casa contra este projeto, salvo honrosas exceções, entre as quais se inclui o Sr. Deputado Afonso Arinos, não foi a que poderia esperar o povo brasileiro de seus representantes. O fato é, sem dúvida, fruto da capitulação dos homens que se diziam partidários da bandeira da "eterna vigilância".

A democracia não é um jogo de palavras. A democracia são os fatos, a prática diária e concreta do respeito à nossa Constituição e da defesa dos interesses do povo, e não a subserviência, o calar ante as manobras e as violências dos poderosos. Estou certo de que os acordos e arranjos, que tiveram como objetivo principal facilitar a marcha deste indecoroso projeto, não darão resultado, porque as contradições aumentarão. As posições são poucas e os cargos não chegam para todos. As divergências prosseguirão porque, para contemplar a U.D.N. se descontentará o P.S.D.

Qual o sentido, agora, de atacar a ditadura do Estado Novo e mostrar o nosso passado de lutas contra o Sr. Getúlio Vargas, quando governava sob o império da Constituição de 37? Hoje, o fundamental é respeitar a Constituição de 46, ter coragem de dizer a verdade e desmascarar os nossos inimigos.

Sabemos que não é preciso ser comunista para defender a democracia e a Constituição. No caso da cassação de mandatos,

não se trata dos comunistas, mas da própria sobrevivência do regime constitucional, porque a experiência mostrou que com o golpe de 10 de novembro de 1937, não sofreram apenas os comunistas, mas também aqueles que, embora de ideologia contrária, tiveram, naquele instante, capacidade de erguer a voz, protestando contra os desmandos da ditadura.

Por fim, quero lembrar as conseqüências antidemocráticas, que advirão para o povo brasileiro desse projeto de cassação de mandatos.

Ainda agora, o Sr. Ângelo Mendes de Moraes, que é Prefeito do Distrito Federal por delegação do ditador Dutra, homem que, se concorresse a uma eleição, jamais seria eleito vereador, já se julga no direito de fazer recriminações ao Parlamento, dizendo que a lei de cassação de mandatos é de purificação, e que atrás dela virão outras — lei de imprensa, lei contra os funcionários públicos, em suma, leis para sufocar violentamente a democracia em nosso país. E, como se isto não bastasse, há poucos dias, numa cerimônia no Palácio da Guerra, um General do Exército, o Sr. Zenóbio da Costa, ditava ordens ao Congresso no sentido de votar o projeto de cassação de mandatos. Pelo que vejo, tais ordens foram fielmente cumpridas, porque, ainda hoje, a maioria reacionária docilmente votará tão infame e indecorosa proposição.

O que se está passando neste Parlamento é uma traição à democracia. Expulsa-se desta Casa a bancada mais representativa do povo brasileiro. O nobre Deputado Sr. Munhoz da Rocha, em discurso aqui proferido, afirmava que todos nós falamos uma só linguagem. É verdade. Falamos a

linguagem do povo, do interesse nacional. Mas todos nós, da bancada comunista, saímos dos mais diferentes setores da sociedade. Lá não estão os negociastas, os industriais reacionários e advogados de empresas imperialistas.

A verdade é esta: somos a expressão legítima do povo brasileiro. Podem nos chamar de agentes de qualquer nação; mas a nossa atitude tem sido das mais patrióticas em defesa das instituições e dos interesses do Brasil.

As outras bancadas não podem dizer o mesmo porque constituídas, na sua quase totalidade, de representantes dos latifundiários, dos industriais, dos reacionários e de advogados de bancos estrangeiros.

Assim, expulsa-se do Parlamento esta bancada que se tornará muito maior; que terá maior glória e maior prestígio do que aqui sentada. Estou certo de que sairemos vitoriosos da luta. Hitler com suas forças e divisões motorizadas sofreu a derrota final e definitiva.

A vitória será do povo e não do Sr. Eurico Gaspar Dutra, com um Parlamento de ficção, simples chancelaria do Catete, visando apenas os atos do Governo; não será o senhor Dutra nem esta maioria — repito — que acabarão com o movimento comunista no Brasil, porque nós somos a vanguarda das forças do progresso e da democracia.

Somos a juventude do mundo, os homens que lutam pelo progresso do Brasil. Sabemos que a luta, para muitos, será difícil, muitos serão sacrificados; mas outros ocuparão nossos lugares, erguerão a bandeira de defesa da democracia e do nosso povo e o triunfo será certo e decisivo. O governo do Sr. Dutra será execrado por todos os brasileiros e por toda a humanidade.////

O Freudismo e os "Freud-Marxistas"*

A. Stoliarov

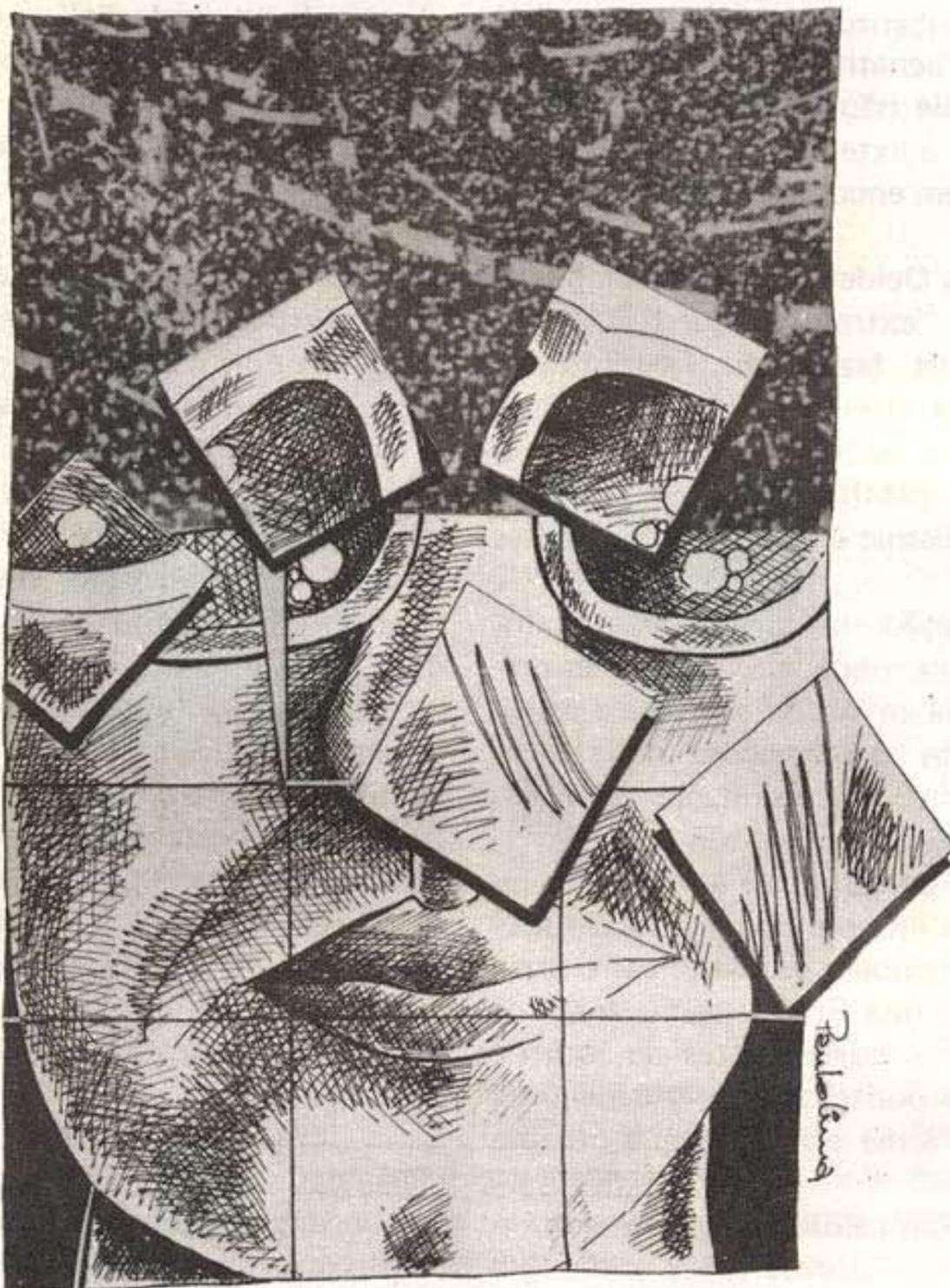


Ilustração Paulo Lima

A afirmação do materialismo dialético como concepção filosófica que norteia a análise dos fenômenos da natureza e da sociedade reveste-se de grande importância para a propaganda marxista. Nos dias atuais, com o aprofundamento da crise geral do capitalismo — que se estende também ao do-

mínio das idéias — assiste-se a uma proliferação de teorias falsas cujo escopo é desorientar as pessoas e ofuscar-lhes a perspectiva. No presente artigo, que guarda atualidade em seus aspectos fundamentais, o autor critica os pontos de vista idealistas do psiquiatra vienense Sigmund Freud e seus seguidores e combate as tentativas dos "freud-marxistas" de encontrar uma convergência entre marxismo e freudismo. ▶

* Artigo editado na União Soviética, em 1931, pela revista *Literatura Proletária*.

"Freud agitou o mundo. São numerosos aqueles que pensam que a psicanálise mudará a face do globo". Assim se exprime um dos discípulos de Freud na Europa Ocidental, F. Wittels.

O próprio Freud se iguala a Copérnico e a Darwin. Suas teorias, mal acolhidas pelo "grande público" logo após 1890, dão hoje à Europa burguesa um novo Evangelho. Freud, objeto de um entusiasmo geral, é levado às nuvens. Para numerosos social-democratas ele substituiu Marx.

Este entusiasmo penetrou até na URSS. Desnecessário dizer que ele não tem nem poderia ter na sociedade soviética a extensão que tem nos países do Ocidente. Ele tem encontrado na URSS muitos antídotos.

Se, nos países do Ocidente, social-democratas e personalidades de "extrema esquerda" como Henriette Roland-Holst fazem do freudismo o "complemento" do marxismo, na URSS, marxistas, ou para dizer melhor, marxistas deploráveis, tais como M. A. Reissner, manifestaram a mesma tendência. O Professor Reissner é o autor das seguintes linhas:

"Apenas a aplicação da dialética materialista, da doutrina de Marx, pode livrar os germes preciosos do freudismo da envoltura ideológica da sociedade burguesa, das deformações metafísicas idealistas, das contradições e das inseqüências. A ciência marxista deve encontrar em si mesma as forças e a capacidade de submeter a um novo trabalho de elaboração a enorme documentação acumulada por Freud e também de continuar a linha monista e materialista que Freud seguiu antes de mais nada. Somente os participantes da luta de classe do proletariado poderão forjar por meio da teoria de Freud uma arma nova contra a neurose coletiva da religião.

Pode-se recomendar calorosamente os elementos da psicanálise aos psicólogos e aos sociólogos marxistas, pois eles aí encontrarão as fontes extremamente fecundas do enriquecimento e do aprofundamento de suas pesquisas."(1)

Apreciações deste gênero foram muitas vezes formuladas na imprensa soviética. Mas antes de falar dos freudianos, convém dizer algumas palavras da própria doutrina de Freud.

O freudismo nasceu de uma tendência particular da medicina que estuda as doenças psíquicas ou nervosas. O método de tratamento das doenças nervosas que Freud e sua escola usam chama-se psicanálise. Freud foi conduzido por seus trabalhos a concluir que todas as neuroses têm por base tendências sexuais, são conseqüência destas ou, mais

exatamente, a resultante de seu recalque, quer dizer, da recusa em satisfazê-las que se impõe à personalidade, o próprio pensamento de sua satisfação não sendo admitido na região da consciência. "As neuroses, explica Freud, são de certa forma doenças específicas da função sexual; a questão de saber se uma pessoa pode, em geral, estar atacada de neurose, depende da quantidade de libido e da possibilidade de satisfazê-la e de lhe dar uma saída através da satisfação".

O termo libido designa para Freud a atração sexual (amorosa, "erótica" e sexual no sentido estrito da palavra), "a energia pela qual se manifesta na vida espiritual a atração sexual."(2)

A psicologia humana se baseia em duas atrações que se situam, por sua natureza, entre o físico e o psíquico propriamente dito. A psicanálise distingue dois grupos essenciais, dois complexos de atrações: aqueles do "eu" (aspiração à conservação) e o da atração sexual.

A neurose se produz mais freqüentemente quando a atração sexual não pode ter resultado prático nem satisfação, em conseqüência do conflito interior resultante da oposição entre "a aspiração-eu" e o "princípio da realidade", quando acontece que a aspiração sexual sob sua forma dada é inadmissível, estando em contradição com o instinto de conservação da personalidade ou com o respeito que esta tem por si mesma, sendo anti-social, ou por qualquer outra razão análoga.

Tem lugar uma "seleção" das aspirações, uma "triagem" efetuada à revelia da consciência e sem a participação da consciência. Na opinião de Freud, atua uma força psíquica particular; Freud chama-a "censura".

Em seu estado primitivo e na sua primeira infância, o homem não se inspira, segundo Freud, senão em um princípio fundamental, o Lustprincípio ou "princípio do prazer". Nada é ainda "proibido". Mais tarde, chegando aos graus superiores de seu desenvolvimento, o homem vê aparecer o "princípio da realidade". A aspiração ao prazer, chocando-se com o princípio da realidade, é freqüentemente recalcada fora da esfera da consciência, pela ação da "censura".

Diversas aspirações "perversas", que na infância constituem a forma costumeira de emoções sexuais inconscientes, e no ser adulto representam um retorno ao estado infantil, são assim recalçadas. As tendências incestuosas e o narcisismo, ou seja, o estado psíquico no qual a libido tem por objeto seu próprio eu, jogam neste processo um papel enorme.(3)

Segundo a teoria de Freud, a libido do homem, na infância, tem sempre uma tendência ao narcisismo. Só mais tarde ela se relaciona com os objetos exteriores (outras pessoas etc.), e ainda assim não inteiramente. O perigo de um retorno doentio "ao estado infantil" pela neurose subsiste sempre.

O "complexo de Édipo", quer dizer, a atração sexual das filhas pelo pai, dos filhos pela mãe etc. acompanhado de um sentimento de ciúme das mães com relação ao pai etc., desempenha para a escola psicanalítica um papel enorme na formação das neuroses. A própria designação deste complexo psíquico liga-se ao mito grego do rei Édipo, que matou seu pai e desposou sua mãe. Freud considera que o mito de Édipo caracteriza todo um período da história real da humanidade, período ao qual remontam as origens da exogamia, do culto totêmico, do poder do primogênito etc. O "complexo de Édipo" é o modelo de aspirações "antisociais" em contradição com o "princípio da realidade" que o aparelho psíquico da "censura" se esforça para recalcar, para não deixar chegar ao limiar da consciência. As tendências sexuais antisociais são "eliminadas" da esfera da consciência da personalidade em consequência de um conflito psíquico. O homem pode muito bem não ter nenhuma consciência da existência passada ou presente nele de semelhantes aspirações; elas estão ausentes de sua consciência, mas permanecem na qualidade de "pensamentos inconscientes".

Estes "pensamentos inconscientes", "recalçados" e afastados do limiar da consciência por serem inadmissíveis para o "eu", constituem o "mundo" oculto do "inconsciente espiritual" de Freud.

O conteúdo deste "inconsciente" de Freud caracteriza-se por dois fatores principais: 1 - Ele é formado de emoções inteiramente provindas do passado, de "aspirações ao prazer" herdadas do homem pré-histórico e de emoções sexuais da primeira infância à qual nada era "proibido" e para a qual faltava o "princípio da realidade"; 2 - O Inconsciente de Freud é necessariamente hostil à consciência, seu conteúdo é necessariamente "inadmissível" é consciência, oposto aos princípios da consciência.

A psicologia sexual dos povos primitivos, semelhante à psicologia primitiva da infância, se coloca na esfera do "inconsciente". Lá se agitam nas sombras todos os "demônios" dos impulsos incestuosos, do complexo de Édipo, do narcisismo, da "aspiração à repetição", do "complexo de castração", do erotismo anal etc.

Recalcadas nas esferas do inconsciente, todas

estas tendências nem por isso perdem sua força e sua significação. Elas continuam a agir sobre a conduta do homem e sobre o estado de seu sistema neuropsíquico. Sua influência se manifesta com força sobretudo sobre as pessoas portadoras de doenças nervosas. "A vida espiritual da histérica, escreve Freud, está cheia de pensamentos inconscientes, mas ativos; daí todos os sintomas do mal. Na realidade, o que caracteriza sobretudo o estado histérico da psique, é que ela está inteiramente em poder de representações inconscientes. Se uma mulher histérica tem náuseas, pode estar sob influências da idéia da gravidez. Esta mulher não sabe, entretanto, nada desta idéia, ainda que a psicanálise possa facilmente revelar-lhe sua presença em sua vida interior e torná-la acessível à sua consciência." (4)

A influência dos "pensamentos inconscientes" não se manifesta só nas doenças. Ela existe também nas pessoas sadias. Ela se manifesta através de perturbações funcionais, por erros de memória, por lapsos, pelos sonhos cotidianos. Freud considera a interpretação dos sonhos como um de seus maiores méritos. No final das contas a vontade do homem aparece submetida a obscuros instintos sexuais cujas origens remontam a tempos findos de há muito. Fenômenos obsessivos e inconscientes pesam sobre o homem como uma fatalidade, como o destino, como o *fatum*, como um poder inexorável, semelhante a esta tendência à repetição dos estados anteriores, primitivos, assinalados por Freud, e que é, em última instância, uma tendência para a morte.

A humanidade, diz Freud, está impregnada de narcisismo nas primeiras fases de seu desenvolvimento. Ela considera o homem como o centro e o coroamento do mundo e sua força como ilimitada. Copérnico e depois dele Darwin solaparam esta representação do mundo imbuída de narcisismo. O terceiro golpe psicológico, o mais sensível ao amor-próprio do homem, é trazido pelo próprio Freud, que demonstra que "o eu humano não é o senhor em sua própria casa", em sua própria alma.

Os freudianos não se limitam em seus trabalhos à neuropatologia e à psicologia individual. Eles têm propensão a estender os métodos da psicanálise ao estudo dos fenômenos sociais.

Freud, em seu *Totem e Tabu*, aborda a explicação de problemas puramente sociais. Neste livro ele apresenta seu método ao sociólogo especialista nos seguintes termos: "Que ele se disponha a considerar que nossos trabalhos não têm outro objetivo que o de incitá-lo a fazer melhor a mesma coisa

ao aplicar, aos assuntos que ele conhece, o instrumento que nós lhe podemos dar”.

Já vimos que certos sociólogos marxistas levaram este conselho muito a sério. É interessante conhecer os resultados da aplicação do método de Freud à sociologia pelo próprio Freud e seus discípulos mais próximos.

A psicologia dos povos primitivos se explica em Freud por sua analogia com a psicologia das neuroses. A origem da sociedade, os primeiros passos desta, se prendem ao famoso “complexo de Édipo”. O primeiro estado da sociedade é a horda primitiva. Freud diz a respeito: “Não há ali mais que um pai cruel e ciumento que se reserva todas as fêmeas e expulsa seus filhos ainda na época de crescimento. Nada mais.” A passagem à fase seguinte das relações sociais se efetua assim: “Os irmãos um belo dia se reúnem, matam e comem o pai e põem fim à horda fraternal. Eles se identificam com o pai devorando-o; cada um assimila uma parte de sua força. O banquete totêmico, que é talvez a primeira festa da humanidade, é a repetição e a reminiscência deste crime memorável que marca as origens de muitas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião”.

A religião, segundo Freud, é a “neurose geral dos estados de obsessão”. As outras ideologias, tais como a arte etc., são sublimações (quer dizer transformações superiores) das aspirações sexuais; são as transfigurações do incesto. Freud chega algumas vezes a idéias simplesmente “admiráveis”. De onde vem por exemplo a aviação? Quem diria! Da aspiração sexual infantil! “A aviação, escreve Freud, que enfim atinge hoje seu objetivo, tem uma origem infantil erótica, porque o desejo de voar em sonho significa apenas o desejo apaixonado de ser capaz de atividade sexual”.

Quando um dos alunos e discípulos de Freud, Kolney desejou fazer uma análise teórica freudiana da vida social contemporânea, chegou aos seguintes resultados: o comunismo é um retorno à psicologia infantil, uma variedade da loucura; o comunismo agrário corresponde mais especialmente à aspiração primitiva eterna dos filhos-irmãos às relações sexuais com sua mãe comum (Kolney faz aqui um jogo de palavras fortalecendo a expressão “mãe-terra”); o leninismo é uma psicose de guerra; o revolucionarismo proletário é o produto de um excesso de libido acumulada; as queixas do proletariado que se crê explorado não passam de formas da mania de perseguição; a divisa “Proletários de todos os países, uní-vos! é, enfim, uma expressão homossexual do amor unissexual.

Tal é, se podemos dizê-lo, a sociologia do freudismo!

E é esta teoria que seduz alguns de nossos “marxistas”! Acredita-se comumente que eles repelem inteiramente e sem reservas a sociologia do freudismo e se limitam a conservar a psicologia individual que, em sua opinião, em nada se opõe ao marxismo. Estas duas afirmações são falsas. É falso que os marxistas seduzidos pelo freudismo repelem por completo os elementos sociológicos da teoria de Freud. Já citamos o professor M. Reissner que fala, como Freud, da religião como uma neurose e pensa evidentemente que ela é nociva quando se apropria da energia psíquica da libido, que poderia, sob outras formas, “aniquilar os exploradores”. (5) M. Reissner atribui também ao pensamento dos primitivos um fundamento sexual. “Em particular a descoberta (por Freud) do pensamento dos primitivos e das crianças, formas de representações essencialmente sexuais, não poderia ser desprezada pela doutrina do materialismo histórico”. Ele fala também da origem sexual das ideologias das classes e das épocas, assim como da sublimação e do recalque no domínio da ideologia. Ele encontrou naturalmente na doutrina de Freud “raízes puramente materialistas”, “bases rigorosamente científicas e materiais”. (6)

Depois de Reissner vem o camarada A. Variash. Em sua *Introdução à História da Nova Filosofia*, no capítulo “Da Natureza das Ideologias”, o camarada Variash estuda minuciosamente as “leis da vida espiritual inconsciente” de Freud (o “adensamento”, a “transferência”, a “segunda elaboração” etc.). Em sua opinião, ele o faz porque acha possível explicar, baseando-se nestas “leis”, os fenômenos da psicologia social, da ideologia etc. Porque ele considera que, com algumas reservas, o inconsciente de Freud é no fundo uma noção marxista, aplicável aos fatos da vida social e à explicação das ideologias.

Em seu relatório à Academia Comunista, o camarada Variash diz que Freud e outros psiquiatras “projetaram uma nova luz sobre o mecanismo do sonho, as perturbações psíquicas, a formação dos mitos e das religiões, as instituições primitivas do homem: o totem, o tabu, os costumes nupciais, os ritos, as representações religiosas, as idéias sobre a alma, o problema da morte, as primeiras instituições do poder e as primeiras decisões sociais”. (7)

Na edição posterior deste relatório, incluída na *História da Nova Filosofia*, o camarada Variash, cedendo à crítica marxista, modificou ligeiramente esta frase e colocou no lugar de “projetou uma no-

va luz", "procurou formular uma nova teoria". (8) A despeito desta retratação, manteve suas antigas posições.

Seu artigo **O Freudismo e Sua Crítica Marxista** (em *A Dialética na Natureza* Vol. 1, 1926) é muito característico a este respeito. Ao dessolidarizar-se de Freud repetidamente, sob pressão da crítica marxista ortodoxa, A. Variash tende visivelmente a "aproximar" o marxismo do freudismo. É assim que ele aproxima nitidamente a noção freudiana do inconsciente, profundamente idealista quanto a seu fundamento (retornaremos a isso), das noções do inconsciente que se encontram em Marx (quando, por exemplo, Marx fala das relações sociais que se estabelecem independentemente da vontade e da consciência dos homens que delas participam). Variash considera que se trata da mesma categoria, apenas com algumas variações, em Marx e Freud. Ele escreve: "Nós sabemos que *esta* categoria (grifo de A. S.) desempenha um papel na filosofia social de Marx e de Engels. Mas Freud concebe esta noção de uma maneira extraordinariamente estreita, individualista e não dialética (se bem que dinâmica)". "Nós pensamos que... o próprio Freud reprova a limitação excessiva da noção do inconsciente. Mas se alargarmos esta noção e a explicarmos por causas econômicas e políticas, chegaremos à noção expressa por Marx. Freud estreitou esta noção marxista".

Parece, portanto, segundo Variash, que "o próprio Freud" considerava necessário "alargar" sua noção de "inconsciente" de modo a torná-la "marxista". A característica específica do "inconsciente" de Freud permaneceu impenetrável para Variash... para não dizer que as categorias do marxismo lhe são igualmente impenetráveis. Embora haja entre as categorias do freudismo e do marxismo uma diferença essencial de metodologia geral, Variash considera que os métodos freudianos são em princípio aceitáveis e não exigem mais que algumas correções de pouca monta. Ele escreve o que se segue: "O freudismo elaborou toda uma documentação, voltou sua atenção para fenômenos pouco conhecidos até o presente (o incesto), mas os psicanalistas, não conhecendo o marxismo, não podiam chegar a conclusões justas. Também a maneira como o freudismo abordou os fenômenos sociais até o presente nos é inútil (nada mais que "inútil"? A. S.), ao nos desorientar em muitos pontos (?) Mas se, como acontecerá certamente, médicos especialistas, que sejam também marxistas, se ocuparem do freudismo, *poderão obter muitos resultados positivos* (grifo de A. S.)".

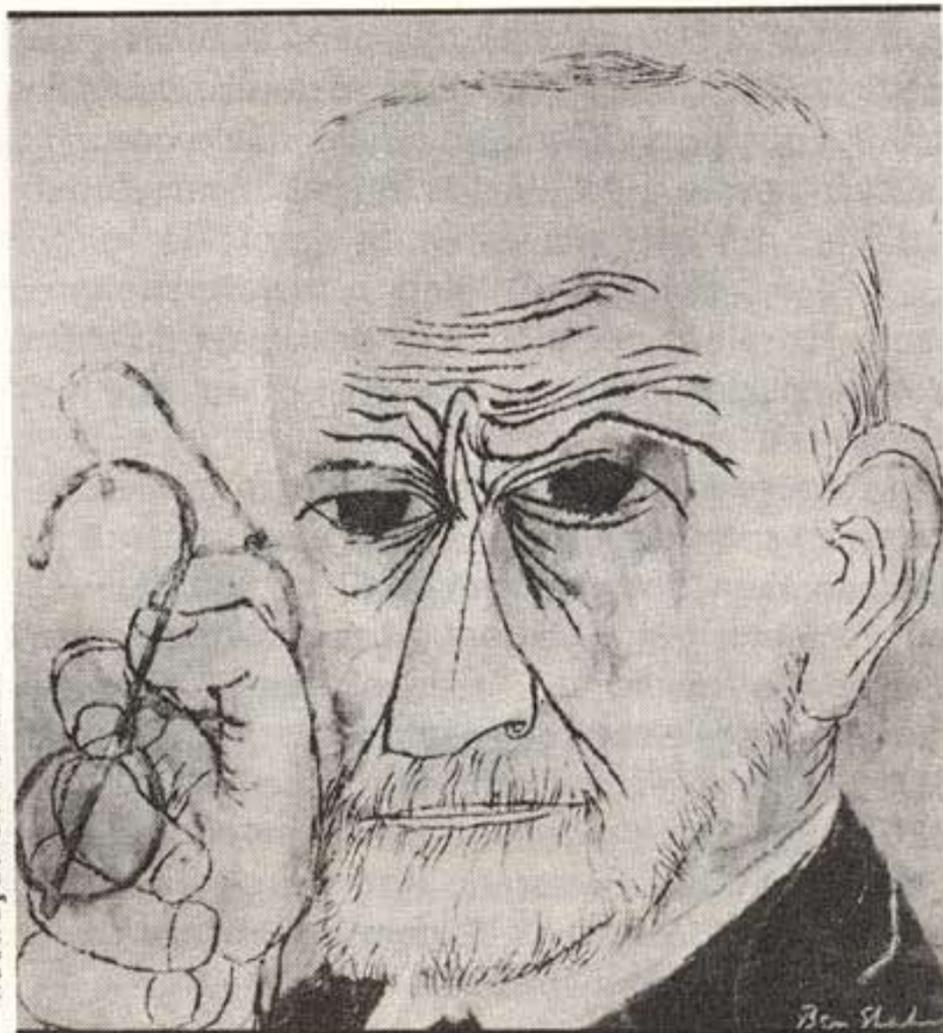


Ilustração Ben Shahn

Assim, a "condenação" do freudismo por Variash é acompanhada de tantas "pequenas reservas" que ela se reduz em realidade à dupla diretiva seguinte: Freudianos, venham à escola do Marxismo! Marxistas, vão à escola do freudismo! O que dará esta síntese? Evidentemente uma sorte de freud-marxismo que já desencaminha alguns camaradas.

O camarada Zalkind está entre os "freud-marxistas" ou "freud-comunistas" atuais. O camarada A. B. Zalkind, na sua "sociologia", apoia-se no método freudiano onde o pivô é a noção do inconsciente. Ele é de opinião que a doutrina do inconsciente ao estabelecer, a despeito de seu autor, Freud, as claras leis da origem social da "seleção psíquica", contribui grandemente para o estudo da "consciência" e da "subconsciência" de classe (psico-fisiologia de classe) e para o esclarecimento dos mecanismos de classe do processo criador (no domínio da ciência, da arte, da atividade social etc.). (9)

Vemos que o freudismo completa o marxismo. A. B. Zalkind não se limita ao elogio platônico da metodologia de Freud; tenta aplicá-la ao estudo dos fenômenos sociais atuais. Devem-se à sua pena muitos artigos: *A Revolução do Ponto de Vista Psiconeurológico*, *Da Psicologia do Partido Comunista da Rússia*, *O Reflexo do Objetivo Revolucionário*. Nós ficamos sabendo neles que "a revolução russa de Outubro justificou firmemente, por seu desenvolvimento vitorioso, suas sãs origens neuro-psíquicas"; que "a revolução começou a abalar os fundamentos do misticismo decadente das massas

populares" e outras coisas do gênero, algumas vezes bastante "singulares" (como a "natureza decadente" das massas populares no momento em que a revolução atesta suas "sadias origens neuropsíquicas").

Para o camarada Zalkind, o freudismo "apresenta aos olhos dos biólogos marxistas, e também dos psicólogos marxistas, um imenso interesse metodológico".

Carece dizer, mais especialmente no que concerne ao camarada Zalkind, que ele é, quanto ao método científico, um eclético típico que não se limita a reunir o marxismo e o freudismo, mas agrega ainda ao freudismo o "reflexologismo". De sorte que não chega a nada de coerente.

Se escritores marxistas sujeitam-se em tal grau à "sedução" da "sociologia" e da metodologia do freudismo, não é necessário dizer que o freudismo fornece às "doutrinas" burguesas numerosas ocasiões de desenvolvimento falso e reacionário.

As observações freudianas semeiam as obras contemporâneas de psiquiatria, de biologia etc., chegadas há pouco na URSS. Pode-se encontrá-las em representantes da escola materialista em biologia, cujo método científico deveria, ao que parece, distanciar-se do subjetivismo arbitrário e do misticismo dos "psicanalistas".

O professor V. V. Savitch escreve, no entanto, em seu pequeno livro **As Bases da Conduta do Homem** (1927):

"É preciso mencionar entre outras manifestações superiores da sexualidade a fé... A fé cega... A fé conduz comumente ao sacrifício: é o que melhor a caracteriza. 'Glória a vós, sombras queridas, que destes vossa vida pelos outros', taissão as inscrições que se pode ler nas arcadas da Praça dos Mártires da Revolução".

O camarada Savitch substitui aqui a reflexologia do freudismo; e o freudismo se manifesta abertamente nele como uma ideologia reacionária que se lança contra a revolução reduzida a uma manifestação "cega" da "sexualidade". Esta utilização das idéias freudianas na literatura antimarxista e reacionária é muito característica.

A apreciação metodológica geral do freudismo por nossos "marxistas-freudianos" coloca-a no fundo, como uma sã doutrina materialista que os marxistas devem aproveitar. "Freud e seus alunos, diz o camarada Variash, não sabem provavelmente que sua idéia mestra é a do marxismo". "Eu penso que o freudismo se relaciona com o marxismo como a teoria do movimento browniano com a eletrodinâmica. Assim como toda psicologia, o

freudismo se integra ao materialismo dialético, como uma de suas aplicações a um caso particular". (10)

Estes filósofos têm razão no fundo?

Coloquemos a questão.

Em primeiro lugar, o freudismo não constitui um sistema harmonioso; suas assertivas são frequentemente as mais contraditórias, confusas e indeterminadas. No domínio particular da neuropatologia, a interpretação exclusivamente sexual das neuroses suscita objeções decididas dos especialistas. Mas é a crítica metodológica de Freud, e não esta crítica particular que nos interessa.

O método de Freud provoca objeção antes de mais nada por seu psicologismo absoluto, por seu caráter "antifísico". Ele é o antípoda do método objetivo da reflexologia. Se a afirmação de Hegel de que "só se pode estudar aquilo que foi mensurado" é justa, o método subjetivo, puramente psicológico, da psicanálise, não pode servir ao estudo científico do objeto.

Os freudianos consideram que ultrapassaram as fronteiras dos métodos da introspecção sobre os quais se baseava todo o edifício da velha escola subjetiva em psicologia. Mas eles apenas se iludem. Não que a psicanálise faça da introspecção um de seus métodos. Não se poderia prescindir da introspecção no estudo da vida psíquica do homem. Mas seus métodos devem desempenhar no sistema da psicologia um papel subordinado; eles devem ser controlados pelos métodos do estudo objetivo das reações do organismo vivo. A psicanálise opera na realidade com conceitos sobre o homem (objeto de seu estudo) baseados exclusivamente na introspecção. Em outras palavras, a psicanálise opera exclusivamente sobre dados psíquicos subjetivos e não materiais, que não são passíveis de nenhum estudo quantitativo, de nenhuma mensuração.

A fisiologia e estados fisiológicos do organismo parecem não existir para o freudismo. Ele não considera nada além do encadeamento puramente psíquico dos fenômenos que aparecem e que também se desenvolvem sobre uma base puramente psíquica, logo após conflitos subjetivos psíquicos (espirituais) etc. É verdade que o "inconsciente" é observado, de certa forma, de fora; pode-se pensar que nós saímos aqui dos quadros da introspecção. Mas isto é falso. Na realidade, o próprio Freud disse que "não podemos conhecer o inconsciente senão pela consciência", precisamente pela consciência do praticante, pela consciência do próprio homem cujo "inconsciente" é estudado.

A psicologia marxista, ou seja, autenticamente

científica, não pode limitar-se nem ao emprego do método subjetivo da introspecção, nem ao emprego exclusivo do estudo exterior dos reflexos fisiológicos. "A psicologia marxista aspira superar do ponto de vista do materialismo dialético a natureza unilateral da psicologia subjetiva e da psicologia objetiva, objetivando fazer sua síntese. A fórmula básica da psicologia marxista é: a introspecção sob o controle dos métodos objetivos". (A. Deborine, *A Revolução e a Cultura*, número 2, 1927). Deste ponto de vista, o freudismo é uma doutrina "unilateral, subjetiva ao extremo".

Pensa-se às vezes que se Freud constrói todo o seu edifício sobre a atração sexual, sua teoria da libido é terrivelmente física (talvez mesmo "ultra-física"?) e materialista. É falso. A própria definição da "atração" e da "libido" é muito vaga em Freud, muito "psicológica". Freud quase nunca menciona a reprodução, que é só o que confere um sentido biológico à atração sexual. Pelo contrário, há em Freud, na base, não um "princípio" biológico da reprodução: há não se sabe qual "princípio" fatal do "prazer", alguma coisa de puramente psicológica, de abstratamente psicológica. A libido de Freud está imbuída de narcisismos. Ela não se preocupa com a reprodução. É um tipo de libido assexuada.

Wittels, na obra que mencionamos, se expressa assim sobre este ponto:

"O glorioso ancestral de Freud, Platão, negligenciava completamente a diferença entre os sexos. Para Platão, no final das contas, o amor não é mais que o amor do ideal... O estudo do amor, tal como Freud nos mostra, com seu início no auto-erotismo da criança e seu fim nos cimos da sublimação, resuscita aos nossos olhos o pensamento antigo. *Eros* não tem sexo. O lado animal do homem impõe a *Eros* o jugo do sexo. Mas sua natureza aspira evadir-se rumo aos céus" (11)

Esta característica da sexualidade, tal como Freud a compreende, é uma definição feliz do espírito "antifísico", antimaterialista, de todo o seu sistema, de todo o seu método.

A natureza idealista da psicanálise salta igualmente aos olhos no exemplo da teoria freudiana da "aspiração" à repetição. Segundo esta teoria, a tendência do organismo à conservação não tem a significação que lhe deram até o presente. O organismo tende a repetir os estados anteriores, mais primitivos, dos quais o mais antigo e o mais primitivo é o não-ser, a morte. Tudo é atraído para a morte. A morte é o sentido da vida. (Freud).

Freud muitas vezes indicou o parentesco entre a noção da "atração" (12), empregada pela psicaná-

lise, e a noção de "vontade" do filósofo idealista Schopenhauer, segundo o qual o mundo é "vontade e representação". Freud chama Schopenhauer seu predecessor (13). Mais especialmente a propósito da "aspiração à morte" ele diz: "Sem nos apercebermos, nós jogamos a âncora no porto da filosofia de Schopenhauer, para o qual a morte é o resultado e, em consequência, o objetivo da vida, ao passo que as atrações sexuais realizam a aspiração à vida". (14)

Freud invoca freqüentemente, tanto quanto Schopenhauer, com quem sente uma afinidade particular, outros filósofos idealistas. Ele escreve em seu livro que acabamos de citar, que foi confirmada pela psicanálise a doutrina de Kant, onde o espaço e o tempo não são mais que formas de representação independentes das coisas em si. Esta confirmação é de que a noção de tempo não se aplica ao "inconsciente" freudiano. Freud diz mais uma vez: "Os processos do sistema *UBW* (o inconsciente) estão fora do tempo; em outras palavras, eles não se seguem no tempo, não se modificam com o tempo, não têm em geral nenhuma relação com o tempo."

Mesmo assim Variash e outros repetem que o "inconsciente de Freud é o mesmo de Marx, quando Marx diz que os homens fazem a história sem intenção preconcebida, *inconscientemente!*

Mas não é tudo. O "inconsciente" de Freud não está somente fora do tempo. Nós aprendemos mais adiante que "os processos do *UBW* (quer dizer, do "inconsciente") pouco tomam em consideração a realidade. Eles são submissos ao princípio do prazer, seu destino depende exclusivamente de sua força e da maneira como eles respondem às exigências da regulação do prazer e do não-prazer." (15)

"Este princípio do prazer" de Freud introduz no sistema elementos puramente teleológicos. Freud faz observar que "nos raciocínios biológicos, é quase impossível não recorrer aos aspectos teleológicos do pensar. (16) E o fato é que sua "maneira de pensar" é em todos os sentidos teleológica. (17)

Freud chega a uma completa ruptura idealista entre o conteúdo psíquico da personalidade, a vontade em primeiro lugar e o meio social real. O "inconsciente" dirige no escuro a vontade do homem. A vontade do homem está sujeita a poderosas atrações sexuais primitivas (arcaicas) insuperáveis. Estas atrações determinam o conteúdo do psíquico. A significação do meio material contemporâneo, do meio social, é reduzida a nada, "revogada". Escusado é dizer que esta teoria se opõe sob todos os

pontos de vista aos princípios fundamentais do materialismo histórico, e mais particularmente à afirmação de que "a natureza do homem... é na realidade o conjunto das relações sociais".

No final das contas, Freud considera a atividade psíquica como primordial e o mundo exterior como secundário, e de certa forma, derivado. Freud fala do caráter primordial do "princípio do prazer".

Ele pensa que é só quando este "princípio" se revelou insuficiente para satisfazer as tendências ao gozo, que o "aparelho psíquico teve que se resolver a se representar as relações reais do mundo exterior e a tender à sua transformação real". (18) O meio exterior real é formado, segundo esta teoria, pelo dispositivo psíquico do "recalque", "o qual trata das irritações interiores desagradáveis como se elas fossem exteriores, isto é, reportando-as para o mundo exterior". (19)

É oportuno observar a propósito destas notáveis conclusões de Freud que, embora o camarada Variash considere Freud como um materialista do tipo francês do século XVIII, seus argumentos filosóficos são normalmente chamados na simples linguagem humana argumentos procedentes do mais puro idealismo subjetivo... ("Tais são as conclusões do freudismo que constituem, em suma, um retorno ao materialismo do século XVIII", escreve o camarada Variash na *História da Nova Filosofia* t.1, pag. 59 ed. russa).

Henriette Roland-Holst deu provas de um espírito mais conseqüente que o camarada Variash e os outros marxistas freudianos. Ela terminou por "saturar-se" da realidade, do racionalismo e da matéria. Assim escreve: "O comunismo deve enfim compreender que não se pode racionalizar tudo de toda a vida do homem... Somente o freudismo, colocando na base do processo histórico o homem considerado como uma força criadora, pode afastar este perigo. Ele salvará a cultura ao não se ajoelhar ante os ídolos do Racional e do Mecânico e ao libertar-se do culto da matéria e da adoração técnica".

"Libertar-se do culto da matéria" e das representações materialistas não é ainda se libertar da matéria real. Em compensação, estando "livre" do materialismo chega-se inevitavelmente a se "livrar" de todo o vestígio do marxismo e do comunismo. Foi o que aconteceu com Henriette Roland-Holst.

Procedendo com rigorosa lógica de interpretação freudiana da psicologia do "inconsciente", H. Roland-Holst chegou à negação da luta de classes. A arte, a moral etc., são, pensa ela, humanas em ge-

ral, as bases, as raízes do psíquico do homem "mergulhando numa esfera situada fora do tempo". Tais são as peças que o "inconsciente" freudiano prega a certos marxistas.

Parece simplesmente monstruoso que depois disto Zalkind e Reissner atribuam um mérito particular a Freud por haver "socializado" a psicologia. Eles são de opinião que o materialismo histórico, o marxismo, encontrou em Freud um novo e poderoso aliado. Enganam-se. A psicologia de Freud é "antisocial" por causa de sua característica ultra-individualista. O freudismo não tem nada em comum com o marxismo e o materialismo. Ele obscurece e reduz a significação da luta de classes. O caráter antiproletário da ideologia freudiana se manifesta tanto no caráter geral idealista de seu método e de seu sistema, como nos seus detalhes. Manifesta-se tanto na superestimação da importância específica do "princípio do prazer" e do erotismo, quanto na superestimação dos elementos do narcisismo (e do individualismo). Manifesta-se ainda no fatalismo decadente de sua "aspiração à repetição" e de sua "aspiração à morte". Manifesta-se por seu ceticismo e seu pessimismo com relação à ciência e ao poder humano. A onda de entusiasmo freudiano que passou sobre a Europa Ocidental é uma onda de reação burguesa contra o materialismo, uma onda de decadência. Se ela se detém nas fronteiras da União dos Soviéticos e se o freudismo não teve uma grande penetração entre nós, devemos-lo em grande parte à nossa literatura marxista conseqüente, que soube apreciar a tempo, em sua justa medida os desvios freudianos e dar-lhes a resposta merecida.

- 1 — M. Reissner — *Prefácio ao livro de F. Wittels - Freud*, pág. 31/32 (edição russa).
- 2 — Freud — *As teorias psicológicas fundamentais na psicanálise*.
- 3 — Freud atribui ao recalque uma importância capital em todo o seu sistema: "A doutrina do recalque, escreve ele, é o pilar sobre o qual repousa todo o edifício da psicanálise".
- 4 — Freud — obra citada.
- 5 — Ver prefácio à edição russa do livro de Wittels.
- 6 — Idem.
- 7 — *Revista da Academia Comunista*, n.º 9.
- 8 — *História da Nova Filosofia*.
- 9 — A. B. Zalkind — *Ensaio sobre a cultura da época revolucionária*.
- 10 — Discurso publicado no n.º 9 da *Revista da Academia Comunista*.
- 11 — Wittels — obra citada.
- 12 — Algumas vezes temos traduzido a mesma palavra pelo termo "atração" e pelo termo "aspiração". A palavra russa tem as duas nuances.
- 13 — Freud — obra citada.
- 14 — Freud — *Além do princípio do prazer*.
- 15 — Freud — *As teorias psicológicas fundamentais na psicanálise*.
- 16 — Freud *Ensaio sobre a psicologia da sexualidade*.
- 17 — Teleologia — "doutrina idealista segundo a qual tudo no mundo foi criado por Deus e tende a um fim." Engels escreve que após os teleólogos "os gatos foram criados para comer os ratos, estes para serem comidos pelos gatos, e o conjunto da natureza para demonstrar a sabedoria do Criador." (A Dialética da Natureza).
- 18 — Freud — *As teorias psicológicas fundamentais*.
- 19 — Freud — Idem. Ver também *Além do princípio do prazer*.

A atualidade de Materialismo e Empirio criticismo, 75 anos depois de sua publicação

Olival Freire Jr.*



Ilustração Rubens Vaz Janelli

75 anos depois da publicação desta obra filosófica fundamental de V. I. Lênin, escrita no calor de uma renhida luta contra os que pretendiam negar o materialismo

dialético e o materialismo histórico, suas geniais teses e conclusões guardam toda a atualidade. É o que demonstra este artigo.

1

Em maio de 1909 publicava-se em Moscou a obra **Materialismo e Empirio criticismo** de V. I. Lênin. A motivação imediata para a redação deste livro Lênin encontrou na difusão, por escritores influentes no movimento operário russo, de idéias filosóficas que renegavam prin-

* Olival Freire Jr. é Professor do Instituto de Física da Universidade da Bahia.

cípios básicos do marxismo. Estes escritores, Bogdanov, Tchernov, entre outros, capitularam ante as dificuldades criadas pela derrota da revolução de 1905. No período de refluxo do movimento revolucionário, a reação czarista, além do terror desencadeado contra o movimento operário, passou à ofensiva também no terreno ideológico. Divulgava-se em larga escala o individualismo e o misticismo. Atacava-se o marxismo e a revolu-

ção. Curvando-se a tais pressões Bogdanov e outros adotaram, e passaram a divulgar na Rússia, sob a capa de marxismo, idéias desenvolvidas na Europa por filósofos e cientistas como Mach, Ostwald, Avenarius e Poincaré. Estas concepções, denominadas de **empirio criticismo**, situavam-se no campo do idealismo, ainda que disfarçado.

Para escrever tal obra Lênin trabalhou durante 9 meses pes-

quisando nas bibliotecas de Genebra e do Museu Britânico. Citou, ao longo do texto, mais de 200 títulos pesquisados, finalizando o trabalho em outubro de 1908. O tempo não foi gasto em vão. Lênin passa em revista todas as tendências filosóficas de certa expressão àquela altura. Generaliza e desenvolve conceitos básicos da filosofia marxista, especialmente no terreno da teoria do conhecimento (gnosologia) e da concepção do materialismo. Lênin revela as raízes do empiriocriticismo, denuncia esta filosofia como idealismo reacionário e beatice disfarçada * além de desmascarar por completo o caráter antimarxista dos "machistas" russos.

Além de um valor histórico universal, pois representa um ajuste de contas com todas as correntes idealistas desenvolvidas até então, o texto guarda grande atualidade sob dois aspectos. Primeiro como uma introdução ao estudo da filosofia marxista. No prefácio à segunda edição, em 1920, o próprio Lênin destacava o papel da obra como "introdução à filosofia do marxismo, ao materialismo dialético". Aliás, até 1960, só na URSS foram impressos mais de 5 milhões de exemplares do livro.

E o estudo da filosofia é decisivo para todos os que lutam pela transformação social, pois o materialismo dialético e o materialismo histórico constituem o fundamento teórico do comunismo e os princípios teóricos do partido marxista. Vencer este desafio encerra dificuldades ainda maiores num país como o nosso, onde as massas populares estão submetidas a um enorme atraso cultural. É sintomático que o obscurantismo do regime militar implantado em 1964 te-

na-se manifestado também neste terreno com a exclusão do ensino de filosofia (mesmo da filosofia conservadora) nas escolas de 2º grau.

NESTA OBRA LÊNIN GENERALIZA E DESENVOLVE CONCEITOS BÁSICOS DA FILOSOFIA MARXISTA, REVELA AS RAÍZES DO EMPIRIOCRITICISMO, DENUNCIANDO ESTA FILOSOFIA COMO IDEALISMO REACIONÁRIO E BEATICE DISFARÇADA.

O segundo aspecto de atualidade da obra é que o pensamento de Mach exerceu influência predominante sobre os cientistas do nosso século. Segundo o físico irlandês J. D. Bernal "a maioria dos físicos absorveu de tal maneira esse positivismo (de Mach) durante a sua educação que acabou por considerá-lo parte intrínseca da ciência, em vez de o verem como uma maneira engenhosa de escamotear o mundo objetivo em termos de idéias subjetivas".

2

Ernst Mach é o representante mais destacado da corrente filosófica criticada por Lênin. Físico e filósofo austríaco, Mach expôs suas teses numa série de obras escritas entre o final do século passado e o início deste. Considerava as coisas, o mundo real, como "complexos de sensações". A sensação era o dado primário à qual estava subordinada tanto a consciência (o elemento psíquico) como a realidade material (o elemento físico). Em uma de suas obras, a *Mecânica*, Mach define o objeto da ciência: "as ciências da natureza só podem representar os complexos de elementos a que chamamos vulgarmente sensações. Trata-se das ligações existentes entre esses elementos. A ligação entre A (calor) e B (chama) é do domínio da

física; a ligação entre A e N (nervos) é do domínio da fisiologia. Nem uma nem outra dessas ligações existe separadamente; estão sempre juntas. Não podemos abstrair de uma ou de outra senão momentaneamente. Parece, assim, que os processos puramente mecânicos são sempre simultaneamente processos fisiológicos".

Ainda segundo Mach "o que chamamos matéria não é mais do que certo vínculo regular entre os elementos (sensações)". Desta premissa idealista deduz-se que categorias como necessidade, casualidade, determinismo, espaço, tempo, derivam da nossa consciência, da lógica e não da realidade objetiva, do mundo exterior. Nesta linha, Mach afirmou, em 1872, que "não é obrigatório imaginar os elementos químicos num espaço de três dimensões... não há nenhuma necessidade de situar os objetos puramente mentais no espaço, quer dizer, em relação ao visível e ao tangível...".

3

Nos três primeiros capítulos do livro Lênin sistematiza e desenvolve a teoria marxista do conhecimento comparando-a com o empiriocriticismo. Sustenta que a realidade objetiva, material, é o dado primário do mundo ao qual subordina-se a consciência. Afirma que as "sensações" refletem este mundo material existente independente de nossa consciência. Mostra que esta concepção, materialista, está apoiada no conhecimento acumulado pelas ciências da natureza. Formula e responde afirmativamente as perguntas: A natureza existiu antes do homem? O homem pensa com o cérebro? Apoiado no estágio alcançado pelas ciências, afirma que "a Terra é uma realidade existindo fora de nós... a Terra existia em épocas em que não havia nem seres humanos, nem órgãos dos sentidos, nem matéria

* Para escapar da censura czarista, Lênin denomina esta corrente de fideísta, isto é, doutrina que atribui à fé um papel decisivo no conhecimento.

organizada sob uma forma superior". Evidencia, pois, que a consciência, o pensamento, é produto de um órgão material, o cérebro humano. Enquanto os materialistas consideram as idéias uma propriedade da matéria altamente organizada, os idealistas invertem a questão: a matéria não existe "fora do espírito", as coisas são "combinações de sensações" como dizem os empiriocriticistas.

Ao fazer uma exposição detalhada da teoria marxista do conhecimento, Lênin formula quatro conclusões básicas: 1) As coisas existem objetivamente, independentemente de nossa consciência; esta é um reflexo da realidade, o que possibilita o conhecimento do mundo. 2) Na natureza não há diferença de princípio entre a aparência e a essência. Somente há distinção entre o que é conhecido e o que ainda não o é. 3) O conhecimento vai da ignorância ao saber, do conhecimento incompleto, impreciso, ao conhecimento mais completo, mais preciso. 4) A existência de uma verdade objetiva está ligada ao critério marxista de verdade, a prática.

Ao sustentar que o homem pode conhecer o mundo e que a veracidade deste conhecimento é dada pela prática, Lênin realça que "vimos Marx e Engels basear a teoria materialista do conhecimento no critério da prática. Por fora da prática a questão de saber se o pensamento humano pode chegar a uma verdade objetiva é entregar-se à escolástica, diz Marx na sua segunda tese sobre Feuerbach... Em contrapartida, a prática é para Mach uma coisa, e a teoria do conhecimento outra; podemos considerá-las lado a lado sem que uma condicione a outra... Se o que a nossa prática confirma é uma verdade objetiva única, final, daí deriva que a única via conduzindo a essa verdade é a da ciência baseada na concepção materialista".

O capítulo do livro de Lênin que tem como título "A revolução moderna nas ciências da natureza e o idealismo filosófico", apesar de escrito em 1908, tem uma imensa importância para o entendimento do estágio das ciências naturais neste final de século. A física sofria àquela altura um considerável abalo, fruto de descobertas revolucionárias: a radioatividade, com a transformação de determinados elementos químicos em outros e liberação de partículas e de energia sob a forma de ondas eletromagnéticas, a descoberta do Raio-X e do elétron, a constatação experimental de que este não apresentava a massa mecânica no sentido clássico (massa como constante, independente do movimento) e a suposição de que o átomo seria composto exclusivamente de partículas com carga elétrica. Estas descobertas levaram muitos cientistas e filósofos a declarar que "a matéria desapareceu", e mesmo a proclamar que "as modernas ciências da natureza enteravam o materialismo filosófico".

////////////////////
O ESTUDO DA FILOSOFIA É DECISIVO PARA TODOS OS QUE LUTAM PELA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, POIS O MATERIALISMO DIALÉTICO E O MATERIALISMO HISTÓRICO CONSTITUEM O FUNDAMENTO TEÓRICO DO COMUNISMO E OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS DO PARTIDO MARXISTA.
 //////////////////////

Lênin analisa exaustivamente a situação na física e mostra que "quando os físicos dizem que 'a matéria desaparece' entendem por isso que as ciências da natureza reduzem até agora todos os resultados das investigações sobre o mundo físico a estes três conceitos últimos: a matéria, a eletricidade, o éter; ora, os dois últimos subsistem sozinhos daqui em diante, porque se pode reduzir a matéria à eletricidade... as ciências da natureza conduzem, pois, à unificação

da matéria". Percebendo que o avanço das ciências naturais no final do século passado estava a exigir a distinção entre o conceito físico, tradicional de matéria, ligado à propriedade da massa mecânica clássica, do conceito filosófico de matéria, Lênin afirma que a declaração "a matéria desaparece", apenas quer dizer que "desaparece" o limite até ao qual conhecíamos a matéria, e que nosso conhecimento se aprofunda; propriedades da matéria que nos pareciam antes absolutas, imutáveis, primordiais (impenetrabilidade, inércia, massa, etc) desaparecem, reconhecidas como relativas, inerentes apenas a certos estados da matéria. Porque a única "propriedade" da matéria, que o materialismo filosófico reconhece, é a de ser uma realidade objetiva, de existir fora da nossa consciência". Podemos afirmar hoje que esta é a definição leninista de matéria.

Ao analisar as raízes gnosiológicas do "idealismo físico", Lênin mostra que "a idéia fundamental desta escola da nova física, é a negação da realidade objetiva". Alerta para o fato de que "os grandes progressos das ciências da natureza, a descoberta de elementos homogêneos e simples da matéria cujas leis do movimento são suscetíveis de uma expressão matemática, fazem esquecer a matéria aos matemáticos, 'a matéria desaparece' só subsistem equações". A existência nos dias atuais de uma corrente idealista, neo-positivista, liderada pelo filósofo Bertrand Russell que incide precisamente na substituição da realidade material pela lógica matemática mostra a atualidade deste alerta.

4

As ciências contemporâneas têm feito descobertas que provam a justeza do materialismo dialético. E mais que isto, só podem ser compreendidas à luz

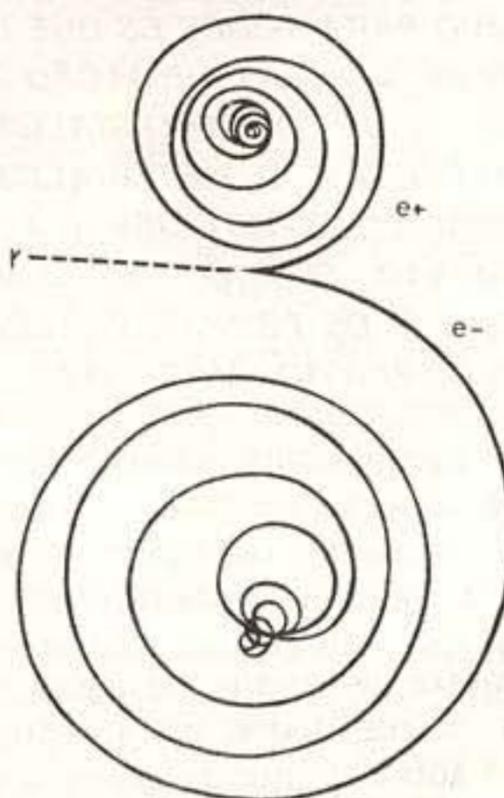
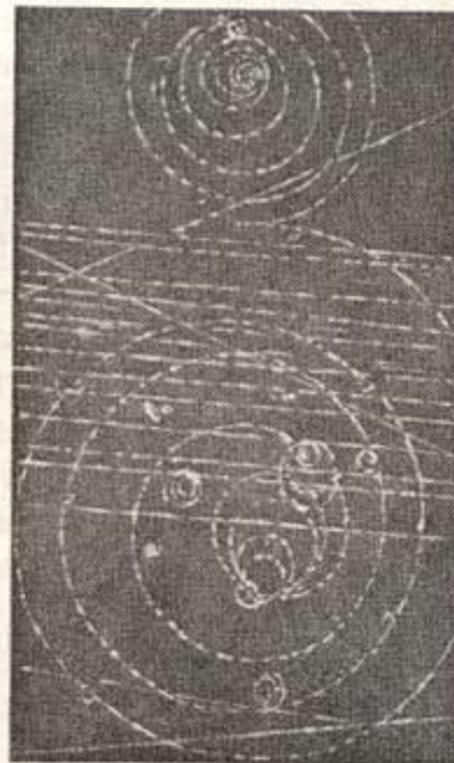
desta filosofia. Tal tem sido com a física nuclear, com a relatividade e a teoria quântica. Aliás é de se registrar que a crítica desenvolvida por filósofos e cientistas materialistas a determinadas interpretações idealistas dos fenômenos quânticos tem contribuído para o desenvolvimento posterior desta teoria.

Neste sentido é extremamente atual a formulação de Lênin: "o idealismo 'físico' dos nossos dias... mostra apenas que uma escola de cientistas, num ramo das ciências da natureza, caiu na filosofia reacionária, por não ter sabido elevar-se diretamente, de uma só vez, do materialismo metafísico ao materialismo dialético. A física contemporânea dá e dará este passo... não em linha reta, mas em ziguezague, não conscientemente mas espontaneamente, não guiada por um objetivo final nitidamente avistado, mas às apalpadelas, hesitando e, por vezes, até recuando. A física contemporânea está em trabalho de parto. Dá à luz o materialismo dialético. Parto doloroso. O ser vivo e viável é inevitavelmente acompanhado por alguns produtos mortos, restos destinados a serem evacuados com as impurezas. Todo o idealismo físico, toda a filosofia empiriocriticista... etc. estão entre estes restos".

Vejamos algumas evidências do materialismo dialético reveladas pela física moderna:

1. A relatividade restrita, formulada por Einstein, suprimiu a hipótese da existência do éter como meio material de propagação das ondas eletromagnéticas. Mostrou que a massa mecânica clássica é de fato um aspecto particular de uma propriedade mais geral da matéria, a massa relativística ou simplesmente massa. Esta é função do estado de movimento da própria matéria e cresce com o aumento da velocidade. É também proporcional à massa clássica, denominada na

teoria da relatividade de massa em repouso. Estabeleceu também que a toda quantidade de energia, sob qualquer forma, corresponde uma determinada massa; expressa na conhecida relação $E = mc^2$ (onde E é energia, m é massa e c é a velocidade da luz). E generalizou tanto a lei da conservação da massa quanto a lei da conservação e transformação da energia, já conhecidas no século passado, formulando a lei da conservação e transformação da massa/energia. Esta



Fotografias tiradas numa Câmara de Bolhas apresentam este aspecto. Nesta vê-se que um raio de alta energia (γ) transformou sua massa e energia em um elétron e um pósitron, que giram em espirais devido ao campo magnético da câmara. O desenho realça a trajetória das partículas.

lei expressa no terreno científico a concepção materialista de que o movimento é o modo de existência da matéria. É uma lei extremamente geral. Tem-se verificado mesmo nos processos mais elementares ocorridos no interior do átomo.

2. A teoria quântica formulou a dualidade onda/partícula. Qualquer radiação eletromagnética (luz, por exemplo) tem, portanto, além de propriedades ondulatórias, características de partículas. O fóton é a partícula da luz. Ele é fisicamente caracterizado por uma determinada energia ou por um determinado momento. O momento é um traço típico das partículas e é dado pelo produto da massa pela velocidade. No caso do fóton o momento está associado à existência de sua massa relativística, que é função da frequência da radiação. A radiação eletromagnética, conhecida antes da teoria quântica exclusivamente por suas propriedades ondulatórias, é matéria do ponto de vista filosófico, pois é uma realidade objetiva existente independentemente de nossa consciência. Mas a descoberta da natureza corpuscular da radiação é um fato que põe em relevo, no terreno estritamente científico, seu caráter material. E não só na teoria da física moderna fica evidente a materialidade da radiação. No terreno experimental a física dispõe de evidências conclusivas da natureza material da radiação: a medida da pressão da radiação eletromagnética, o efeito Compton e a criação de partículas a partir de um fóton de elevada energia ou o inverso, a aniquilação de partículas gerando fótons, são alguns exemplos.

3. Já no início do século, quando os "idealistas" físicos ainda sustentavam que o elétron e o átomo eram conceitos "puros" sem conteúdo objetivo, a experimentação científica, através dos trabalhos de Thomson e

J. Perrin, demonstrava de maneira irrefutável que tanto o átomo como o elétron são realidades objetivas.

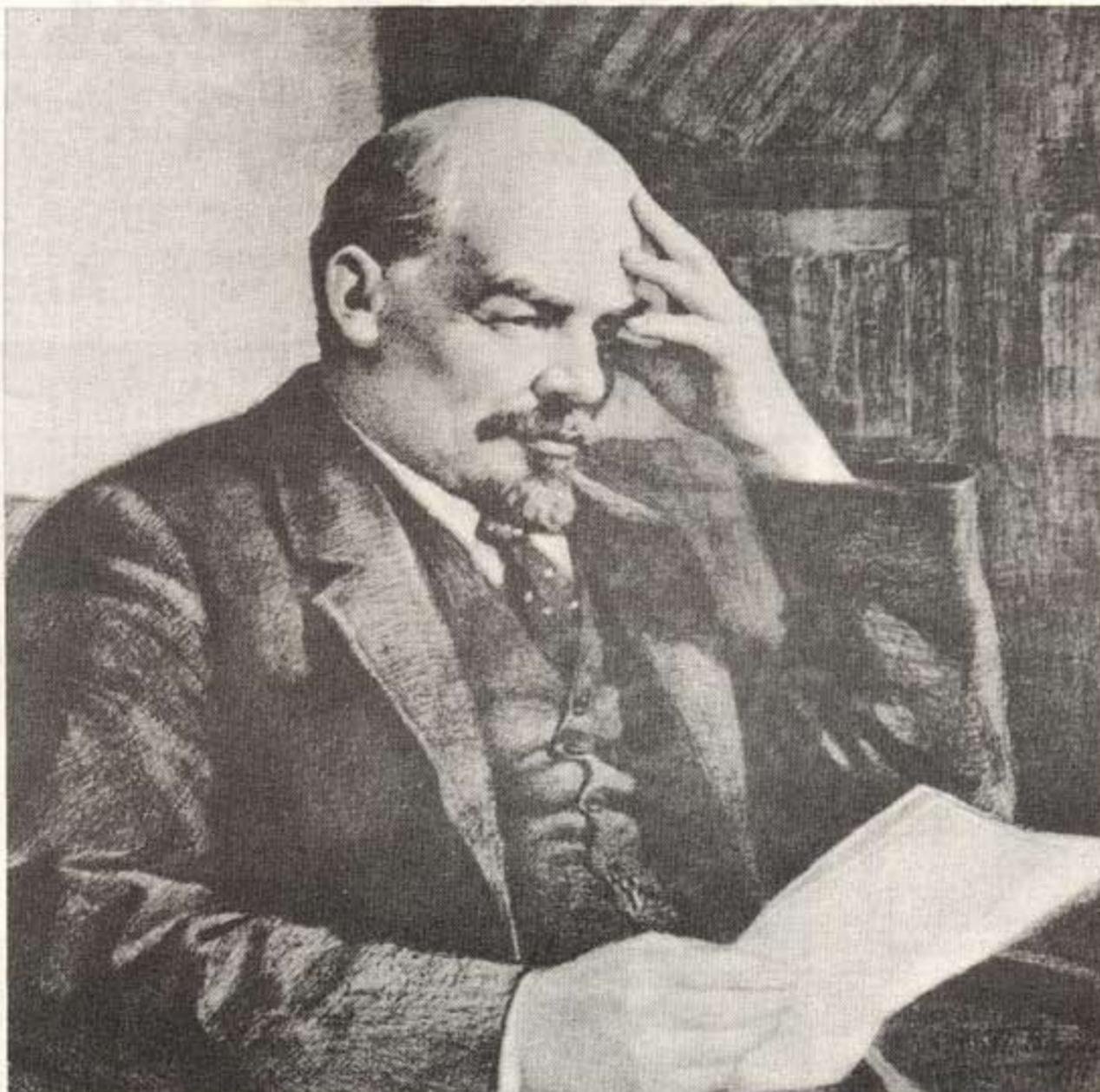
Mas a física nuclear e a física de partículas reafirmaram esta materialidade num plano superior. Descobriu-se que o interior do átomo não tem uma estrutura simples, revelando mais uma vez a inesgotabilidade da matéria sustentada por Lênin. Nos dias de hoje existem identificadas cerca de duas centenas de partículas constituintes do átomo e de seu núcleo. A materialidade destas partículas, seu caráter objetivo, é uma evidência experimental tão forte que ninguém se atreve a considerá-las como "simples conceitos". A própria descoberta destas partículas tem sido um processo muitas vezes eminentemente empírico. Os modernos aceleradores de partículas têm dispositivos que registram fotograficamente as trajetórias e as interações destas partículas.

4. A tese marxista da prática como critério para medir a veracidade objetiva dos nossos conhecimentos é reforçada pelo fato de se terem criado novos ramos industriais (eletrônica e energia nuclear) apoiados no conhecimento do homem sobre a natureza do átomo e de seu núcleo.

////////////////////////////////////
 A REALIDADE OBJETIVA, MATERIAL, É O DADO PRIMÁRIO DO MUNDO AO QUAL SUBORDINA-SE A CONSCIÊNCIA.
 //////////////////////////////////////

5

No último capítulo de sua obra **Materialismo e Empirio-criticismo**, Lênin analisa a incursão dos "machistas" no terreno social. Põe a nu todo o reacionarismo desta filosofia. Analisa historicamente o sentido e o conteúdo da luta entre as duas correntes fundamentais da filosofia (o ma-



terialismo e o idealismo), esclarece uma importante questão, o espírito de partido em filosofia. Finaliza o livro afirmando, "é impossível não discernir por detrás da escolástica gnosiológica do empiriocriticismo, a luta dos partidos em filosofia, luta que traduz, em última análise, as tendências e a ideologia das classes inimigas na sociedade contemporânea. A filosofia moderna está tão impregnada de partido como a de há dois mil anos. Quaisquer que sejam as novas etiquetas ou a imparcialidade medíocre... o materialismo e o idealismo são efetivamente partidos em luta... o papel objetivo, o papel de classe do empiriocriticismo reduz-se inteiramente a servir os fideístas na sua luta contra o materialismo em geral e o materialismo histórico em particular".

////////////////////////////////////
 AS DESCOBERTAS DAS CIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS SÓ PODEM SER COMPREENDIDAS À LUZ DA FILOSOFIA DO MATERIALISMO DIALÉTICO.
 //////////////////////////////////////

Decorridos 75 anos de sua publicação, **Materialismo e Empirio-criticismo** é obra de grande atualidade. Seja pelo rigor das suas teses, seja porque persiste, com maior acirramento, a luta entre partidos na filosofia. Este acirramento reflete o fato de que o capitalismo, na sua fase imperialista, agrava as contradições fundamentais do capitalismo pré-imperialista e gera outras. Portanto, na luta contra o idealismo filosófico, largamente difundido nos dias de hoje, inclusive nos meios científicos, o estudo de **Materialismo e Empirio-criticismo** é uma arma insubstituível.////////////////////////////////////

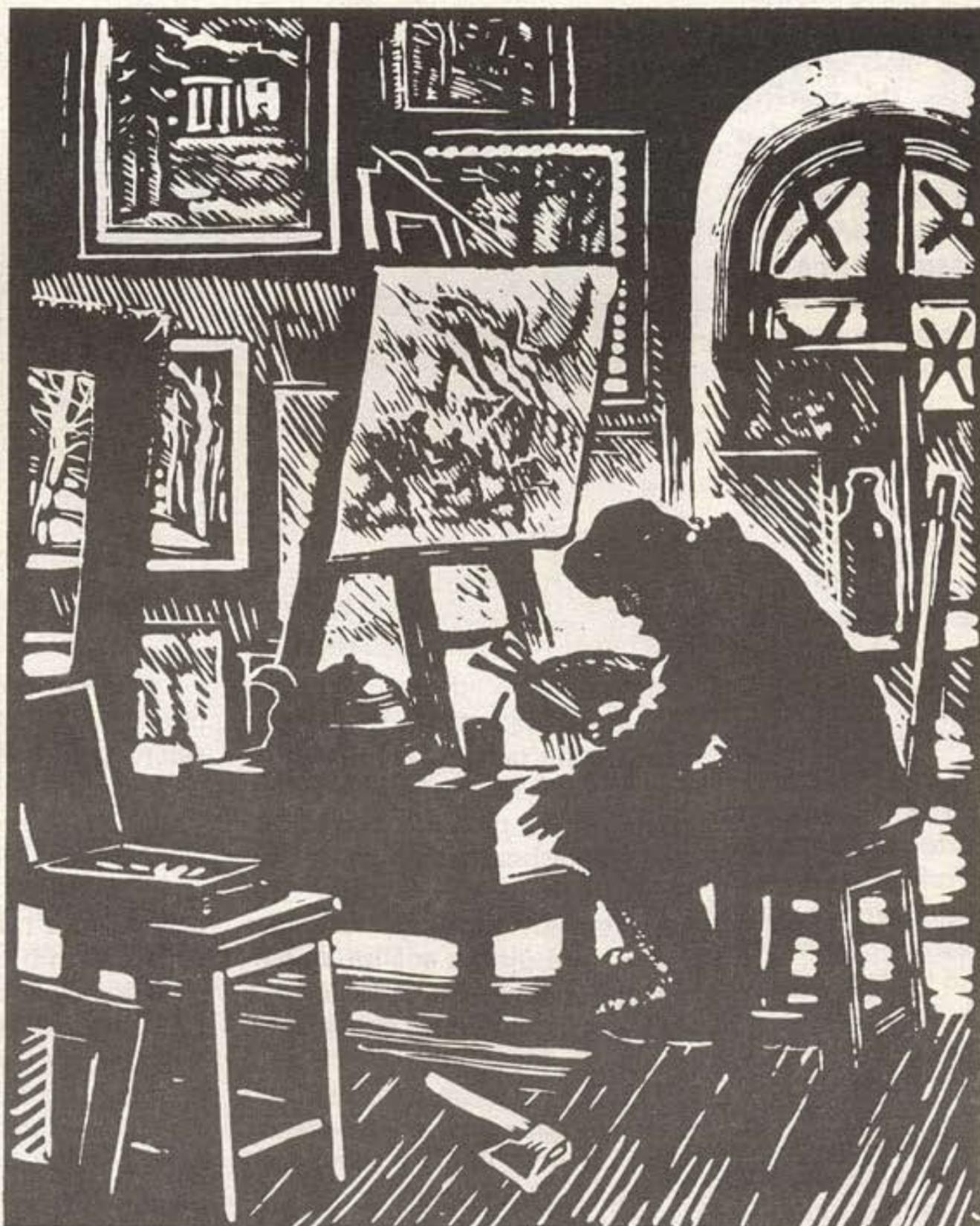
NOTAS

1. Todas as citações de Ernst Mach são reproduções das citações de Lênin em **Materialismo e Empirio-criticismo**. Todas as citações de Lênin também são extraídas desta obra, de acordo com a segunda edição da Editorial Estampa - Lisboa - 1975.

2. A citação de J. D. Bernal é extraída de **Ciência na História**, 1º volume, Livros Horizonte - Lisboa - 1975.

O PAPEL SOCIAL DA ARTE PROGRESSISTA

Andréi A. Zhdanov



Andréi Alexandrovich Zhdanov (1896-1948) foi um destacado dirigente do Partido Comunista (b) da URSS. Celebrizou-se como teórico marxista-leninista e como talentoso propagandista das idéias do socialismo científico. Este informe (do qual publicamos trechos) foi feito por Zhdanov no período (pós-guerra) em que se travou na URSS um in-

tenso debate ideológico em torno de importantes problemas filosóficos e culturais. As formulações de Zhdanov neste e em outros de seus discursos, informes e artigos contribuíram para a sistematização dos princípios do realismo socialista, como método da literatura, da crítica literária e das artes de um país dirigido pelo proletariado. ►

Sabe-se que o leninismo assimilou todas as melhores tradições dos revolucionários democratas russos do século XIX e que nossa cultura soviética nasceu, desenvolveu-se e desabrochou graças à sua herança cultural do passado, sujeita a uma crítica aprofundada. No domínio da literatura nosso Partido reconheceu mais de uma vez, através das palavras de Lênin e Stálin, o importantíssimo papel dos grandes escritores e críticos revolucionários democratas — Belinsky, Dobrolubov, Tchernychevsky, Saltykov-Tchedrin, Plekhanov. Começando por Belinsky, todos os melhores representantes da intelectualidade revolucionária democrata não reconheciam a suposta “arte pura”, “arte pela arte”, e preconizavam a arte para o povo, sua alta significação ideológica e social. A arte não se pode afastar do destino do povo. Lembrai-vos da famosa “Carta a Gogol” de Belinsky, em que o grande crítico fustigou apaixonadamente Gogol por ter este tentado trair o povo e passar para o campo do czar. Lênin caracterizou essa carta como uma das melhores produções da imprensa democrática não censurada, tendo conservado um grande alcance literário até o presente.

Lembrai-vos dos artigos jornalísticos e literários de Dobrolubov que mostram com tanta força todo o alcance social da literatura. Toda a nossa literatura publicista revolucionário-democrática está impregnada de um ódio mortal ao regime czarista e saturada do desejo generoso de lutar pelos interesses vitais do povo, pela sua cultura, sua instrução, sua libertação das cadeias do regime czarista. Para os grandes literatos russos, a literatura e a arte são meios de combate e de luta pelos supremos ideais do povo. Tchernychevsky, aquele que entre todos os socialistas utópicos mais se aproximou do socialismo científico, e cuja obra, como dizia Lênin, “irradiava o espírito da luta de classes”, ensinava que o objetivo da arte era não só compreender a vida, mas ainda ensinar os homens a apreciar em seu justo valor os diferentes fenômenos sociais. Seu amigo e companheiro de luta mais íntimo, Dobrolubov, acentuava que “a vida não segue as normas literárias, mas a literatura se adapta às tendências da vida” e preconizava intensivamente os princípios do realismo e do populismo na literatura, julgando que a arte suprema era a realidade, que esta era a fonte da arte e que a arte tinha um papel ativo na vida social, formando a consciência social. Segundo Do-

A ARTE NÃO SE PODE AFASTAR DO DESTINO DO POVO. A LITERATURA E A ARTE SÃO MEIOS DE COMBATER E DE LUTAR PELOS SUPREMOS IDEAIS DO POVO.

brolubov, a literatura deveria servir à sociedade, dar aos povos respostas para as questões atuais mais prementes, e manter-se no nível das idéias de sua época.

A crítica literária marxista, continuando as grandes tradições de Belinsky, Tchernychevsky, Dobrolubov, sempre foi a campeã da arte realista e social. Plekhanov muito trabalhou para desmascarar as concepções idealistas e anti-científicas da literatura e da arte e para defender os princípios fundamentais de nossos grandes revolucionários democratas que sempre ensinaram que a literatura é um instrumento poderoso para servir aos interesses do povo.

LÊNIN MOSTROU, COM O VIGOR QUE LHE É PRÓPRIO, QUE A LITERATURA NÃO PODIA DEIXAR DE TER PARTIDO, QUE DEVEIA SER UM FATOR IMPORTANTE NA LUTA DO PROLETARIADO.

Foi Lênin quem primeiro exprimiu com a maior nitidez o ponto de vista do pensamento social progressista sobre a literatura e a arte. Quero lembrar-vos o célebre artigo de Lênin: “A Organização do Partido e a Literatura de Partido”, escrito em fins de 1905, onde ele mostrou, com o vigor que lhe é próprio, que a literatura não podia deixar de ter partido, que devia ser um fator importante na luta do proletariado. Nesse artigo ele apresentou todos os princípios que constituem a base do desenvolvimento de nossa literatura soviética. Lênin escreve que:

“A literatura deve tornar-se a obra do partido. Contra os costumes burgueses, a imprensa burguesa do comércio e da empresa, contra o carreirismo e o individualismo literários burgueses, a ‘anarquia senhorial’ e a caça aos lucros, o proletariado socialista deve apresentar o princípio de uma literatura de partido, desenvolver esse princípio e lhe dar vida de maneira mais completa.

Em que consiste esse princípio de literatura de partido? Não somente em que a literatura proletária socialista não pode ser um meio de enriquecimento de um indivíduo ou de um grupo, mas que em geral não pode ser nem individual, nem independente da obra comum do proletariado. Abaixo os escritores sem partido! Abaixo os escritores super-homens! A literatura deve tornar-se parte integrante da luta proletária”.

Mais adiante, no mesmo artigo diz Lênin:

“É impossível viver na sociedade e dela não depender. A liberdade do escritor, do artista, da atriz burguesa não é senão a dependência camuflada (ou hipocritamente disfarçada) da bolsa do empresário”.

O leninismo parte do princípio de que nossa literatura não pode ser apolítica, não pode considerar "a arte pela arte", mas deve desempenhar um papel de vanguarda na vida social. Nisso se inspira o princípio leninista da literatura de partido — a contribuição mais preciosa de Lênin à ciência da literatura.

Segue-se daí que a melhor tradição da literatura soviética continua as melhores tradições da literatura russa do século XIX, tradições criadas por nossos grandes revolucionários democratas — Belinsky, Dobrolubov, Tchernychevsky, Saltykov-Tchedrin, seguidos por Plekhanov — formuladas e elaboradas cientificamente por Lênin e Stálin.

Nekrasov chamava sua poesia "a musa da vingança e da dor". Tchernychevsky e Dobrolubov consideravam a literatura como um dever sagrado para com o povo. Os melhores representantes da intelectualidade democrática russa morriam, sob o regime czarista, por essas grandes idéias generosas, eram condenados à prisão e ao exílio. Como é possível esquecer-se dessas gloriosas tradições? Como não levá-las em consideração, como permitir que Akhmatovas e Zostchenkos lancem às escondidas palavras de ordem reacionárias da "arte pela arte" e, disfarçando-se com a máscara do apoliticismo, imponham idéias estranhas ao povo soviético?

O LENINISMO PARTE DO PRINCÍPIO DE QUE NOSSA LITERATURA NÃO PODE SER APOLÍTICA, NÃO PODE CONSIDERAR A "ARTE PELA ARTE", MAS DEVE DESEMPENHAR UM PAPEL DE VANGUARDA NA VIDA SOCIAL.

O leninismo empresta à nossa literatura soviética uma grande importância social e educativa. Se nossa literatura soviética permitir que esse papel educador seja rebaixado isto significaria um recuo, a volta à "idade da pedra".

O camarada Stálin denominou nossos escritores "os engenheiros da alma humana". Essa definição tem uma grande significação. Subentende a enorme responsabilidade dos escritores soviéticos na educação dos homens, da juventude, em sua vigilância para não permitir produtos literários defeituosos.

Certas pessoas estranham que o Comitê Central tenha tomado medidas tão fortes numa questão literária. Não estão habituadas a isto. Acham perfeitamente natural a severidade nas questões de infrações na produção, ou de atraso na realização de programa da produção ou dos estoques de madeira, mas quanto às infrações na educação da alma

humana ou da juventude, estas são toleradas. No entanto, não são estas faltas muito mais graves do que a não-realização de um programa de produção ou o fracasso de uma tarefa industrial? Com sua resolução, o Comitê Central pretende colocar a frente ideológica acima de todos os outros ramos de nosso trabalho.

Ultimamente foram notadas grandes deficiências e brechas na frente ideológica. Basta citar-vos o atraso de nossa arte cinematográfica. Quanto joio entre essas produções de nosso repertório dramático, sem contar o que aconteceu nas revistas *Zvezda* e *Leningrado*. O Comitê Central foi forçado a intervir e a modificar categoricamente a situação. Não tinha mais o direito de atenuar o golpe que vibrava naqueles que se esquecem de suas obrigações para com o povo e a educação da juventude. Se quisermos chamar a atenção de nossos ativistas para os problemas ideológicos e a fazê-lo com ordem, orientando claramente a tarefa a cumprir, deveremos criticar duramente, como convém a homens soviéticos, a bolcheviques, os erros e as deficiências do trabalho ideológico. Só então conseguiremos modificar a situação.

O LENINISMO EMPRESTA À NOSSA LITERATURA UMA GRANDE IMPORTÂNCIA SOCIAL E EDUCATIVA. SE NOSSA LITERATURA PERMITIR QUE ESSE PAPEL SEJA REBAIXADO ISTO SIGNIFICARIA UM RECUO, A VOLTA À "IDADE DA PEDRA".

Certos escritores raciocinam da seguinte maneira: considerando-se que durante a guerra o povo passou fome de literatura, que se publicavam poucos livros, o leitor engulirá qualquer mercadoria, mesmo apodrecida. No entanto, não é o que acontece e não podemos admitir essa espécie de literatura que nos irão apresentar escritores, redatores e editores sem discernimento. O povo espera dos escritores soviéticos uma verdadeira armadura ideológica, uma alimentação espiritual que o ajudará a realizar os planos da grande construção, da restauração e do desenvolvimento da economia nacional de nosso país.

Exige muito dos escritores, deseja ver satisfeitas suas aspirações ideológicas e culturais. Durante a guerra, devido às circunstâncias, não pudemos satisfazer suas necessidades vitais. O povo quer que se expressem os acontecimentos passados. Seu nível ideológico e cultural elevou-se. Frequentemente não fica satisfeito com a qualidade das obras literárias e artísticas que se publicam em nosso país. Certos escritores e trabalhadores da frente ideológica não querem compreender isto.

O nível das exigências e do gosto de nosso povo elevou-se muito e aquele que não quiser compreendê-lo ou nele não se conseguir manter ficará para trás. A literatura não se destina unicamente a seguir o nível das necessidades do povo, muito mais, deve desenvolver seus gostos, elevar suas exigências, enriquecê-lo com idéias novas, levá-lo para diante. Aquele que não puder seguir o povo, satisfazer suas aspirações, manter-se no nível de desenvolvimento da cultura soviética, tornar-se-á forçosamente inútil.

A LITERATURA NÃO SE DESTINA UNICAMENTE A SEGUIR O NÍVEL DAS NECESSIDADES DO POVO, MUITO MAIS, DEVE DESENVOLVER SEUS GOSTOS, ELEVAR SUAS EXIGÊNCIAS, ENRIQUECÊ-LO COM IDÉIAS NOVAS.

Outro grande erro decorre da insuficiência ideológica dos diretores de *Zvezda* e *Leningrado*. Esse erro consiste em que alguns de nossos trabalhadores da direção haviam colocado em primeiro plano suas relações com os escritores, não os interesses da educação dos homens soviéticos e de suas tendências políticas, mas interesses pessoais e de camaradagem. Diz-se que numerosas obras perigosas ideologicamente e fracas artisticamente, foram publicadas por medo de ofender este ou aquele escritor. Do ponto de vista desses redatores, era melhor sacrificar os interesses do povo e os do Estado a fim de não defender ninguém. Essa é uma situação perfeitamente injusta e politicamente errada, é como se se pretendesse trocar um milhão por um tostão.

DESENVOLVER O ESPÍRITO CRÍTICO

O Comitê Central do Partido assinalou em sua resolução o grande perigo que existe no fato de substituir uma atitude de princípio na literatura por relações de camaradagem. Essa atitude de camaradagem, sem princípios, de certos escritores nossos, teve uma influência profundamente negativa, provocou o abaixamento do nível ideológico de numerosas obras literárias e facilitou o acesso à literatura a elementos estranhos à literatura soviética. A ausência de senso crítico nos chefes da frente ideológica em *Leningrado*, nos redatores das revistas da cidade, a substituição de uma atitude de princípio, por relações de camaradagem, à custa dos interesses do povo, causaram um grande prejuízo.

O camarada Stálin nos ensina que se quisermos conservar quadros, instruí-los e educá-los, não

deveremos ter medo de ofender ninguém, nem recear uma crítica de princípios audaciosa, franca e objetiva. Sem a crítica, qualquer organização, mesmo literária, pode desagregar-se. Sem a crítica pode-se agravar qualquer doença e será muito mais difícil vencê-la. Só uma crítica ousada e franca pode contribuir para aperfeiçoar nossos cidadãos, levá-los para a frente e superar as deficiências de seu trabalho. Onde não existe crítica, instala-se a estagnação, falta o ar, não há mais lugar para o progresso.

O camarada Stálin assinalou mais de uma vez que a condição essencial de nosso desenvolvimento é que todo cidadão soviético deve fazer corajosamente o balanço de seu trabalho, criticar suas deficiências e seus erros, refletir sobre a possibilidade de obter melhores resultados e trabalhar sem descanso para seu aperfeiçoamento. Isto se refere tanto aos escritores como aos demais trabalhadores. Aquele que tem medo de criticar seu trabalho é um poltrão desprezível, indigno da estima do povo.

A atitude não-crítica a respeito do trabalho, a substituição de uma atitude de princípio para com os escritores por uma atitude de camaradagem também está muito disseminada na direção da União dos Escritores Soviéticos. A direção da União, e particularmente seu presidente, o camarada Tikhonov, são responsáveis pelos erros descobertos nas revistas *Zvezda* e *Leningrado*, responsáveis não só pelo fato de não terem impedido a infiltração na literatura soviética da influência nociva de Zostchenko, Akhmatova e outros escritores não-soviéticos, como também por terem estimulado a infiltração em nossas revistas de tendências e costumes estranhos à literatura soviética.

A TAREFA DOS TRABALHADORES DA FRENTE IDEOLÓGICA, E ACIMA DE TUDO OS ESCRITORES, CONSISTE EM ELIMINAR DA LITERATURA O APOLITICISMO E A VULGARIDADE.

O sistema de irresponsabilidade que se instalou na direção das revistas e, particularmente, na redação das revistas de *Leningrado*, onde não se sabia quem era o responsável pela revista, e pelos seus diferentes setores, onde não se observava nem a ordem mais elementar, esse sistema também influenciou para as deficiências das duas revistas.

É indispensável consertar essa situação. Eis por que o Comitê Central em sua resolução designou um redator chefe do *Zvezda* responsável por suas tendências e pelas altas qualidades ideológicas e artísticas das obras nela publicadas.

A desordem e a anarquia são inadmissíveis nas revistas, como em qualquer outra empresa. É neces-

sária uma responsabilidade precisa para dirigir uma revista e cuidar do material literário por ela publicado.

NÃO SE PODE ESQUECER DO TRABALHO IDEOLÓGICO. AS RIQUEZAS ESPIRITUAIS DE NOSSOS CIDADÃOS SÃO TÃO IMPORTANTES QUANTO SUAS RIQUEZAS MATERIAIS.



A.A. Zhdánov

Deveis restaurar as grandes tradições da literatura e da frente ideológica de Leningrado. É triste e penoso que as revistas de Leningrado, que sempre foram mananciais de idéias progressistas, de uma cultura progressista, tenham-se tornado o refúgio da indiferença e da vulgaridade. É preciso restabelecer a honra de Leningrado, como centro progressista, ideológico e cultural. É preciso recordar que Leningrado foi o berço das organizações bolcheviques de Lênin. Foi em Leningrado que Lênin e Stálin apresentaram os princípios do Partido Bolchevique, os princípios da doutrina e da cultura bolcheviques.

É uma questão de honra para os escritores de Leningrado, para suas atividades partidárias, restaurar e desenvolver essas gloriosas tradições de Leningrado. A tarefa dos trabalhadores da frente ideológica, e acima de tudo os escritores, consiste em eliminar da literatura de Leningrado o apoliticismo e a vulgaridade, a elevar bem alto o estandarte da literatura soviética progressista, a aproveitar todas as possibilidades de elevar seu nível ideológico e artístico, e não ficar para trás dos temas da atualidade, das necessidades do povo, a desenvolver, por todos os meios, uma crítica ousada de suas deficiências, não uma crítica servil, nem de grupo, nem de confraria, mas uma verdadeira crítica audaciosa e independente, ideológica e bolchevique.

Camaradas, vedes claramente agora o erro

grosseiro que o Comitê do Partido em Leningrado admitiu, e particularmente sua seção e seu Secretário de Propaganda, o camarada Chirokov, que havia sido colocado à frente do trabalho ideológico e que é o primeiro responsável pela má direção das revistas. O comitê de Leningrado cometeu um grande erro político adotando, em fins do mês de junho, uma decisão relativa à nova equipe da redação do Zvezda nela incluindo Zostchenko. Só uma cegueira política pode explicar que o secretário do Comitê de Leningrado, Kapustin, e o secretário de propaganda do Comitê de Leningrado, Chirokov, tenham tomado uma decisão tão errônea. Repito, todos esses erros devem ser emendados o mais rapidamente e o mais categoricamente possível, a fim de que Leningrado retome seu lugar na vida ideológica de nosso Partido.

TAREFAS DO ESCRITOR SOVIÉTICO

Todos nós amamos Leningrado, todos nós amamos nossa organização do Partido em Leningrado, como uma das unidades de vanguarda de nosso Partido. Leningrado não deve ser o refúgio dos diversos canalhas literários que querem explorá-la no seu próprio interesse. Zostchenko, Akhmatova e *tutti quanti* não amam a Leningrado soviética. Vêm nela o símbolo de outras instituições social-políticas e de uma outra ideologia. A antiga São Petersburgo, o Cavaleiro de Bronze, que a encarna aos seus olhos, eis as visões que lhes encham os olhos. Mas nós amamos a Leningrado soviética, a Leningrado centro progressista da literatura soviética. A célebre coorte dos grandes revolucionários democratas, provenientes de Leningrado, são nossos antepassados diretos, a cuja árvore genealógica pertencemos. As grandes tradições da Leningrado de hoje continuam essas grandes tradições revolucionárias e democráticas que não trocaremos contra nada neste mundo. Que os ativistas de Leningrado analisem seus erros com coragem, sem olhar para trás, sem se deterem, a fim de retificar melhor e mais rapidamente suas faltas, e de levar avante nossa obra ideológica. Os bolcheviques de Leningrado devem novamente ocupar seu lugar na vanguarda da ideologia soviética, da consciência social soviética.

VIVER COMO CEGO, SEM SE PREOCUPAR COM O DIA DE AMANHÃ É TÃO NOCIVO NO DOMÍNIO DA IDEOLOGIA QUANTO NO DA PRODUÇÃO MATERIAL.

Como pode acontecer que o Comitê do Partido em Leningrado tenha admitido um tal estado de

coisas na frente ideológica? Provavelmente interessou-se pelo trabalho prático, corrente, da restauração da cidade, pelo seu progresso industrial e esqueceu-se do papel de seu trabalho ideológico, e este esquecimento custou caro à organização de Leningrado! Não se pode esquecer do trabalho ideológico! As riquezas espirituais de nossos cidadãos são tão importantes quanto suas riquezas materiais. Viver como cego, sem se preocupar com o dia de amanhã é tão nocivo no domínio da ideologia quanto no da produção material. Nossos homens soviéticos cresceram de tal maneira que não "engulirão" qualquer produção espiritual que lhes queiram oferecer. Os trabalhadores da cultura e da arte que não se queiram reformar, não poderão satisfazer as exigências crescentes do povo, e perderão rapidamente sua confiança.

Camarcadas, nossa literatura soviética vive, e deve viver, pelos interesses do povo e da pátria. A literatura diz respeito ao povo. Eis porque o povo considera cada sucesso vosso, cada uma das vossas obras de valor como vitórias suas. Eis porque se pode comparar cada obra vitoriosa com um combate ganho, ou com uma grande vitória na frente econômica. Pelo contrário, cada fracasso na literatura soviética, é profunda e amargamente sentido pelo povo, pelo Partido, pelo Estado. É precisamente o que visa a resolução do Comitê Central, que se preocupa com os interesses do povo, com sua literatura, e que está extremamente inquieto com a situação dos escritores de Leningrado.

OS IMPERIALISTAS, SEUS ÊMULOS IDEOLÓGICOS, SEUS ESCRITORES E SEUS JORNALISTAS, SEUS POLÍTICOS E SEUS DIPLOMATAS PROCURAM POR TODOS OS MEIOS CALUNIAR O SOCIALISMO.

Se homens apolíticos querem privar o batalhão dos escritores soviéticos de Leningrado de seus fundamentos, solapar o aspecto ideológico de seus trabalhos, privar a arte de seus escritores de seu alcance social e educativo, o Comitê Central espera que saberão encontrar em si próprios forças suficientes para resistir a todas as tentativas para arrastá-los e às suas revistas na corrente do apolitismo, da indiferença e da covardia. Estais na vanguarda da frente ideológica; erguem-se diante de vós imensas tarefas de significação internacional; isto deve estimular o sentimento de responsabilidade de todo escritor soviético para com seu povo, seu Estado, seu Partido, assim como a consciência da importância do dever cumprido.

Nossos sucessos desagradam ao mundo burguês, tanto em nosso país como na arena internacional. Depois da segunda guerra mundial consoli-

daram-se as posições socialistas. O socialismo está na ordem do dia em numerosos países da Europa, o que contraria os imperialistas de toda espécie. Eles temem o socialismo, temem nosso país socialista que é um modelo para toda a humanidade progressista. Os imperialistas, seus êmulos ideológicos, seus escritores e seus jornalistas, seus políticos e seus diplomatas procuram por todos os meios caluniar nosso país, apresentá-lo sob uma falsa luz, caluniar o socialismo. Nessas condições a tarefa da literatura soviética consiste não só em devolver golpe por golpe, toda essa odiosa calúnia e todo ataque contra nossa cultura soviética, contra o socialismo, mas ainda em fustigar e atacar corajosamente a cultura burguesa que está num estado de marasmo e corrupção.

Por mais bela que seja a forma externa das obras dos escritores burgueses atuais da Europa Ocidental ou da América, dos empresários cinematográficos ou dramáticos, eles não saberão salvar ou reerguer sua cultura burguesa, pois que esta está a serviço da propriedade privada capitalista, a serviço de interesses egoístas, de uma sociedade privilegiada burguesa. Toda a multidão de escritores, de empresários burgueses, procura desviar a atenção das camadas progressistas da sociedade das questões candentes da luta política e social, e de orientá-la para uma literatura e uma arte apolíticas, repletas de gangsters, de figurantes das Variedades, da apologia do adultério e das façanhas de toda sorte de aventureiros e velhacos.

Por acaso nos convém, a nós, representantes da cultura soviética progressista, patriotas soviéticos, esse papel servil diante da cultura burguesa ou o papel de seus discípulos? É nossa literatura, refletindo um regime mais evoluído que qualquer regime burguês-democrático, uma cultura muitas vezes superior a qualquer cultura burguesa, que tem o direito de ensinar a outros uma nova moral humana. Onde encontrareis um povo e um país como os nossos? Onde encontrareis essas notáveis virtudes de homens de que deu prova nosso povo soviético na Grande Guerra Patriótica e de que dá prova diariamente em seu trabalho, tendo passado à restauração e ao desenvolvimento pacíficos da economia e da cultura? Cada dia que se passa vê elevar-se mais nosso povo. Não somos mais hoje o que fomos ontem, e amanhã não seremos mais o que somos hoje. Não somos mais os russos de antes de 1917 e a Rússia não é mais a mesma, como não o é nosso caráter. Mudamos, crescemos com essas gigantescas reformas que modificaram radicalmente o aspecto de nosso país.

Mostrar essas grandes virtudes novas dos homens soviéticos, mostrar nosso povo, não somente como é hoje, mas como será amanhã, iluminar com um projetor o caminho que está à frente — tais são as tarefas de todo escritor soviético honesto. O escritor não pode ficar a reboque dos acontecimentos, deve marchar na vanguarda do povo, mostrando-lhe o caminho de seu desenvolvimento! Inspirando-se nos métodos do realismo socialista, estudando conscientemente e atentamente nossa realidade, esforçando-se por penetrar mais profundamente na essência de nossa evolução, o escritor deve educar o povo e armá-lo ideologicamente. Apontando os melhores sentimentos e qualidades do homem soviético, revelando-lhe seu futuro, devemos ao mesmo tempo mostrar ao nosso povo aquilo que ele não deve ser, devemos fustigar as remanescências do passado, as remanescências que impedem o homem soviético de marchar para frente. Os escritores soviéticos devem ajudar o povo, o Estado, o Partido a educar nossa juventude corajosa e confiante em suas forças, sem temer quaisquer dificuldades.

TODA A MULTIDÃO DE ESCRITORES, DE EMPRESÁRIOS BURGUESES, PROCURA DESVIAR A ATENÇÃO DAS CAMADAS PROGRESSISTAS DA SOCIEDADE DAS QUESTÕES CANDENTES DA LUTA POLÍTICA E SOCIAL, E DE ORIENTÁ-LA PARA UMA LITERATURA E UMA ARTE APOLÍTICAS.

Sejam quais forem os esforços dos políticos e dos escritores burgueses para esconder de seus povos a verdade pura, os resultados obtidos pelo regime e a cultura soviéticos, apesar de todas as suas tentativas de erguer uma cortina de ferro, através da qual a verdade sobre a União Soviética não possa penetrar, de diminuir a verdadeira envergadura da cultura soviética — todas essas tentativas estarão fadadas ao fracasso. Conhecemos muito bem a força e supremacia de nossa cultura. Basta lembrar os sucessos estupendos de nossas delegações culturais no estrangeiro, nossa parada de cultura física etc. Acaso cabe-nos, a nós, prosternar-nos servilmente diante do estrangeiro ou aquartelarmo-nos na defensiva?

Se o regime feudal, e em seguida a burguesia, conseguiram em seu período de florescimento criar uma arte e uma literatura para consagrar um novo regime e proclamar seu brilho, tanto melhor poderemos nós criar, graças a nosso novo regime socialista, que representa o que há de supremo e de melhor na história da civilização e da cultura humanas, a literatura mais progressista do mundo que so-

brepujará as melhores obras do passado.

Camaradas, que quer e exige o Comitê Central? Quer que os ativistas e os escritores de Leningrado compreendam bem que chegou o momento em que é indispensável reerguer consideravelmente o nível de nosso trabalho ideológico. A jovem geração soviética deverá consolidar as forças e o poder do regime soviético socialista, explorando plenamente as forças motrizes da sociedade soviética, com vistas ao florescimento sem precedente de nosso bem-estar e de nossa cultura. Para este fim, a jovem geração deve ser educada, corajosamente, ardentemente, sem temer obstáculos, marchando ao encontro de todas as dificuldades e sabendo superá-las. Nossos homens devem ser instruídos, ter idéias elevadas, exigências e gostos culturais e morais desenvolvidos. Com esse objetivo, nossa literatura, nossas revistas, não devem manter-se afastadas dos problemas da atualidade, mas ao contrário devem ajudar o Partido e o povo a educar a juventude num espírito de fidelidade absoluta ao regime soviético, de abnegação aos interesses do povo.

Os escritores soviéticos e todos os nossos trabalhadores ideológicos ocupam na hora atual a primeira linha, pois que na conjuntura da paz, as tarefas da frente ideológica, e em primeiro lugar dos escritores, longe de se restringirem, intensificam-se. O povo, o Estado, o Partido não querem que os escritores se afastem da atualidade, querem que a literatura esclareça todos os aspectos da vida soviética. Os bolcheviques apreciam grandemente a literatura, vêem claramente sua alta missão histórica e seu papel na consolidação da unidade moral e política do povo, na sua fusão e sua educação. O Comitê Central quer que tenhamos uma abundante cultura espiritual, pois que vê nessa riqueza uma das principais tarefas do socialismo.

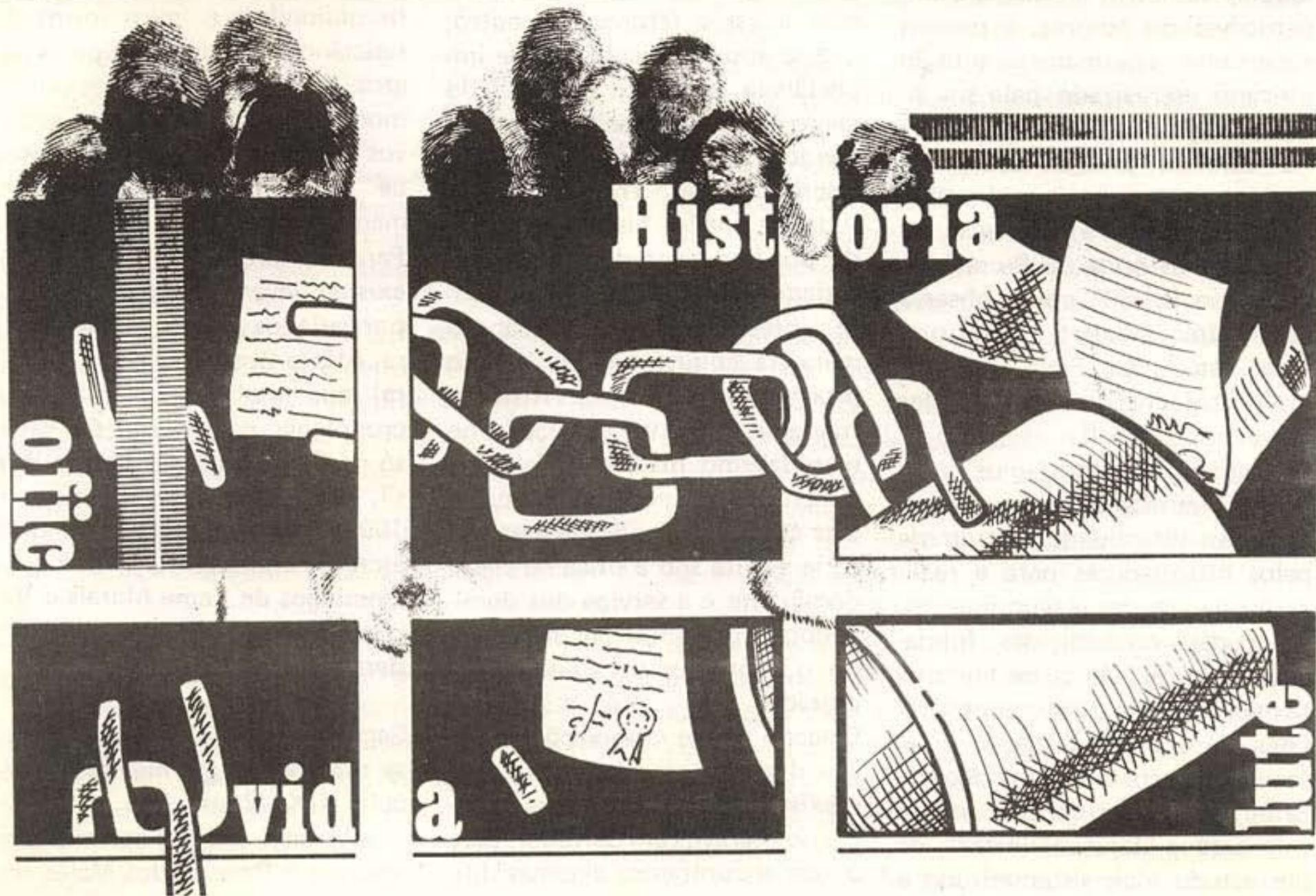
O ESCRITOR NÃO PODE FICAR A REBOQUE DOS ACONTECIMENTOS, DEVE MARCHAR NA VANGUARDA DO POVO, MOSTRANDO-LHE O CAMINHO DE SEU DESENVOLVIMENTO.

O Comitê Central está certo de que o setor literário de Leningrado, moral e politicamente sadio, saberá retificar rapidamente seus erros e ocupar o lugar que lhe cabe na literatura soviética.

Está certo de que as deficiências do trabalho dos escritores de Leningrado serão superadas e que o trabalho ideológico da organização do Partido nessa cidade elevar-se-á no mais breve prazo à altura atualmente necessária aos interesses do Partido, do povo e do Estado.

OS QUILOMBOS DE SALVADOR

Manoel Antonio Santos Neto



O presente trabalho cinge-se ao relato dos principais quilombos existentes em Salvador, extraindo informações coletadas de alguns estudiosos como Pedro Tomás Pedreira, Alípio Goulart e Clóvis Moura, notáveis exceções do que chamamos de fisiologismo entre historiadores e a historiografia oficial. Pretendemos voltar ao tema, abordando outros aspectos.

Ao longo de nossa História tem sido uma prática sistemática dos estudiosos do processo de libertação dos escravos brasileiros, a omissão ou minimização do papel desempenhado pelo negro no decorrer da luta travada no país pela abolição da escravatura.

Comprometidos com a Historiografia Oficial, distanciados da realidade ditada por mais de três séculos de escravidão, é que grande parte dos estudiosos e pesquisadores cometem o equívoco imperdoável de ignorar, e mesmo subestimar, a permanente luta do africano escravizado pela sua liberdade.

As diversas interpretações do processo abolicionista brasileiro ocasionaram a existência de "muitas Histórias da Escravidão Negra no Brasil", como observa José Alípio Goulart no seu precioso estudo "Da Fuga ao Suicídio" (Aspectos da Rebeldia dos Escravos no Brasil).

Inicialmente, poderíamos atribuir tão variada gama de análises, à efetiva dificuldade encontrada pelos historiadores para a realização de estudos e pesquisas, dificuldades estabelecidas fundamentalmente pela quase completa inexistência de documentos relativos à operacionalização e desenvolvimento da escravidão no Brasil, que seriam guias inestimáveis para o desenvolvimento de um estudo mais sistematizado e

melhor embasado sobre o tema. Ressalte-se que a classe dominante brasileira empreendeu considerável esforço no sentido de apagar da memória do povo a violência e a crueldade do regime escravocrata, sendo que Rui Barbosa, através do Decreto datado de 14/12/1890, na qualidade de Ministro da Fazenda, e argüindo a necessidade de "limpar a honra da Pátria", ordenou a queima de "todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil".

Mas, nos parece que o fisiologismo existente entre uma considerável parcela dos nossos historiadores e o regime quadrisecular de exploração implantado no Brasil, desde a fase inicial da colonização, junto com o latifúndio e a mão-de-obra escravizada, vêm também explicar tão variadas análises e conclusões a que se refere José Alípio Goulart. Juntemos a esses fatores um outro, que se apresenta com grande importância, para que o papel do negro na sua libertação tenha merecido tratamento tão ambíguo e discriminatório. Trata-se do método de análise histórica utilizado por boa parte dos nossos historiadores que, equivocadamente, prescindem da concepção marxista-leninista de análise do processo evolutivo da História, fundamentalmente alicerçado no materialismo histórico. Tal afastamento do marxismo-leninismo traz como consequência uma história escrita sob a ótica da classe dominante e a serviço dos dominadores, omitindo ou distorcendo o papel dos oprimidos e explorados.

Calcado nessas observações é que nos dispusemos a escrever sobre a existência de focos de resistência de escravos em Salvador, para o que encontramos algumas difi-

culdades dadas as razões acima expostas. Embora a derrocada oficial da escravidão só tenha ocorrido em 13/05/1888, a luta do escravo pela sua libertação antecede e transcende o Ato da princesa Isabel.

A história da resistência ao cativo na Bahia é tão antiga quanto a implantação da mão-de-obra escrava no Brasil, considerando que já no século XVII, precisamente em 1629, na localidade do Rio Vermelho, em Salvador havia um quilombo cuja destruição ocorreu em 1642, por ordem do Governador da Capitania. Segundo Borges de Barros, o Governo de Portugal se interessava na "repressão aos índios que assaltavam os estabelecimentos e povoações" e na "destruição de quilombos e mocambos de negros fugidos, os quais se tornavam temerosos nos assaltos das estradas". Embora seja objeto principal de nosso enfoque, não foram os quilombos a única forma de resistência desenvolvida pelos negros, sendo que inúmeras outras modalidades de revoltas de escravos eclodiram em diversos pontos de nosso território, particularmente na Bahia.

Para comprovar esta afirmação, existem levantamentos realizados por variados autores (Clóvis Moura, Alípio Goulart, Tomás Pedreira) que estabelecem uma longa cronologia de insurreições, não só na Bahia, mas em todo o Brasil. Notadamente na Bahia, em 1692, irrompeu séria rebelião de escravos comandada pelos negros Domingos de Leme Morais e Veríssimo Morais da Silva que prenderam o capitão-mor.

Seguem-se a essa outras lutas que se estenderam até meados do século XIX. Neste ciclo de formidável resistência dos oprimidos se inscreve a Revolta dos Malês, da-

tada de 1835, "sem dúvida a dirigida com mais habilidade e plano regular", segundo depoimento de Manoel Alves Branco, Ministro da Justiça à época. Destacaram-se como principais dirigentes da insurreição os pretos negôs Diogo, Ramil, James, Cornélio e Tomás, participantes de várias reuniões conspiratórias, com outros negros, trabalhadores em saveiros de Santo Amaro e Itaparica. Iniciada a 24 de janeiro de 1835, no dia seguinte os escravos, em grande número dirigiram-se ao Forte da Cavalaria, "sendo detidos por tropas governamentais, que sobre eles carrega a Cavalaria, ao mesmo tempo que da janela do Forte os alvejavam a bala. Após enorme carnificina, são os negros batidos sem apelação", o que vem explicar o caráter cruel e violento do Regime Colonial e escravocrata.

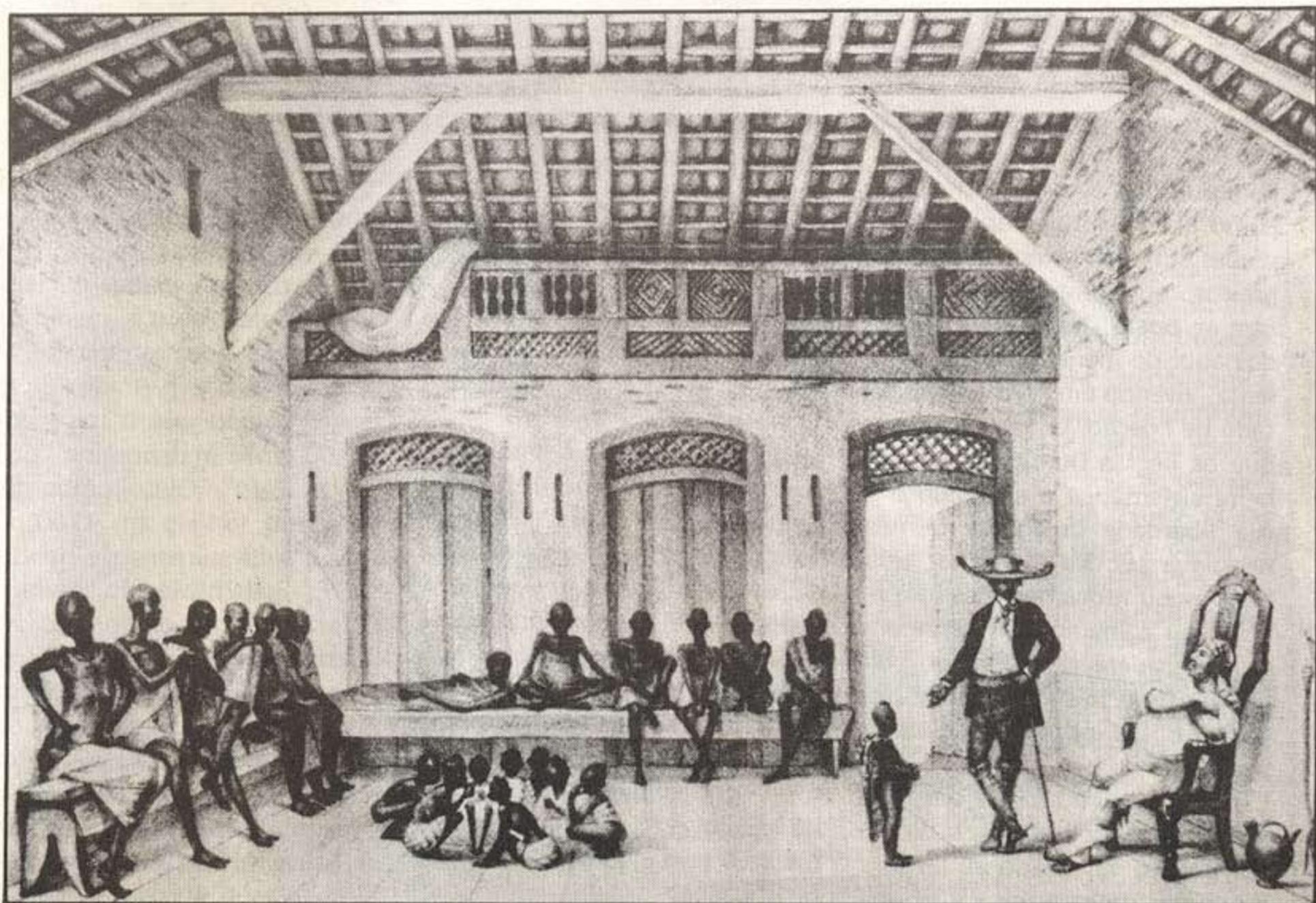
A existência comprovada de revoltas e quilombos serve para que possamos desmistificar a falsa imagem propalada por alguns estudiosos, acerca do servilismo, da docilidade e do conformismo do escravo, quando na verdade, "nos três séculos de escravidão o Sistema Escravocrata manteve-se sob um regime de violência permanente, que desabava sobre a cabeça do negro em requintes de torturas físicas", ao primeiro sinal de resistência e rebelião. Embora premidos por circunstâncias tão desfavoráveis, os negros combatiam e resistiam obstinadamente, através de fugas organizadas das senzalas, acoitamento nas matas (para edificação de quilombos), chegando até mesmo ao suicídio, o que nos vem confirmar que "a intolerância do negro não foi só uma realidade presente, como de ação permanente.

Ora barulhenta, ora silenciosamente, ele a punha em prática sem esmorecimento, fosse individual ou coletivamente: fugindo, amotinando-se, assassinando, roubando e até suicidando-se, impunha a marca inconfundível de sua rebeldia."

Foi nossa pretensão, ao abordar algumas insurreições ocorridas na Bahia entre os séculos XVIII e XIX, estabelecer para o leitor a compreensão inequívoca de que os quilombos fazem parte, junto com estas rebeliões e amotinamentos, do valioso leque de alternativas criadas pelos insurretos para responder ao regime que os oprimia e tiranizava.

A LUTA DO NEGRO NA BAHIA

A chegada dos primeiros escravos ao Brasil deve-se a uma conces-



são outorgada por D. João III "para que cada colono pudesse importar até o máximo de 120 escravos para o trabalho de suas fazendas."

O aumento do tráfico foi rápido e já em 1583 as estatísticas do Reino, embora não muito confiáveis, apresentavam os seguintes dados: de 57.000 habitantes, 25.000 eram brancos, 18.000 indígenas e 14.000 negros. Já em 1798, para os 3.250.000 habitantes existentes, havia 1.582.000 escravos.

O historiador Rocha Pombo calcula em 15.000.000 o número de escravos entrados no Brasil no período escravista, sendo que a Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro foram os maiores entrepostos de comércio negreiro no País. "No que toca à raça, é sabido que os escravos africanos trazidos para o Brasil eram principalmente, de nações pertencentes aos grupos sudanês e bantu". Na Bahia, figuram entre as nações mais representadas: Mina, Nagô ou Iorubá, Congo, Benguela, Cabinda e Dussá.

Seqüestrados em sua terra natal como animais, viajando em condições subumanas nos navios negreiros, que tanto pavor causaram ao poeta Castro Alves, tratados aqui de maneira brutal e violenta, vivendo em permanente estado de coação, era de se esperar que os negros buscassem de maneira sistemática e continuada a sua liberdade usurpada. Dentro dessa perspectiva é que os "quilombos ou mocambos, os calambolas ou calhambolas" representam considerável acervo no painel das lutas travadas pelos escravos na busca incessante de sua libertação.

Uma população escrava bastante numerosa e, sobretudo, o desenvolvimento verificado na lavoura do fumo, da mandioca e princi-

palmente na lavoura açucareira, tornaram a Bahia "sede de inumeráveis agrupamentos de negros fugitivos, localizados em diversos pontos do seu território".

Em que pese ter sido constatada a existência de quilombos ou mocambos em quase todo o território baiano (Xique-Xique, Rio das Contas, Santo Amaro, Nazaré, Jacuípe, Maragogipe, Cruz das Almas, Andaraí, Jaguaribe e outros), deter-nos-emos, por ora, unicamente, nos principais quilombos existentes em Salvador, postergando momentaneamente um estudo mais pormenorizado dos Quilombos Baianos.

"O quilombo ou mocambo era um aldeamento ou conglomerado de casebres cobertos de palha ou folhas de palmeiras, sem nenhuma ordenação, com alguma separação entre eles, situados no meio das árvores e das matas, tudo na conformidade dos usos africanos". Quanto à sua manutenção e subsistência, os insurretos faziam roças e pequenas lavouras, bem como criavam aves e outros animais domésticos.

No que tange a sua organização sócio-política, os negros "tinham um Rei de caráter eletivo, e abaixo dele vários chefes e subchefes, capitães de milícia e até juízes. Os quilombos comunicavam-se uns com os outros, auxiliavam-se mutuamente.

Iniciada a repressão sistemática e punitiva do Governo e dos latifundiários-escravocratas (surgingo daí a execrável figura do capitão-do-mato), os negros aquilombados, objetivando a manutenção da liberdade duramente conquistada, "passaram a erguer fortificações e paliçadas com extensão de às vezes, mais de 6 km, e fossos, e armadilhas cheias de pontas agudas e chuços, usados contra seus perseguidores. Fora das fortificações espalhavam-se mo-

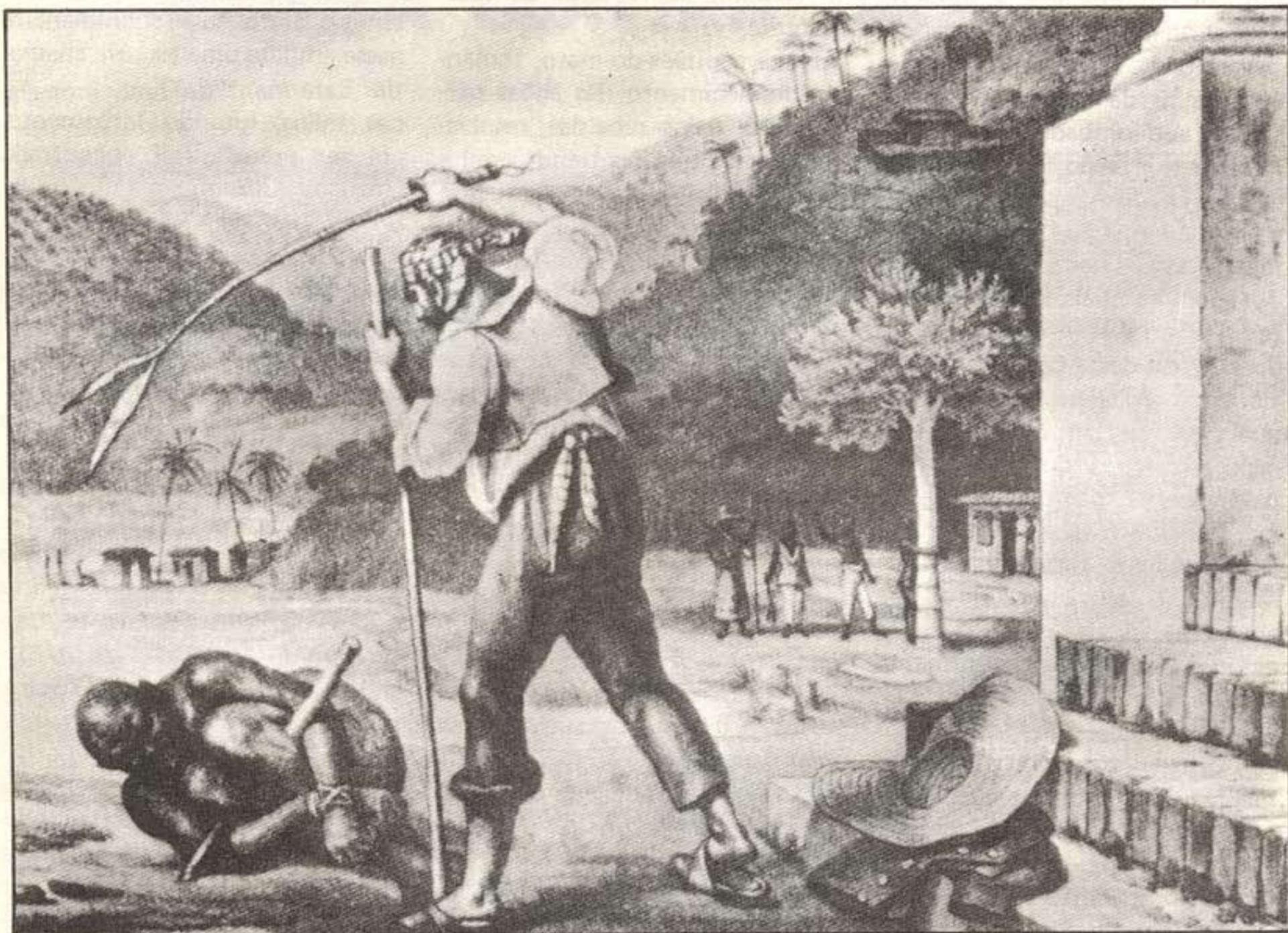
cabos onde moravam os que cuidavam das roças". Sobre a natureza da repressão desencadeada pelo Regime Colonial, transcrevemos pequeno trecho do alvará expedido pelo Rei de Portugal, datado de 03/03/1741: "Hei por bem que a todos os negros que forem achados em quilombos, estando neles voluntariamente, se lhes ponha com fogo uma marca em uma espádua com a letra F." Segue-se ainda no mesmo alvará autorização para castigar o escravo reincidente com o corte de uma das orelhas!

Caracterizando de maneira irrefutável a violência e a permanente coação utilizadas contra os negros escravizados, o combativo jornalista, advogado e abolicionista negro, Luís Gama escreveu: "Todo homem que mata pela sua liberdade, está agindo em legítima defesa".

OS QUILOMBOS DE SALVADOR

QUILOMBO DO BURACO DO TATU (1744-1765)

Situava-se este quilombo (um dos mais importantes surgidos na Bahia) nas proximidades de Salvador, a duas léguas e meia, "nas margens da atual estrada que liga Campinas a Santo Amaro de Ipitanga", sendo que o local onde existiu ainda se denomina "Buraco do Tatu". O quilombo teve início em 1744 e em 1760 possuía grande número de habitantes. Era bem protegido e defendido por "estrepes e armadilhas", colocadas nos matos que o circundavam, para dificultar a aproximação de elementos estranhos e das tropas das milícias da Capitania que os iam atacar. Os calhambolas do Buraco do Tatu, praticavam assaltos, roubavam fazendolas e sítios dos arredo-



res; "à noite demonstrando grande coragem e ousadia, penetravam pelas ruas da cidade a prover-se de pólvora, chumbo e das mais bagatelas que precisavam para a sua defesa".

Considerando o quilombo do Buraco do Tatu de alta periculosidade, o Governo Interino da Bahia (formado pelo Cel. Gonçalo Xavier de Brito Alvim, Chanceler José de Carvalho e Arcebispo Dom Frei Manuel de Santa Inês) ordenou sua imediata destruição, organizando para tal fim uma expedição com 200 pessoas, sob o comando do Capitão-Mor Joaquim da Costa Cardoso. O ataque realizou-se a 2 de setembro de 1763, sendo o quilombo arrasado, e vários rebeldes feitos prisioneiros.

Uma carta dirigida a Mendonça

Furtado, pelo Governo Interino da Bahia, informou-o de que a expedição enviada ao Buraco do Tatu fez "61 presos entre pretos e pretas recolhidos à Cadeia e relaxados à Justiça da Ouvidoria-Geral do Crime para devassar e proceder no castigo que a lei determinasse aos réus de semelhante delito". Ainda da mesma carta consta "que foram por soldados e oficiais expugnados vários quilombos de negros que havia nas vizinhanças desta Cidade, de cujos quilombos vieram presos para a Cadeia, procedendo-se em devassa do caso por este Juízo, se pronunciaram os cabeças daquelas facinorosos e outras pessoas, com as quais tinham comunicação; e os negros que não tinham mais delito que o de calhambo-

las, depois marcados com a letra F".

Finalmente, em documentação datada de 30 de outubro de 1765, o ministro Mendonça Furtado elogia o Conde de Azambuja, Capitão-General da Bahia, pela sua atuação na destruição do quilombo Buraco do Tatu.

QUILOMBOS DE "NOSSA SENHORA DOS MARES" E "CABULA"

Também localizados nos arredores de Salvador tiveram, como o do Buraco do Tatu, "grande importância e periculosidade", tendo o Governador e Capitão-General da Bahia, Conde da Ponte, cuidado imediatamente de destruí-lo, chamando à sua presença, em 29 de março de 1807, o Capi-

tão-Mor das Entradas e Assaltos do Termo da Cidade do Salvador, Severino da Silva Lessa, a quem encarregou de cuidar da repressão aos aquilombados.

A 30 de março de 1807, o Sr. Severino Lessa "requereu 80 homens da Tropa de Linha" devidamente selecionados e municia-dos, com os quais "cercou várias casas e arraiais na distância de duas léguas desta Cidade, ali aprisionando 78 pessoas" entre os quais se encontravam escravos, negros forros, e dois dos principais cabeças, posteriormente remetidos presos ao Arsenal.

Em carta remetida ao Ministro da Marinha e Ultramar, em 7 de abril de 1807, o Conde da Ponte ainda detalha: "houve alguma resistência e pequenos ferimentos", acrescentando que "os pretos achados nesses ajuntamentos, mandei-os para o Arsenal, empregá-los nas reais obras e as mulheres para as cadeias da Cidade". Diz ainda o Conde da Ponte que "os escravos fazem já muita diferença na obediência devida aos seus senhores".

QUILOMBO DO URUBU (1826)

Conta-nos José Alípio Goulart: "em 1826 formou-se um grande quilombo chamado URUBU, no sítio Cajazeiro, nas proximidades da Capital". Os documentos da época dizem que os quilombolas do URUBU "premeditavam apresentar uma revolução na Cidade". Para tanto começaram por realizar alguns ataques na região. No dia 15 de dezembro de 1826, "praticaram alguns ataques no Cabula contra lavradores, raptando uma menina que com sua família passava numa roça no dito sítio, e que dois dias depois foi encontrada muito maltratada

e recolhida ao Hospital da Misericórdia.

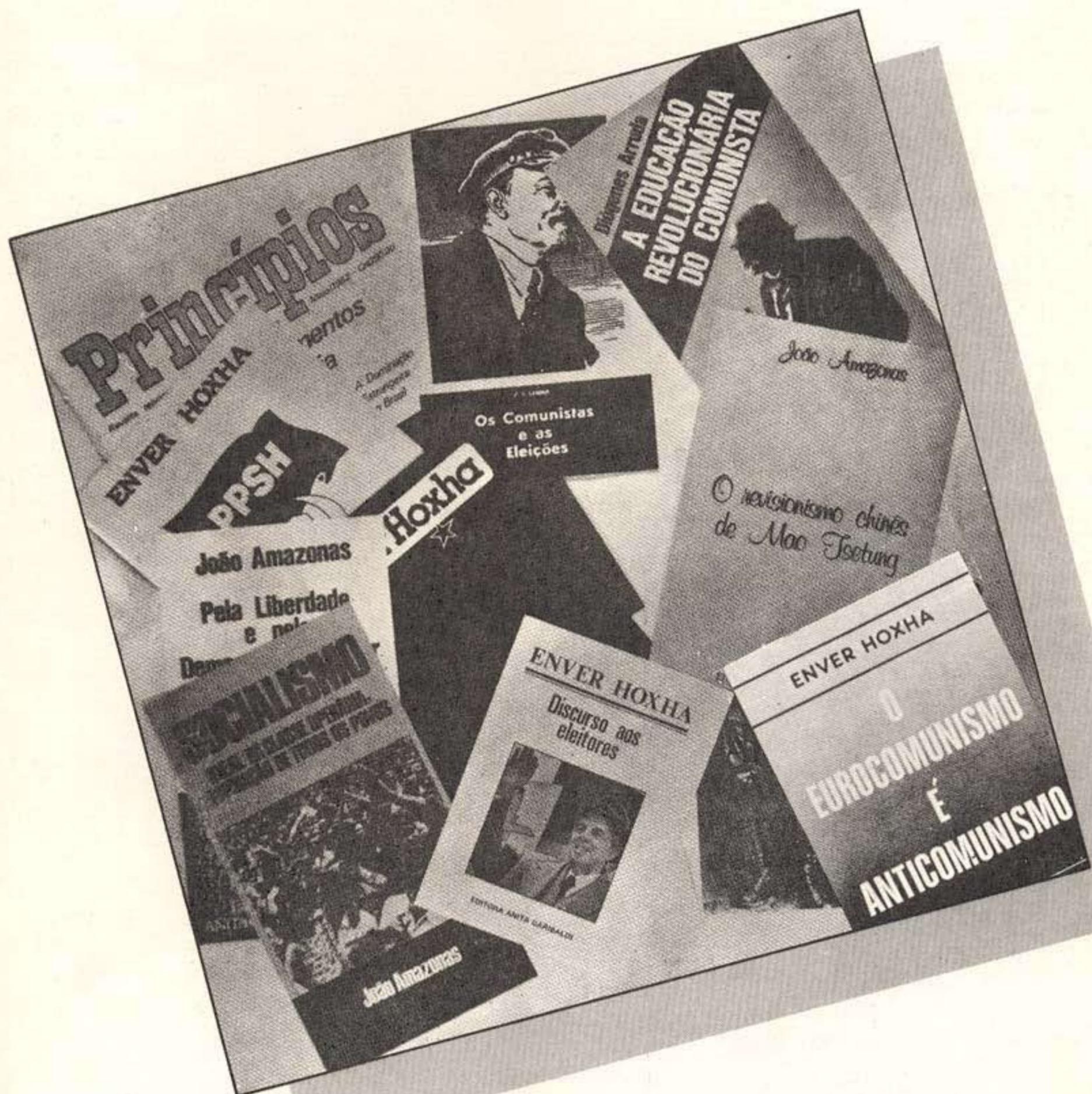
Alguns capitães-do-mato, tomando conhecimento das ações perpetradas pelos rebeldes, resolveram destruí-los e entrando em luta com os quilombolas mataram dois e feriram um terceiro, "tendo esse combate se dado a 17 de dezembro". Segundo o relato de um dos combatentes, ao se dirigir para o Cabula acompanhado de 12 soldados e um cabo, sabendo estarem "os negros reunidos em um lugar denominado URUBU, em número de mais ou menos 50, e também algumas negras", na tentativa de descobri-los acabou encontrando "um Capitão de Assaltos, e mais dois crioulos gravemente feridos, aí soube terem sido aqueles ferimentos causados pelos negros que se achavam levantados". Essa luta travou-se ao meio-dia, tendo falecido os capitães Antonio Neves e José Correia, segundo informa Clóvis Moura. "Tendo sido os Capitães derrotados o Governo mandou pôr em marcha 20 praças do Batalhão Pirajá, sob as ordens do Cel. Francisco da Costa Branco e mais 12 soldados e um cabo que saíram às 10 horas da manhã". Os sentinelas dos quilombolas pressentiram a presença das tropas, imediatamente se "puseram em guarda e deram o alarme, fazendo para isso uso de um corno de boi, uma espécie de corneta. A batalha se desenvolveu entre uns 30 soldados e uns 50 calhambolas, estes usando como armas facões, facas, lazarinas, lanças, e mais outros instrumentos curtos. Portanto, uma luta de vida e de morte aos gritos de MATA! MATA! lançando-se furiosos sobre os soldados". Estes abriram fogo sobre os combatentes insurretos, matando 3 homens e uma mulher. Tendo anoitecido, os calhambolas enfurnaram-se nas ma-

tas próximas a fim de reorganizarem-se. Destacou-se sobremaneira nesse embate uma escrava chamada Zeferina, "de arco e flecha nas mãos, lutando ferozmente, até ser presa". Foi encontrada entre os quilombolas "um soldado do 1º Batalhão da 2ª Linha, Cristovão Vieira, preso em sua casa em companhia do negro Francisco Romão". Segundo relato de Alípio Goulart "posteriormente, alguém confessou que vários escravos eram reunidos na Rua da Oração em um casebre. A polícia os cercou e aprisionou nove escravos e um pardo".

Em documento dirigido ao Chefe da Polícia, um dos comandantes das tropas encarregadas da destruição do Quilombo do URUBU, José Balthazar da Silveira, relata: "prendi a negra Zeferina, a qual se achava com arco e flecha na mão, e achei três negros mortos e uma negra, e alguns sacos de farinha e bolacha, e como já fosse noite... deixei perto do lugar o Sgto. e soldados de Pirajá, para observar qualquer movimento que houvesse". Este documento é datado de 17 de dezembro de 1826.

O exemplo magnífico da negra Zeferina que de arma em punho vendeu caro a derrota, as múltiplas formas encontradas pelos insurretos para combater a violência e a escravatura servem como fonte de inspiração para o povo brasileiro construir sua unidade e sua liberdade.

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ANITA GARIBALDI

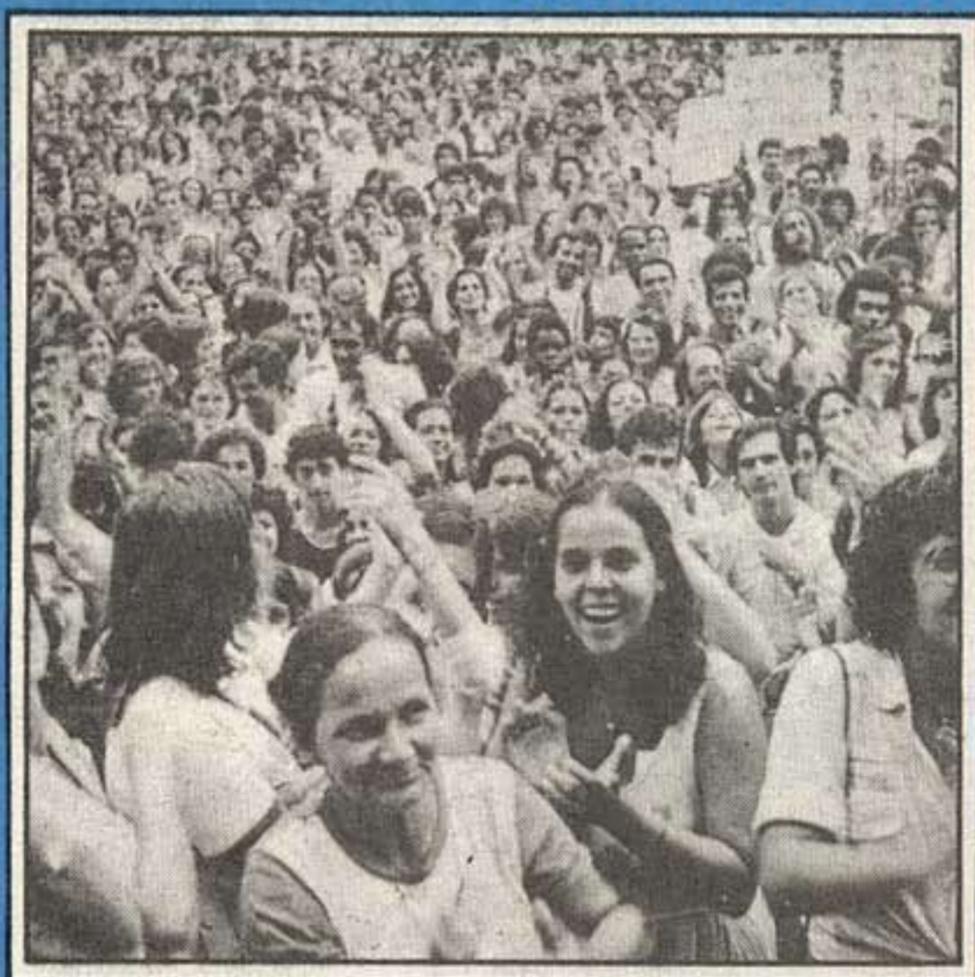


Leia, Divulgue e Assine a **Tribuna Operária**
Colabore para a Reconstrução da Sede do Jornal

Novo lançamento da Editora Anita Garibaldi

**Em Defesa dos Direitos
e da Emancipação
da Mulher**

Luísa Moraes



editora Anita Garibaldi

No quadro das significativas transformações vividas pela sociedade brasileira nos dias que correm, um dos fenômenos mais relevantes é o impetuoso despertar das mulheres. Hoje, torna-se cada vez mais numeroso o contingente de massas femininas a engrossar as fileiras do movimento operário, democrático e popular. Partindo da evidência de que sem a efetiva

participação política da mulher, não haverá verdadeira transformação revolucionária da sociedade, oferecemos este trabalho ao público leitor, certos de estarmos contribuindo para que vingue em nosso país uma justa compreensão em torno de tão candente tema: a luta pela emancipação da mulher.